



Educação Anarquista

Experimentos

Francisco Ferrer y Guardia
Coletânea

Organizador

Rogério Humberto Zeferino Nascimento



Rogério Humberto Zeferino Nascimento
(org.)

Educação Anarquista Experimentos Francisco Ferrer y Guardia

Coleção Pensamento Social Anarquista - Vol 5



Campina Grande -PB
2025

Os direitos desta edição são reservados à EDUFCG
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE–EDUFCG
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Camilo Allyson Simões de Farias
Reitor

Fernanda de Lourdes Almeida Leal
Vice-Reitora

Mário de Sousa Araújo Filho
Diretor EDUFCG

Simone Cunha
Revisão

Yasmine Lima
Diagramação

João Vitor Pereira da Silva
Capa

CONSELHO EDITORIAL
Adriano Azevedo de Mello (CCBS)
Andréa Maria Brandão Mendes de Oliveira (CCTA)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro Costa Rego (CTRN)
José Wanderley Alves de Sousa (CFP)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Ronimack Trajano de Souza (CEEI)
Valéria Andrade (CDSA)

E24 Educação anarquista – experimentos: Francisco Ferrer y Guardia :
coletânea / Rogério Humberto Zeferino Nascimento (organizador). –
Campina Grande: EDUFCG, 2025.
263 p. – (Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 5).

ISBN 978-85-8001-323-8

1. Educação Anarquista – Trabalhadores. 2. História da Educação no
Brasil. 3. Escola e Sociedade. 4. Movimento Operário. 5. Guardia,
Francisco Ferrer, 1859-1909. I. Nascimento, Rogério Humberto Zeferino.
I. Título. II. Coleção Pensamento Social Anarquista; 5.

UFCG/BC

CDU 37.035:329.285

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

Sumário

• • • • • • • • • • •

Apresentação. Vidas anárquicas. *Rogério de Castro* 9

01 – A Universidade Popular de Ensino Livre. *(Não assinado)* 23

02 – Universidade Popular para instrução superior e educação social
do proletariado. *Carlos Miranda* 27

03 – Universidade Popular. *Carlos Miranda* 31

04 – Exemplo a seguir. *(Não assinado)* 33

05 – Aviso importante. *(Não assinado)* 35

06 – Sobre educação racional. Uma visita a Eslander. *João de Barros* 37

07 – A Escola Moderna em São Paulo. *Leão Aymoré* 41

08 – A Escola Moderna. Uma grande obra de propaganda Apelo caloroso
a todos os companheiros. *Leão Aymoré* 43

09 – Quarta sessão. Décimo primeiro tema: “Educação e instrução das classes
operárias”. *Resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro* 45

10 – Escola Moderna. A festa de inauguração das escolas. *(Não assinado)* 47

11 – Sobre a ação operária. *Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro* 51

12 – Escola Moderna de São Paulo. *Adelino de Pinho. João Penteado* 53

13 – Escola Moderna. Festa escolar e quermesse. *(Não assinado)* 55

14 – Escola Moderna nº 1. Para meninos e meninas. *João Penteado* 57

15 – Escola Moderna nº 2. Ensino racionalista. *(Não assinado)* 59

16 – Escola Moderna de São Paulo. *(Não assinado)* 61

17 – Na Escola Nova. *João Vosgos* 63

18 – O Início. *A Redação* 67

19 – Escola Nova. *(Não assinado)* 69

20 – Escola Moderna nº 1. A nossa festa. *(Não assinado)* 71

21 – Escola Moderna nº 1. Exercícios escolares. *(Não assinado)* 75

22 – Ensino racionalista em São Paulo. *(Não assinado)* 81

23 – Propaganda operária em Ribeirão Pires. <i>Um revoltado</i>	83
24 – O Início. <i>A Redação</i>	85
25 – Exercícios de descrição. <i>Vários</i>	87
26 – Exercícios vários. <i>Vários</i>	89
27 – Aos amigos da Escola Moderna. <i>A Comissão Administrativa da Sociedade Escola Moderna</i>	93
28 – Obras que os operários devem ler. <i>(Não assinado)</i>	95
29 – Escolas operárias. <i>(Não assinado)</i>	101
30 – O que se imprime e recebemos. <i>Adelino de Pinho</i>	103
31 – 13 de outubro. A comemoração da Escola Moderna nº 1. <i>(Não assinado)</i>	105
32 – Francisco Ferrer. As comemorações de 13 de outubro nesta capital. <i>(Não assinado)</i>	107
33 – Estudantes de ontem e estudantes de hoje. Um artigo que vem a propósito. <i>Heitor Moraes</i>	109
34 – Encerram-se as Escolas Modernas de S. Paulo <i>(Não assinado)</i>	113
35 – Em São Paulo fecham-se as Escolas Modernas. <i>Adêlio</i>	115
36 – Boa lição. <i>(Não assinado)</i>	119
37 – A educação associativa. <i>Resoluções do Terceiro Congresso Operário Brasileiro</i>	121
38 – No Rio de Janeiro. Fundação de um Comitê de educação proletária. Um apelo dirigido a todos os homens em geral. <i>(Não assinado)</i>	123
39 – Pela instrução dos proletários. <i>Américo Falleiro</i>	125
40 – Uma bela ideia em marcha. <i>D. Gildo</i>	127
41 – Através dos livros. <i>Renovação</i> – D. Maria Lacerda de Moura. <i>João Penteadado</i>	129
42 – Uma escola racionalista em Porto Alegre. Necessidade premente. <i>P. Santos</i> ...	135
43 – A escola evangélica espanca os alunos. <i>(Não assinado)</i>	137
44 – Livros novos. Da escravidão à liberdade. <i>(Não assinado)</i>	139
45 – À mocidade das escolas. <i>Carolina Boni</i>	141
46 – A nossa festa. <i>(Não assinado)</i>	145
47 – A influência das nossas festas na mentalidade da classe. <i>(Não Assinado)</i>	147
48 – O nosso reaparecimento. A nossa ação. <i>(Não assinado)</i>	149
49 – Bibliografia. <i>(Não assinado)</i>	151
50 – Uma interessante conferência. <i>(Não assinado)</i>	153
51 – Primavera Libertária. <i>(Não assinado)</i>	155
52 – Conferência sociológica. <i>O Centro de Cultura Social</i>	157
53 – Coisas nossas. <i>(Não assinado)</i>	159
54 – Importante para <i>A Plebe</i> . <i>(Não assinado)</i>	161

55 – Dois anos de lutas. <i>O Grupo Editor</i>	163
56 – Legião dos amigos de <i>A Plebe</i> . <i>(Não assinado)</i>	165
57 – Acaba de aparecer: <i>O Evangelho da Hora</i> . <i>(Não assinado)</i>	167
58 – Legião dos amigos de <i>A Plebe</i> . <i>(Não assinado)</i>	169
59 – Educação sexual. Pelo Dr. José de Albuquerque. <i>(Não assinado)</i>	171
60 – Educação sexual. O Círculo Brasileiro de Educação Sexual levou a cabo, em São Paulo, uma série de utilíssimas conferências. <i>(Não assinado)</i>	173
61 – Coisas nossas. <i>(Não assinado)</i>	175
62 – Administração. <i>José Oiticica</i>	179
63 – Ação direta. <i>José Oiticica</i>	181
64 – Apelo. <i>José Oiticica</i>	183
65 – Os nossos livros. <i>(Não assinado)</i>	185
66 – Livros para divulgação do ideal libertário. <i>(Não assinado)</i>	187
FRANCISCO FERRER Y GUARDIA (1859-1909)	189
67 – Ferrer e Nankens. <i>(Não assinado)</i>	191
68 – À memória de Ferrer. <i>A. Galileu</i>	193
69 – Roma não transige! <i>Gigi Damiani</i>	195
70 – As ideias de Ferrer. <i>(Não assinado)</i>	199
71 – O crime de Montjuich. <i>Polidoro Santos</i>	201
72 – A Escola Moderna. <i>Ismaelita</i>	203
73 – 13 de outubro. <i>(Não assinado)</i>	205
74 – 13 de outubro. <i>(Não assinado)</i>	207
75 – 13 de outubro. <i>(Não assinado)</i>	209
76 – Relembrando um crime. 13 de outubro. <i>Zenon de Almeida</i>	211
77 – Francisco Ferrer. <i>Vlan</i>	213
78 – Treze de outubro. <i>(Não assinado)</i>	215
79 – Relembrando. <i>Andrade Cadete</i>	217
80 – O aniversário fúnebre de um justo. <i>Suvarine</i>	219
81 – No aniversário de um crime. <i>Zejo Costa</i>	221
82 – Ferrer. <i>João Penteadado</i>	225
83 – Francisco Ferrer. <i>Pinho de Riga</i>	227
84 – Ferrer e a humanidade nova. 1909 / 13 de outubro / 1921. <i>José Oiticica</i>	229
85 – 13 de outubro. <i>João Penteadado</i>	233
86 – Francisco Ferrer. <i>(Não assinado)</i>	237
87 – Francisco Ferrer. <i>(Não assinado)</i>	241
88 – A obra de Francisco Ferrer. <i>Isabel Cunha</i>	243

89 – Francisco Ferrer. <i>José Oiticica</i>	247
90 – Comemoração de Francisco Ferrer no “Paraíso”. (<i>Não assinado</i>)	253
91 – Em Campinas. Comemoração de Ferrer e a Liga Anticlerical. (<i>Não assinado</i>) ..	255
92 – Francisco Ferrer. <i>Souza Passos</i>	257
93 – Centro de Cultura Social. (<i>Não assinado</i>).	259

Apresentação



Vidas anárquicas

ENTRE OS MUITOS AFORISMOS RECOLHIDOS POR DEOLINDA Lopes Vieira ao longo dos anos em que conviveu com Adolfo Lima, consta no acervo do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, mais precisamente no espólio batizado com o nome dessa educadora, um axioma que consigna, em justa medida, o significado do termo “Educação”. Nele, o diligente professor da Escola Oficina de Lisboa, instituição em que lecionaram juntos durante o primeiro quartel do século XX, propõe que “o ser humano não foi feito para produzir, mas para criar”, asserção cujo espírito parece não ter encontrado, ainda hoje, o devido amparo em nossas instituições.

Nesse espírito, uma das inúmeras vozes de protesto em relação ao fechamento sumário das Escolas Modernas de São Paulo pugnava, naquele fim de 1919, que os “ninhos de liberdade” dirigidos por João Pentead e Adelino de Pinho divisavam, malgrado as dificuldades enfrentadas, contribuir para a formação de “pessoas que pensem, que sintam, formem opinião de todos os fenômenos sociais sem preconceitos, sem ideias preconceituosas, por impulso próprio, por raciocínio pessoal”.¹ Tal preocupação com a autodeterminação do indivíduo, elemento fundamental para a pedagogia racionalista, insere-se num debate educacional cujo gênese nos reporta ao conceito de instrução integral e aos congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Portanto, a tarefa

[1]. Artigo 33: “Em São Paulo, fecham-se as Escolas Modernas”.

de estabelecer a trajetória histórica da qual fazem parte as experiências anarquistas em solo brasileiro, também no campo da instrução popular, exigem, em primeiro lugar, reconhecer a preocupação permanente daqueles militantes cuja “vida anárquica” mourejou pelo trabalho na educação.

Breve histórico

NO CONGRESSO DE LAUSANNE (1867), A ATENÇÃO DOS INTERNACIONALISTAS com o futuro dos trabalhadores demandou reflexões acerca da preparação dos trabalhadores do futuro. Nesse prisma, a noção de que tanto a escola quanto a fábrica constitui experiências pedagógicas *per se* ensejou o reconhecimento das ideias de Pierre-Joseph Proudhon sobre a instrução politécnica e a emancipação social. Assim, prevaleceu o senso de que a elaboração de uma proposta pedagógica de cunho classista, tal como a emancipação do conjunto dos trabalhadores, também constitui um dever da classe, de tal maneira que a escola-oficina foi considerada como ambiente imprescindível para a vinculação do “pensar” e do “fazer” na formação dos trabalhadores.

No ano seguinte, durante o Congresso de Bruxelas, Paul Robin apresentou aos demais delegados um estudo preliminar sobre os fundamentos dessa pedagogia classista. Nas proposições do educador francês, as seções da Internacional deveriam organizar cursos de ensino científico e profissional com base nos pressupostos da instrução integral preconizada por Mikhail Bakunin, conceito segundo o qual a escola deve zelar pelo desenvolvimento físico, intelectual e social das crianças, de modo que consigam reunir condições para “pensar” e “fazer”.

Mais adiante, ao longo dos meses em que os *communards* assumiram o controle de Paris, Paul Robin e seus camaradas procuraram colocar em prática as conclusões construídas durante as sessões da AIT. De fato,

tanto os debates da Internacional quanto as experiências pedagógicas que tiveram lugar no curto período em que vigorou a Comuna de Paris (1871) serviram ao pensamento educacional de Robin e sua percepção da escola enquanto barricada permanente, constatação que orientou as experiências que realizou à frente do Orfanato Prévost (1880-1894).

Não há dúvida de que a Escola Moderna de Barcelona encontrou um fio condutor no legado de Paul Robin. Fundada pelo educador catalão Francisco Ferrer y Guardia, a Escola Moderna logo contou com iniciativas análogas na Espanha e em outros países da Europa. Vale destacar que a Escola Oficina de Lisboa, ainda que criada pela iniciativa dos meios maçônicos, incorporou os fundamentos da pedagogia racionalista de Ferrer y Guardia, sobretudo em função das contribuições de Adolfo Lima e outros professores anarquistas, dentre os quais destacamos António Pinto Quartim e Deolinda Lopes Vieira.

A prisão de Francisco Ferrer em 1909, sob a acusação de instigar campanhas contrárias ao imperialismo espanhol no Marrocos, encorajou a organização de comitês em sua defesa. No Brasil, na sequência do seu fuzilamento na fortaleza de Montjuich, esses comitês se converteram em comissões pró-Escola Moderna. Em outras palavras, ao esforço de aglutinação dos trabalhadores em torno das questões culturais, tais como teatro e a imprensa operária, foi acrescida a iniciativa deliberada de fundar escolas nos moldes preconizados pela pedagogia racionalista.

Contudo, ainda que as instituições que resultaram da ação dos comitês pró-Escola Moderna não tenham constituído as primeiras iniciativas de franquear a educação a partir dos movimentos sociais, delas advieram experiências mais consistentes. Na capital paulista, as Escolas Modernas no.1 e no. 2, dirigidas respectivamente por João Penteadado e Adelino de Pinho, assim como a Escola Moderna de São Caetano, coordenada por Florentino de Carvalho, vincularam-se ao contexto de luta social do período e dinamizaram os sindicatos operários, oxigenando os organismos de classe para que ultrapassassem as lutas mais imediatas.

Francisco Ferrer y Guardia e a pedagogia racionalista

ANTES DE ABORDARMOS, ESPECIFICAMENTE, AS ESCOLAS MODERNAS de São Paulo, precisamos desenvolver, um pouco mais amiúde, a trajetória de Francisco Ferrer y Guardia e sua pedagogia racionalista.

Educado nos princípios católicos que predominavam nos arrabaldes rurais da Catalunha, Ferrer y Guardia mudou-se para Barcelona, onde ingressou nos círculos republicanos, conduta que terminou por custar o exílio. Uma vez em Paris, iniciou suas atividades pedagógicas como professor de espanhol, aproximando-se da Liga pela Regeneração Humana, coletivo através do qual alcançou as propostas educacionais de Paul Robin e seus companheiros da Internacional.

Ao voltar para Barcelona, empregou a herança que recebera de uma colaboradora na fundação da Escola Moderna, espaço onde pretendia desenvolver as teorias descobertas durante a permanência na França. Difundida com o nome de pedagogia racionalista, não apenas pela crença do seu idealizador numa ciência a serviço da humanidade, mas talvez como tentativa de esquivar as atenções dos grupos conservadores, a Escola Moderna de Barcelona priorizou a autonomia dos estudantes e a produção de materiais didáticos próprios. Nesse sentido, em sintonia com o movimento que ficou conhecido como Escola Nova, tanto defendeu a coeducação dos sexos quanto reconheceu a necessidade de envolver o conjunto da comunidade escolar nas questões educacionais.

Outro aspecto enfatizado pela Escola Moderna consistiu no emprego de aulas passeio enquanto alternativa ao elevado custo de manutenção das oficinas. Nas visitas ao interior das fábricas, os educadores propunham uma reflexão acerca das condições de vida e trabalho dos operários. Ao mesmo tempo, as questões de saúde também foram objeto de preocupação e intervenções pedagógicas. Coordenado por um médico,

o mapeamento do estado físico e sanitário dos estudantes resultou na produção de cadernos de higiene, que deveriam evitar epidemias.

Dessa maneira, as reuniões domingueiras dedicadas ao debate sobre o cotidiano escolar também serviam para a instrução dos adultos acerca das questões de saúde básica, pressuposto que, por sua vez, abria espaço para conversas mais amplas. Como podemos perceber, a Escola Moderna não somente incorporou o conceito de “comunidade escolar” como buscou converter-se num ambiente propício para múltiplas análises. Assim, suscitou o diálogo sobre aspectos que ultrapassavam o espaço da escola, permitindo a prática do apoio mútuo em assembleias comunitárias que enfatizavam o caráter revolucionário da educação.

Em 1908, sete anos após sua fundação, a Escola Moderna de Barcelona contava com similares em Madri e Sevilha, circunstância que trouxe desconforto aos meios confessionais, principais responsáveis pela instrução na Espanha daquele período. Conduzido novamente ao cárcere, desta vez pela acusação de incitar a greve geral e a desobediência dos reservistas ante a guerra no Marrocos, Ferrer y Guardia foi sentenciado e executado a portas fechadas aos treze de outubro de 1909. Como observou Anatole France, Ferrer fora absolvido do atentado promovido contra a carruagem real em 1906, mas jamais foi perdoado pelo “crime” de fundar escolas.

Consternados pela morte de Ferrer, os organizadores dos comitês paulistas em defesa de sua vida converteram tais associações em comissões dedicadas à fundação de Escolas Modernas. Através da imprensa operária, organizaram palestras, campeonatos de futebol e feiras beneficentes para arrecadar os fundos necessários. Além disso, buscaram, entre os companheiros de militância operária, aqueles com melhores condições profissionais para dirigir seus “ninhos de liberdade”.

Nessa caminhada, cujo norte apontava para o princípio ético de erradicar as diferenças sociais, a Escola Moderna no.1 iniciou suas atividades na capital de São Paulo aos treze de maio de 1912, seguida pela Escola Moderna no.2 e demais congêneres espalhadas pelo interior do estado.

TALVEZ A PRIMEIRA INDAGAÇÃO NECESSÁRIA AO ESTUDO DA PEDAGOGIA racionalista diga respeito ao elemento que a difere das concepções de Adolphe Ferrière e do movimento que ficou conhecido como Escola Nova. Afinal, uma vez que compartilham basicamente os mesmos recursos pedagógicos, que razões teriam motivado a proibição do funcionamento das Escolas Modernas?

Devemos observar, antes de tudo, que o desejo de superar as formas indiretas de gestão proporcionou contornos específicos às Escolas Modernas. Nesse sentido, longe de pretender regenerar o cidadão e a sociedade, os organizadores dessas instituições ousaram promover outras formas de administração com o fito de implantar, imediatamente, a anarquia.

Apesar de contar com um espectro amplo de colaboradores, as Escolas Modernas foram organizadas por trabalhadores/militantes recrutados entre as fileiras anarquistas, razão pela qual estabeleceram íntima relação com os organismos de classe e o projeto de transformação social por eles desejado. Ao fim e ao cabo, em que pese o significado da execução de Francisco Ferrer y Guardia e dos comitês em defesa do seu legado, a fundação de Escolas Modernas no Brasil atendeu, sobretudo, as resoluções do Congresso Operário de 1906.

Portanto, mais do que uma ação espontânea, realizada por um conjunto de homens e mulheres que sonhavam com uma humanidade justa e fraterna, constituiu na ação promovida por um coletivo interessado em dar consequência ao que fora deliberado nas instâncias representativas da classe trabalhadora. Nestas, por outro lado, preponderavam os postulados do anarquismo, parcela do pensamento político e social cujo gênese nos remete à Internacional, de tal sorte que, em consonância com as decisões do Congresso de Bruxelas (1868), as Escolas Modernas deveriam oxigenar os sindicatos *pari passu* ao movimento de politização do ensino.

Nesse esforço de inserir as crianças num contexto em que predominassem relações ancoradas no “apoio mútuo” e na “ação direta”, pilares da sociedade de produtores/consumidores sonhada pelos anarquistas, a

Escola Moderna no.1 valorizou as atividades infantis. Para tanto, elaboraram o jornalzinho *O Início*, gazeta em que as crianças deveriam exercitar a língua portuguesa e as habilidades técnicas necessárias à sua confecção, além da solidariedade no equilíbrio entre os desejos individuais e as necessidades coletivas. Assim, articulariam o “pensar” e o “fazer” nos moldes defendidos por Proudhon, Bakunin, Robin e Ferrer.

Através dos exercícios epistolares publicados em *O Início*, somos capazes de especular acerca da ênfase dada à Instrução Integral na Escola Moderna no.1.

UM PASSEIO À MARGEM DO TIETÊ

No sábado, dia 6 de março, nós nos reunimos todos às 7 horas da manhã na nossa Escola e cantamos os hinos “A mulher” e o “Primeiro de maio”. Depois de meia hora, saímos e descemos a Rua Catumbi, tomamos a travessa do mesmo nome, fomos pela rua dos Prazeres, descemos a rua Cachoeira e seguimos uma rua cujo nome eu não sei. Eu vi pelo caminho uma pontezinha na travessa da Rua Catumbi. Lá o nosso professor nos explicou que os troncos da taquara se chamam rizoma e que esses troncos caminham debaixo da terra. Ao chegarmos ao rio Tietê, vimos barcas dentro e fora do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio.

Vimos as barcas no meio do Tietê e também uns meninos caçarem peixes. Depois brincamos de caracol e ciranda-cirandinha. O João Bento, o Bruno, o Ernesto, o Carlos Chiesa e o Abílio Bento recitaram. Na ida, vimos um cavalo morto e o Miniere botou flores em cima dele. O professor disse que o Miniere fez bem de botar flores em cima do cavalo morto. Na volta, o professor nos mandou pegar uma varinha com flores e pegamos também taquaras de bambu. O Abílio Bento fez um estoque para mim. Na ida e na volta, nos sentamos em cima de um ventilador de esgoto. Chegamos a nossa Escola quando faltavam 25 minutos para as dez horas. Depois o professor nos deu os cadernos e fomos embora para nossas casas.

EDMUNDO MAZZONE²

[2]. Artigo 21: “Escola Moderna nº.1 Exercícios Escolares”.

Como podemos observar, a redação do pequeno Edmundo Mazzone revela a preocupação do professor com a instrução física dos estudantes, tanto pelo esforço inerente à caminhada quanto pelas brincadeiras de “caracol e ciranda-cirandinha”. Ao mesmo tempo, o mestre parece ter escolhido um espaço um tanto inusitado para o necessário descanso. Muito provavelmente, pretendia provocar nas crianças a curiosidade sobre as condições do local, de maneira que confrontassem a paisagem natural com os efeitos do progressivo crescimento urbano. Ainda em relação à instrução intelectual, percebemos que as explicações sobre os vegetais atendem a demanda dos meninos, valorizando o prazer da descoberta e o desejo pelo aprendizado. Finalmente, entrevemos a instrução social nos gestos de solidariedade promovidos por Maniere e Abilio Bento.

Contudo, malgrado o esforço dos envolvidos com o projeto político pedagógico da Escola Moderna, os conflitos sociais e os preconceitos também alcançavam o “chão da escola”. Majoritariamente composta por filhos de imigrantes, conforme indicam os sobrenomes dos matriculados, o bairro de funcionamento, além das imagens iconográficas disponíveis no Arquivo João Penteado (acervo do Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo), a Escola Moderna nº 1 não permaneceu imune ao preconceito racial, aspecto presente na redação do menino Pedro Passos.

NOSSA VISITA À ESCOLA Nº 2

Sábado, dia 20 de junho de 1914, nós fomos visitar a Escola Moderna nº 2, da qual é professor Adelino de Pinho. Saímos daqui à uma hora, desceremos a Rua Saldanha Marinho e pegamos a Avenida Celso Garcia. Nela vimos dois carretéis grandes de canos para encanamento de gás e mais dois pequenos de arame grosso para a rede elétrica. Eu vi também uma preta tocando viola na mesma avenida.

Depois chegamos ao jardim da Concórdia e vimos o teatro Colombo. À frente dele, vimos belos anúncios de fitas cinematográficas. Dali nos dirigimos à Escola Moderna nº 2. Nela nos demoramos até as duas e meia. Fomos bem recebidos.

Os meninos de lá recitaram e cantaram, e nós também fizemos a mesma coisa. O Professor Adelino de Pinho também recitou e nos fez uma sau-

dação. Na volta, o Carlos Lampo descontentou ao nosso professor, porque brigou com um pobre menino que estava distribuindo anúncios na rua. Foi bom o passeio. Eu gostei de ouvir os cantos e recitativos daqueles colegas.

Pedro G. Passos³

Por outro lado, o contato entre os estudantes das escolas do Belenzinho e do Brás reforçava a promoção da solidariedade. Além disso, as redações contidas em *O Início* e as informações do *Boletim da Escola Moderna*, periódico através do qual sua direção divulgava dados financeiros, listas de matrículas, entre outras informações relevantes, abordam ainda informações sobre os festejos escolares. Nessas solenidades, exaltavam-se a abolição da escravidão, o primeiro de maio, o quatorze de julho e a Comuna de Paris, sempre reforçando o vínculo com os sindicatos que tanto compareciam aos eventos quanto custeavam, com captações de recursos, boa parte dos custos da Escola Moderna.

Ainda sobre os exercícios epistolares, sinalizamos os frequentes erros ortográficos que constam nas páginas de *O Início*. Sobre tal característica, destacamos a intenção de superar prêmios e castigos enquanto estratégia capaz de oferecer aos estudantes a confiança necessária para avaliar, através dos próprios resultados, o progresso alcançado em cada atividade. Nessa lógica, de maneira oposta aos modelos convencionais, os meninos e meninas não deveriam ter vergonha dos erros cometidos, mas tranquilidade para aceitar a dinâmica de cada um na construção do próprio conhecimento. Dessa maneira, os professores auxiliavam as crianças a se tornarem os principais mestres de si, aspecto fundamental para a autonomia exigida numa sociedade organizada a partir da ação direta.

O que pretendemos demonstrar é que, agindo como “minorias ativas”, os diretores das Escolas Modernas procuravam estimular relações sociais baseadas no apoio mútuo, na ação direta e no federalismo, elementos centrais da sociedade livre que desejavam construir.

Escolhido para administrar a Escola Moderna nº 1 em função da sua experiência no magistério, o professor João Penteado, natural de Jaú, no

[3]. *Ibidem*

interior de São Paulo, colaborava com a imprensa operária e costumava palestrar pelo interior enquanto militante anarquista. Ao lado de Adeline de Pinho, imigrado de Portugal aos 21 anos de idade, e de Florentino de Carvalho, pseudônimo do imigrante espanhol Primitivo Raymundo Soares, Penteado foi um autodidata que concebeu a educação e o trabalho como condicionantes do progresso da humanidade.

Enquanto esses desconhecidos educadores seguiam com o projeto das Escolas Modernas, outros trabalhadores/militantes anarquistas procuravam levar adiante a fundação de uma Universidade Popular. Tal como ocorrera em relação aos colégios, agregaram nesse intento um conjunto amplo de colaboradores, sem conseguir lograr o mesmo sucesso alcançado com a educação infantil. Sem fins lucrativos e destinada a um público abrangente, a Universidade Popular funcionou por um curto período.

Portanto, conforme podemos constatar, as experiências educacionais promovidas pelos anarquistas procuraram garantir a distribuição social do conhecimento com vistas a uma instrução laica, não estatal, voltada para a formação integral dos trabalhadores.

Contudo, com a explosão de uma bomba no Brás, a Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo encontrou o argumento necessário para o fechamento dessas iniciativas populares em educação. Entre os envolvidos na façanha, encontrava-se José Alves, diretor da Escola Moderna de São Caetano, fato que garantiu ao diretor de Instrução Pública transigir aos apelos dos meios confessionais acerca do “caráter extremista” da pedagogia racionalista. Acrescentamos, ainda, os temores de uma nova greve geral nos moldes deflagrados em 1917, assim como a sombra da Insurreição Anarquista de 1918.

Em virtude do peso desses elementos no contexto político e social do período, a Escola Moderna nº1 foi acusada de não cumprir as exigências legais para funcionamento, circunstância que conduziu ao encerramento das suas atividades, apesar dos apelos de João Penteado junto ao Supremo Tribunal de Justiça. Tudo somado, não tardou para que suas congêneres vivenciassem os mesmos contratemplos legais. Apesar dos dissabores, João Penteado não tardou a reabrir o educandário do Belenzinho, agora com o nome de Escola Nova, recurso que parece disfarçar as feições ferretianas do projeto político pedagógico original. Afinal, devemos re-

cordar que o discurso escolanovista era, àquela altura, gradativamente incorporado pelo Estado brasileiro.

O anarquismo ao alcance de todos

POUCO TEMPO APÓS INICIAR MINHAS PESQUISAS SOBRE AS ESCOLAS Modernas de São Paulo, tive a sorte de encontrar, numa dessas bancas que circulam pelas universidades, uma brochura cuja simplicidade distinguia das demais publicações. Guarneceando esse livreto artesanal, impresso em folhas recortadas por guilhotina de uso manual, uma capa de papelão trazia, numa etiqueta fixada com cola branca, símbolos da acracia emoldurados pelo título do trabalho.

Ao tomar o modesto caderninho nas mãos, não pude deixar de recordar um dos principais escritos do mestre José Rodrigues Leite e Oiticica. Afinal, aquele opúsculo barato materializava, graças ao arrojo dos seus editores, “a doutrina anarquista ao alcance de todos”. Em contraste com a simplicidade daquela estética “marginal”, a sofisticação do conteúdo revelado luziu, aos olhos deste pesquisador, como um valioso tesouro.

Naquele momento percebi, numa mistura de alívio e contentamento, que malgrado as distâncias que adiavam a visita aos arquivos paulistas, poderia avançar em minha pesquisa através da leitura dos documentos reunidos pelo autor da brochura. Esse pioneiro dos estudos sobre a pedagogia racionalista no Brasil, especialista que conheci por intermédio do contato inesperado com o tomo inicial de *Educação Anarquista*, hoje me confere o privilégio de retribuir sua generosidade, mediante a apresentação desta nova empreitada.

Ao examinarmos os documentos contidos no primeiro volume de *Educação Anarquista*, seleta editada em 2012 para celebrar o centenário de inauguração da Escola Moderna nº1, nos defrontamos com os “saberes, ideias e concepções” que orientaram os “experimentos” anarquistas no campo da educação, tema reservado ao trabalho que ora vem a lume. Portanto, com o mesmo cuidado de manter a doutrina ao alcance de todos, *Educação Anarquista - Volume 2* acompanha, ainda, uma reedição

do primeiro tomo em formato digital, configuração que permitirá um número ainda maior de acessos.

Nesse sentido, uma vez apresentadas as teorias educacionais anarquistas, Rogério Nascimento agora oferece, sempre através da pena daqueles que protagonizaram a instrução popular, uma abrangente coletânea de artigos voltados para o cotidiano das Escolas Modernas brasileiras. Todavia, ainda que militantes como João Penteado e Adelino de Pinho ilustrem, mais uma vez, a aventura educacional deflagrada pelos trabalhadores anarquistas, Nascimento nos reserva, doravante, especial destaque para as redações das crianças que animaram as Escolas Modernas de São Paulo.

Ao consultarmos a primeira parte de *Educação Anarquista - Volume 2*, observamos a dedicação dos anarquistas com a oferta do conhecimento. Ao mesmo tempo, verificamos as iniciativas de captação de recursos para o funcionamento das Escolas Modernas, além da preocupação com a formação de trabalhadores em educação que valorizassem a ação direta, o mutualismo e as relações horizontais ensejadas pelo pensamento anarquista.

No que se refere ao cotidiano da escola do Belenzinho, acessamos informações que relatam o valor das mensalidades, critérios para cobrança, balancetes financeiros, horários de funcionamento, grade escolar, organização das aulas passeio e dos eventos que estimulavam relações de solidariedade com sua congênere no bairro do Brás.

Sobre os estudantes, os exercícios, extraídos do jornalzinho *O Início*, revelam o interior das casas operárias, os divertimentos infantis, a literatura deixada ao alcance das crianças, além do respeito ao gênero feminino nas aulas sobre educação sexual e nos hinos entoados nas festas comunitárias. Também observamos a valorização do trabalho enquanto garantidor da igualdade e do direito, a proximidade da Escola Moderna com os sindicatos operários e a valorização da memória de Francisco Ferrer y Guardia, personagem presente desde a decoração das salas de aula até as solenidades em sua homenagem.

Não por acaso, a coletânea se debruça, num segundo momento, sobre os artigos dedicados à influência de Ferrer y Guardia junto aos anarquistas daquele início de século. Entre diversos títulos, sinalizamos uma “alocução do camarada José Oiticica na Liga Anticlerical do Rio de

Janeiro”,⁴ oportunidade em que os presentes recordaram a trágica morte do educador catalão. Retornando aos textos elencados na primeira parte, constatamos que, na direção apontada por Ferrer, os estímulos ao internacionalismo da classe, os questionamentos aos conflitos mundiais e a rejeição aos castigos corporais corroboram as críticas aos “espancamentos” efetuados nas instituições confessionais.

Em última instância, os documentos reunidos por Rogério Nascimento demonstram que as iniciativas anarquistas de organização operária priorizam, fundamentalmente, a instrução popular enquanto princípio ético para a superação das diferenças sociais. Ao mesmo tempo, seu trabalho de pesquisa comprova que a rejeição dessas iniciativas, destacadamente seu caráter horizontal, acarreta a desvalorização da própria capacidade de organização da classe.

Portanto, enquanto beneficiário da erudição e da produção desse dedicado militante das letras libertárias, meu estimado xará, recomendo a leitura atenta dos artigos reunidos nos volumes de *Educação Anarquista*. Com a publicação do volume 2, Rogério Nascimento encerra o ciclo iniciado em 2012, recuperando, mais uma vez, a memória de Ferrer e as realizações daqueles trabalhadores e estudantes paulistas. Em consequência disso, demonstra que, em 2019, cem anos após seu fechamento, a Escola Moderna ainda inspira, com suas experiências revolucionárias, a necessidade de valorizarmos a essência transformadora da educação.

Niterói, agosto de 2019.
Rogério de Castro

[4]. Artigo 70: “Francisco Ferrer”.

01

A Universidade Popular de Ensino Livre⁵

• • • • •

NÃO HÁ, REALMENTE, NADA MAIS DIGNO DE APLAUSOS DO QUE ESSE esforço dum grupo de homens, conhecidos pela sua dedicação às ideias novas, que, no meio das lucubrações do nosso tempo, tomaram a iniciativa duma obra verdadeiramente generosa como é a Universidade Popular de Ensino Livre, destinada a fazer a educação das sensibilidades e a cultura das inteligências, instituição que é uma necessidade inadiável no nosso meio.

Nenhuma propaganda é mais fecunda do que essa nova forma de ação que tão largamente se pratica no estrangeiro. Ninguém poderá negar os benefícios que nos há de trazer esta obra soberba; porque no dia em que o povo tornar-se consciente, a questão social terá sua solução definitiva, e o papel dessa nova associação não é senão o de constituir uma consciência popular. O proletariado compreendeu a necessidade de instruir-se e de apoderar-se das armas poderosas do pensamento. Por toda parte se fundam e se multiplicam essas UP, destinadas a espalhar entre os trabalhadores as riquezas intelectuais por tanto tempo açambarcadas pelas classes protegidas. O Brasil, onde as correntes filosóficas progressivas se desenvolvem cada vez mais, não podia fugir do contato dessas ideias vitoriosas. Se bem que o operariado entre nós, desorganizado, sem movimentos e sem iniciativas, quase indiferente aos seus destinos, não possua as qualidades excelentes do operariado europeu, todavia,

[5]. (Não assinado). *Kultur*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 01, p. 5, mar. 1904.

uma pequena minoria que pensa, que estuda e que medita, amante do progresso e da vida, não podia deixar de ser atraída por esse generoso movimento que lá fora toma proporções gigantescas, unindo seus esforços comuns com o fim de empreender a cultura geral dos espíritos pela difusão do saber sob todas as suas formas. É obedecendo a esta ordem de ideias e como resultado da aproximação de diversos espíritos, dirigidos pelo mesmo ideal, que surge neste momento a UP de EL, constituída por velhos e novos, proletários das escolas e das oficinas, trabalhadores intelectuais e manuais, irmanados pelo mesmo pensamento e tornados solidários para a ação social.

A UP de EL se dirige a todos os homens de boa vontade, sem distinção de crença nem partido, a todos aqueles que aspiram à redenção total da espécie, ela não é uma capela, uma igreja, uma nova sociedade política, senão um centro livre de ensino e de cultura, criado exclusivamente para empreender a educação social do proletariado. O seu fim principal é a instrução superior e positiva, e, sobretudo, a instrução daqueles que a burguesia condenou ao ostracismo. O plano da UP é muito vasto e abrange todos os meios capazes de contribuir à educação dos sentimentos e à cultura das inteligências do humano ser. Ela tem por fim: organização dum curso de ensino superior de acordo com a ciência moderna, criação duma biblioteca e dum museu social, realização de conferências públicas sobre os mais importantes assuntos sociais, excursões científicas, artísticas e expansivas, concertos, festas campestres, etc., criação duma revista que seja o órgão da universidade, em resumo, fundação dum centro popular tendo por fim as teses, o prazer e a instrução – e a união moral entre os seus cooperadores. A UP será profundamente tolerante: não excluirá ninguém do seu seio, pois deseja estabelecer uma união necessária entre os que pensam e os que trabalham.

A UP de EL, cuja ideia tem sido tão calorosamente acolhida, contando já um grande número de aderentes para realizar sua nobre missão, conta com o apoio moral e o precioso concurso intelectual de personalidades eminentes na ciência, na literatura, na arte, entre os quais, se eu

⁶ risados do pensamento brasileiro. À competência de homens ilustres como Silvio Romero, Rocha Pombo, José Veríssimo,

[6]. Palavras ilegíveis na fotocópia consultada.

Vicente de Souza, Araújo Viana, Felisbello Freire, Silva Marques, Laudelino Freire, Fausto Cardoso, Borges Carneiro, Manuel Curvelo, Antonio Austregésilo, Fabio Luz, Carvalho e Behring, Evaristo de Moraes, Elysio de Carvalho, Deodato Maia, Ovídio Manaya, Alfredo Soares, Pedro Couto, Joel de Oliveira, Reis e Carvalho e muitos outros, estão confiados os principais cursos que terão lugar no primeiro ano de ação. Outros espíritos autorizados prometeram realizar conferências públicas periódicas sobre diversos assuntos suscetíveis de interessar o público. Ela conta também com o apoio moral de várias notabilidades para a formação do *Comitê de Proteção* em que figurarão os mais eminentes dos nossos mestres, sem distinção de opinião política, cuja missão é velar pela existência da UP e guiar os seus cooperadores com seus sábios conselhos.

A UP de EL reclama a cooperação de todos. Ela faz um caloroso apelo a todas as pessoas generosas, a todos os homens de boa vontade, para a realização dessa obra majestosa. Todos, mas todos, podem cooperar à vida de tão útil associação, fazendo parte do *Comitê de Proteção*, inscrevendo-se como cooperador, enriquecendo com donativos à biblioteca e ao museu social, dando fraternalmente lições e realizando conferências, contribuindo com donativos pecuniários, dispensando um pouco do seu trabalho e da sua atividade, e mais do que tudo isso, dispensando afeto e entusiasmo. Ela, em troca, oferecerá um pouco de luz, distribuirá conhecimentos vários e vários ensinamentos, dará um pouco de conforto e de sociabilidade, espalhará estímulos e alegrias, oferecerá, às vezes, o prazer que conforta a alma e o saber que fortifica o cérebro e, tudo isso, da melhor boa vontade possível.

A UP de EL dispõe presentemente de recursos modestíssimos. Ela, que não é absolutamente uma empresa mercantil, necessita recolher fundos pecuniários para sua instalação, que vai ser modestíssima, os quais podem muito facilmente ser dispensados pelos trabalhadores e pelos homens generosos. Ela conta já com um grande número de aderentes, mas não serão suas contribuições reduzidas ao mais estrito mínimo, que permitirão levar a cabo tão importante iniciativa. O *Comitê de Administração* realizará muito proximamente uma grande reunião, para a qual serão especialmente convidadas todas as associações, para resolver a melhor forma de desenvolver a propaganda em favor da UP, a fim de que tenha uma existência duradoura. Trabalhos importantíssimos serão discuti-

dos, os quais postos em prática devem produzir bons resultados para o bom funcionamento dessa útil associação. Tratar-se-á de conseguir de todo o proletariado consciente a fundação dum *Comitê de Propaganda* para se reunir os meios necessários, duma maneira suave para todos, para o desenvolvimento da UP e da organização duma grande *rifa literária e artística* em benefício da UP, composta de numerosos prêmios constituídos por livros de propaganda, objetos de arte, etc.

A revista *Kultur*, que adere com toda a sinceridade a essa obra imensa, faz um caloroso apelo a todos os seus amigos, a todos os sinceros, a todos os amantes do saber e do progresso, a todos aqueles que se interessam pelos destinos do proletariado e a todos os elementos conscientes do operariado, para que não abandonem essa tão bela iniciativa que tão relevantes serviços prestará à causa da humanidade e da justiça. O camarada Elysio de Carvalho distribuirá por estes dias uma brochura, intitulada *Notícia sobre a Universidade Popular de Ensino Livre*, com o intento capital de agitar essa grande ideia e mover os espíritos em torno dessa iniciativa.

02

*Universidade Popular para instrução superior e educação social do proletariado*⁷

• • • • •

A NUNCIAMOS, NO NOSSO PRIMEIRO NÚMERO, A FUNDAÇÃO DA Universidade Popular, criada exclusivamente para empreender a instrução superior e a educação social do proletariado, pela difusão do saber e da beleza sob todas as suas formas, principalmente pela instituição de cursos e de conferências.

O comitê de iniciativa continua no seu verdadeiro apostolado social. A ideia da Universidade Popular foi calorosamente acolhida. Ela vai abrindo caminho, penetrando as consciências, precisando-se. São muitos os estímulos que os seus organizadores têm encontrado. É considerável o número de membros aderentes entre quais se encontram muitos dos nossos mais conhecidos companheiros.

O *Comitê de Proteção* conta com o apoio moral de várias notabilidades do nosso meio. A imprensa não deixou passar em silêncio a sua fundação. No mundo dos sábios e dos escritores, ela foi recebida com um carinho inextinguível. Homens ilustres como Felisbello Freire, Erico Coelho, Rocha Pombo, Araújo Viana, José Veríssimo, Silvio Romero, Carvalho e Behering, James Darcy, trouxeram o seu apoio incondicional a tão importante iniciativa. Podíamos multiplicar essas adesões, contentamo-nos em dizer que os artistas, pintores e poetas se voltaram para a Universidade

[7]. MIRANDA, Carlos de. *Kultur*. Rio de Janeiro, RJ. Ano 01, n. 03, p. 6, Floreal (outubro), ano 112, 1904.

Popular, onde irão, sem dúvida, procurar a inspiração duma arte serena e pura que exprimirá melhor a alma forte da cidade justa de amanhã. O proletariado desta capital, concorrendo em massa às conferências preparatórias, dava nada mais do que uma prova do alto interesse que lhe inspirava tão grandioso empreendimento. E tudo isso, portanto, não faz senão preludiar o advento da mais generosa empresa que já surgiu nos nossos tempos em terras brasileiras.

O comitê de organização, composto de camaradas bastante conhecidos pelo seu amor acrisolado às ideias novas, foi, durante dois meses, duma atividade incansável e duma dedicação sem igual na propaganda que empreenderam em favor da Universidade Popular, realizando conferências periódicas nos centros operários desta cidade, nas quais foram distribuídos para mais de 5.000 brochuras, folhetos, revistas, jornais, etc., de caráter doutrinário.

Não nos resta agora senão dizer que o conselho de administração está já constituído fazendo dele parte Elysio de Carvalho, *diretor*; Dr. Manuel Curvello, *secretário*; Tito de Miranda, *tesoureiro*; Mota Assunção, Manuel Moscoso, Caralampio Trillas, Victor Schubnel, A. Paes, Amarante Junior, Pereira da Silva, Martins Fontes e outros, e que os trabalhos da Universidade Popular serão inaugurados, com solenidade e brilhantismo, por todo este mês, tendo para isso adquirido um esplêndido local com todas as comodidades possíveis.

A Universidade Popular interessa a todos os indivíduos desejosos duma ação superior e coletiva, interessa a todos aqueles que querem aumentar o seu saber e esclarecer sua inteligência; interessa a todos os amantes do progresso e a todos os que preconizam um ideal de felicidade universal; interessa principalmente ao proletariado o ornamento das democracias futuras, a fim de que ele seja digno da liberdade e do labor que lhe estão reservados numa sociedade melhor e mais bem constituída.

A Universidade Popular é uma instituição utilíssima, criada especialmente para os trabalhadores que, se compreenderem a alta importância desse maravilhoso projeto, colherão os mais felizes resultados em benefício da sua cultura moral e do seu engrandecimento intelectual, ganhando assim forças para mais facilmente libertar-se da tirania iníqua que o explora.

É preciso que se não abandone esta bela iniciativa, que se auxilie, na medida das suas forças, a criação deste apostolado dum novo gênero, a edificação dos alicerces desse tempo da paz, da fraternidade e do saber do proletariado do Brasil, porque é a educação superior do povo que fará a força das democracias futuras.

03

*Universidade Popular*⁸



É SOB UMA IMPRESSÃO DE TRISTEZA QUE LEVAMOS AO CONHECIMENTO de nossos camaradas o desaparecimento prematuro da Universidade Popular, vitimada pela ignóbil explosão de baixos interesses de vaidade.

Em dois pequenos meses de trabalho, vimos essa formosa obra funcionando admiravelmente pela incansável dedicação de um grupo de belos espíritos, como Felisbello Freire, Rocha Pombo, Sinésio Faria, Fábio Luz, Pedro Couto, Platão de Albuquerque, Rodrigues de Souza, Francisco As, Pereira Silva e alguns outros. Ilustrados dignos da boa causa, secundaram admiravelmente os esforços do conselho de administração, sem recompensas, sem vaidades e sem ressentimentos; mas desde logo, como polo oposto e negativo, apareceu um sedimento mal contido de ódio pelo que se fazia de combate aos organizadores da Universidade, cujo triunfo perturbara esses amigos perversos das ideias grandes e nobres. Pareceu-lhes muito honrosa a tarefa de dirigir a Universidade e, não podendo dizer claramente o que pretendiam, entregaram-se surdamente a uma campanha de difamações que afinal explodiu pelo órgão de um condigno instrumento nas colunas de uma folha burguesa.

Muitos de nossos camaradas não querem que se ligue unicamente a essa causa desprezível a ruína da Universidade, mas nós pensamos que é preciso dizer a verdade como ela é. É preciso dar o seu a seu dono. Foram uns vampiros que mataram a Universidade, criando em redor dela uma atmosfera imprópria de espíritos educados. Honra lhes seja feita. E ainda

[8]. MIRANDA, Carlos de. **Kultur**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 05, p. 6, out. 1904.

lhes agradecemos a oportunidade que nos deram de conhecê-los no meio em que vivemos, tomando mais uma lição e fazendo a seleção entre o trigo e o joio, que se intromete na boa colheita para inutilizá-la e sugá-la.

Não queremos alargar mais essa notícia, tanto nos contrista lembrar os indecentes desagradáveis a que ficamos expostos pelo desejo único de criar a educação social no Brasil; bastam-nos os incômodos e aborrecimentos materiais que de semelhante batalha nos ficaram: dividas, inimizades e *le reste*.

Cometemos um crime... expiamos as suas consequências, mas temos no fundo a íntima satisfação que fica do trabalho sinceramente empreendido. Falhou a nossa obra, mas adquirimos novos elementos e novas energias para nos dedicarmos à causa social com um mais perfeito e seguro conhecimento do meio em que vivemos e de alguns de seus maus pastores.

04

*Exemplo a seguir*⁹

• • • • •

COMUNICARAM-NOS DE SOROCABA QUE SE CONSTITUIU ALI UM SUBCOMitê auxiliar para a fundação da ESCOLA MODERNA em S. Paulo. É um grupo que conta já mais de 30 pessoas, que se comprometem a pagar um tanto por cada mês em benefício dessa grande instituição que abrirá para a humanidade novos horizontes de progresso e civilização.

Fazemos votos para que aumente o número de sócios dessa generosa iniciativa e que se propague por todo o Estado.

[9]. (Não assinado). **A Terra Livre**. Periódico Anarquista. O homem livre sobre a Terra livre. São Paulo, SP, Ano 04, n. 73, p. 3, 15.06.1910.

05

*Aviso importante*¹⁰

• • • • •

A PELAMOS PARA TODOS OS QUE AINDA DETÊM, EM SEU PODER, DINHEIRO do espetáculo realizado no dia 13 de setembro em benefício da ESCOLA MODERNA, de entregá-lo quanto mais breve, devendo o subcomitê prestar as suas contas ao Comitê Central.

Todas as importâncias devem ser entregues na Av. Rangel Pestana, 297.

[10]. (Não assinado). **A Terra Livre**. Periódico Anarquista. O homem livre sobre a Terra livre. São Paulo, SP, Ano 04, n. 73, p. 3, 15.06.1910.

06

Sobre educação racional. Uma visita a Eslander¹¹

• • • • •

(Continuação no nº 54)¹²

FALO-TE EM BEDALES, NA *ECOLE DES ROCHES*, NA MINHA ADMIRAÇÃO por esses dois colégios, onde o aluno adquire uma educação “real” e recebe um ensino prático. Não teria a escola nova que ir procurar ali os seus modelos? Não haverá muito que aprender nos métodos que lá se empregam?

Decerto, responde Eslander, com o sorriso de quem já sabe o valor da minha ligeira observação, esses colégios representam um enorme progresso sobre os antigos, sobre a maior parte dos que há por aí. Neles já se dá um pouco da educação pelo trabalho, única possível, única aceite pelo organismo da criança. Mas será ela o que eu julgo que deve ser? Será esse trabalho a ocasião de uma, por assim dizer, revista condensada da obra do homem através dos tempos e durante a qual a criança se familiarize com os conhecimentos que daí devem logicamente resultar?

A tarefa de cada dia nesses colégios não estará muito sistematicamente regulada? Os seus programas de estudo seguirão, na verdade, passo a passo, o desenvolvimento da criança e darão sempre à sua curiosidade, à sua avidez de

[11]. BARROS, João de. **A Luta**. Ano 05, n. 55, Porto Alegre, RS, 18.02.1911.

[12]. **Nota do Org.:** Adquiri poucas cópias deste jornal. Não consegui o número anterior, em que o articulista inicia a exposição da entrevista; nem o seguinte, em que ele encerra a entrevista e as suas ponderações.

saber, o alimento que ela mais e melhor requeira? Suponho que não. E, depois, os professores não compreendem ainda que o seu papel é de suscitar apenas a evolução natural do aluno. Nem os professores, nem os diretores de colégio, nem muitos pedagogos célebres.

Eslander tem, de certo modo, razão. O que, por exemplo, se faz em Bedales é fornecer ao aluno certas noções práticas, adquiridas pelo trabalho no campo e nas oficinas, paralelamente ao estudo teórico nas aulas.

Ora não é isso que Eslander pretende: ele quer que as noções teóricas resultem das noções práticas, que as primeiras não sejam senão o resumo, a sistematização das segundas. É claro que, para admitir essa maneira de ver em todas as suas consequências (e eu creio que ela é, até agora, a única compatível com a evolução normal da criança), é preciso abandonar de vez o amor aos exames, a admiração pelos meninos prodígios e, sobretudo, o preconceito de querer conhecer, em períodos certos, o que o aluno vai armazenando no seu pobre e torturado cérebro, torturado por essa necessidade de ciência a prazo fixo. Não me quero alongar a transcrever aqui o esboço de um programa da escola nova que Eslander publicou há pouco, mas é interessantíssimo notar como o educador belga subordinou sempre a sucessão de conhecimentos que o aluno deve adquirir ao desenvolvimento deste.

Para isso, pouco mais foi preciso de que seguir a ordem porque o homem, a pouco e pouco, teve consciência do mundo em que vivia e de si próprio.

O programa divide-se em duas partes, correspondentes a dois períodos distintos: a primeira e a segunda educação. Na primeira educação, durante a qual a criança deverá viver num meio natural e num meio de atividade (por um lado, quinta, jardim, pomar, etc.; e por outro lado, oficinas várias), deseja-se só que ela seja como o filho de qualquer lavrador, educado entre o trabalho dos seus, participando nele. Não é difícil de compreender que o aluno, reagindo naturalmente ao meio que o cerca, tenha curiosidades, desejo de trabalhar, de experimentar e de investigar simultaneamente o que as outras pessoas fazem.

No aproveitamento dessa curiosidade e desse desejo, está toda a tarefa do mestre, que não ensina, faz observações, faz e suscita pergun-

tas. Mais tarde, durante a segunda educação, a sua intervenção torna-se maior a cada momento; dirige um pouco os seus discípulos, vai ligando as noções adquiridas, mostra a necessidade do livro, como expositor ou como auxiliar.

Na primeira educação, não há, por conseguinte, o que nós chamamos lições, o aluno não se levanta do seu banco para ir recitar o que lhe ensinaram ou o que aprendeu. Rigorosamente não fará senão conversar sobre o que viu, de executar e o que aprendeu pela experiência. Não há aulas, há uma aprendizagem contínua, uma penetração cada vez maior do meio ambiente. O que fica ele sabendo, então? Mais, muito mais do que à primeira vista parece possível. Certas noções de fisiologia, provenientes da observação do corpo humano. Noções variadas e completas sobre os animais domésticos, plantas, minerais; sobre as indústrias primitivas; geografia, física, estudadas nos acidentes do terreno em que a escola é situada; sobre a física elementar, etc. O trabalho nas oficinas dá lugar a certa generalidade de aritmética e de geometria.

Na segunda educação, já há qualquer coisa que se assemelha às nossas lições. Mas é preciso que elas sejam “provocadas” pelas circunstâncias: como na escola deverá haver passeios, excursões a fábricas, a diversas partes do país nas diferentes estações do ano, a curiosidade dos alunos reclamará por si próprio a explicação, o comentário do professor. Será ele também que os ajudará a recordar, a ligar os fatos observados, a concluir deles para qualquer noção teórica.

Não há, neste plano de ensino, nada que não seja essencialmente prático e racional. Não há, também, ramo algum de atividade humana que seja desprezado: lá estão as visitas aos museus, a música, o canto, a escultura, a pintura, etc. Além disso, as salas para reuniões serão decoradas com arte para que o aluno se vá habituando a sentir e a compreender a beleza. O que há, porém, de notável e de novo no programa de Eslander é que ele nunca permite ao aluno a recitação da sua ciência, exige-lhe a demonstração de que a possui depois de um longo prazo de trabalho e de elaboração inconsciente. É para essa elaboração inconsciente que Eslander mais chama o cuidado do mestre, porque o desejo de trazer a lume muito depressa o resultado dela pode contrariar ou atrasar o desenvolvimento mental do discípulo. Nós, agora, queremos a prova imediata

da proficuidade do nosso ensino. Eslander exige só uma prova mais tardia, mas muito mais segura – porque não é colhida num exame, falível e rápido, mas na observação vagarosa e documentada de todos os dias.

(*continua*)

07

*A Escola Moderna em São Paulo*¹³

• • • • •

MUITAS PESSOAS, COM RAZÃO, NOS TÊM PERGUNTADO SE NÃO SE faz mais nada pela realização desta iniciativa; a todos temos respondido que a paralisação dos trabalhos da comissão tem sido devida a diversas causas independentes da nossa vontade.

A agitação que ultimamente absorveu os nossos mais ativos companheiros foi um dos motivos que concorreram para esse temporário estacionamento.

Mas a nossa obra recomeça. Após a publicação das últimas listas, balancetes de benefícios e outras notas de ofertas, publicaremos o balancete geral demonstrativo do estado econômico desta iniciativa.

Terminado esses trabalhos, faremos uma grande quermesse e daremos um espetáculo em benefício da Escola.

Sabemos que diversas pessoas têm, em seu poder, lista de subscrição emitidas por *Il Pungolo*, pela *Battaglia* e pela Comissão, e guardam as importâncias respectivas à espera de recomeçarmos os serviços até agora interrompidos. Pedimos a essas pessoas que mandem com a máxima urgência possível todas as listas e o dinheiro relativo em seu poder ao tesoureiro, Sr. José Sanz Duro – caixa postal n. 857 – S. Paulo. E aqueles que não tiverem angariado donativos nenhuns, mandem as listas mesmo em branco para se dar baixa.

[13]. AYMORÉ, Leão. *A Lanterna*. São Paulo, SP. Ano 21, n. 110, p. 2, 28.10.1911; e também em: AYMORÉ, Leão. *A Guerra Social*. Rio de Janeiro, RJ. Ano 01, n. 08, p. 3, 05.11.1911.

Presentemente, os recursos com que conta a Escola Moderna atingem acerca de 12 contos. As importâncias recebidas têm sido depositadas na Banque Française et Italienne per l'Amerique du Sud.

Logo que os recursos pecuniários sejam suficientes, a Comissão discutirá e resolverá sobre o estabelecimento da casa editora.

Pela comissão, *Leão Aymoré*, secretário.

08

A Escola Moderna.
Uma grande obra de propaganda.
Apelo caloroso a todos os
companheiros¹⁴

• • • • •

A “COMISSÃO CENTRAL PRÓ-ESCOLA MODERNA” ESTÁ DISCUTINDO presentemente o modo mais eficaz de dar cumprimento à sua missão.

A princípio, julgou-se ser possível angariar donativos suficientes para fundar em S. Paulo a “Escola Racionalista Moderna”; mas se reconhece agora a impossibilidade dessa realização. E devemos sentir satisfeitos com os 13 contos e tanto angariados, tendo em vista que a quase totalidade dessa importância foi dada por operários que mal ganham para alimentar a sua família.

Não se fará, pois, a “Escola Modelo”, mas se fará o que for possível. E com 13 contos, bem aproveitados, já se pode fazer muito.

Delineemos um plano.

Convoca-se uma grande reunião de todos os anarquistas e socialistas de São Paulo, para a qual deverão ser especialmente convidados a “Sociedade Feminina de Educação Moderna”, o “Centro Libertário” e outras agrupações congêneres.

[14]. AYMORÉ, Leão. *A Guerra Social*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 10, p. 3, 18.01.1912.

Nessa reunião, fundar-se-á a “Sociedade pró-Escola Moderna”, cujo fim único será fornecer os recursos necessários para a manutenção de uma “Universidade Popular”, onde funcionará também uma “Escola Preparatória de Professores para o Ensino Racionalista”.

A Universidade terá por objetivo ministrar a instrução em geral ao povo, por meio de conferências científicas, sociológicas e literárias, feitas por pessoas convidadas para esse fim.

A Escola Preparatória terá por fim o ensino metódico de diversas matérias a todos os companheiros que se queiram preparar para, mais tarde, tomarem a direção de “Escolas Racionalistas”.

Suponhamos que a despesa mensal desta escola seja de 450\$000, incluindo o ordenado de dois professores. De onde virá a receita para cobrir esta despesa?

Contribuições mensais dos sócios.	150\$000
Contribuições dos alunos da escola.	100\$000
Uma festa mensal em benefício da Sociedade.	<u>200\$000</u>
Total	450\$000

E todos nós sabemos que uma festa de benefício bem organizada rende muitas vezes 500\$, 700\$ e até um conto de reis ou mais.

Sem recorrer, portanto, aos haveres da “Escola Moderna”, poderíamos manter facilmente a instituição acima delineada.

Com o funcionamento regular das aulas e conferências, em pouco tempo, poderemos ter em S. Paulo um bom número de companheiros habilitados a ministrar às crianças o ensino racionalista, e é então que a “Escola Moderna” começará a sua boa obra de educação e regeneração social em S. Paulo e mais cidades onde for possível a abertura de escolas.

Mas, para o funcionamento dessas escolas, são necessários o material e os livros escolares apropriados. Perfeitamente. Para isso, serão reservados os 13 contos e tantos que a “Escola Moderna” possui e que, daqui a um ano, poderão atingir 15 contos.

Pois bem.

Mandar-se-ão vir de Portugal, Itália e Espanha os livros que lá houverem já editados, próprios para as nossas escolas, e os dois ou três que faltarem editar-se-ão aqui.

Para isso, não são necessários mais de 4 contos de reis. Restarão ainda 11 contos com os quais a “Escola Moderna” poderá imediatamente, ao preparo dos professores, estabelecer 22 escolas nos bairros de S. Paulo e cidades do interior.

E de que modo serão estabelecidas e mantidas essas escolas?

Ao passo que os professores vão ficando preparados para o ensino racionalista, a Escola Moderna fornecerá a cada um todo o material necessário a uma escola de 50 alunos, que não deve custar mais de 400\$000. Cada professor receberá mais 100\$000 em dinheiro para custear as despesas dos primeiros meses, em que a frequência de alunos, porventura diminuta, não dê para recolher em mensalidades o suficiente para manter o professor e a escola.

Sim, porque o professor terá de viver e manter a escola com as contribuições mensais dos alunos, do mesmo modo que por aí vivem muitas escolas particulares.

No Braz, eu conheço dois companheiros nossos que, há bastantes anos, vivem sustentando a sua família com o produto das escolas por eles regidas.

E que propaganda eficaz e intensa fazem esses bons camaradas!

Ide assistir às suas aulas e vereis como os ditados, as palestras, as discussões com os alunos versam sobre antimilitarismo, antirreligiosismo e todas as chagas da sociedade presente! Ide ver essa obra tão modesta como fecunda e ficareis convencidos da eficácia deste plano, que aqui estou esboçando em linhas gerais.

Cada professor que se encarregar de uma escola fundará imediatamente uma associação local, da qual ele será o secretário.

A essa associação, poderão pertencer todos os membros da família dos alunos e as pessoas que estejam de acordo com os princípios da Escola Moderna.

Cada uma dessas sociedades toma sob a sua proteção a Escola que lhe corresponde, auxiliando-a moral e materialmente.

É desnecessário apontar os resultados benéficos que poderão advir do contacto entre o professor, os alunos e as famílias destes, associadas para uma obra comum.

Parece-me ver esse belo quadro da garotada saltitante, de tabuinha a tiracolo, de um lado, a servir de mesa portátil para escrever; e do outro

lado, a latinha do lanche, indo a caminho da Cantareira, da Ponte Grande, do Bosque de Jabaquara, das grandes oficinas industriais, onde o professor lhe dará lições práticas de coisas, sem que pareçam lições, mas sim narrativas espontâneas, explicações desejadas pela curiosidade natural dos bambinos.

E de volta, à noite, no salão da Escola, após a refeição, essas coisas são contadas e ouvidas com entusiasmo pelos pequerruchos e seus pais, todos juntos aproveitando as explicações do mestre e as objeções dos mais inteligentes.

Trabalhemos com afinco e podereis estar certos, ó amigos da Escola Moderna, que aqui se fará com pouco dinheiro o que ainda se não fez em parte nenhuma mesmo com muito.

09

Quarta sessão *Décimo primeiro tema:* *“Educação e instrução das* *classes operárias”¹⁵*

• • • • •

MOÇÃO APROVADA

CONSIDERANDO QUE A INSTRUÇÃO FOI, ATÉ UMA ÉPOCA RECENTE, EVITADA pelas castas aristocráticas e pelas igrejas de todas as seitas para manterem o povo na mais absoluta ignorância, próxima à bestialidade, para melhor explorarem-no e governarem-no;

Considerando que a burguesia, inspirada no misticismo, nas doutrinas positivistas e nas teorias materialistas, sabiamente invertidas pelos cientistas burgueses, os quais metamorfoseiam a ciência, segundo os convencionalismos da sociedade atual, e monopolizam a instrução, e tratando de ilustrar o operariado sobre artificiosas concepções que enlouquecem os cérebros dos que frequentam as suas escolas, desequilibrando-os com os deletérios sofismas que constituem o civismo ou a religião do Estado;

[15]. RESOLUÇÕES do Segundo Congresso Operário Brasileiro. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, RJ. Ano 06, n. 39-40, p. 2-4, 01.10.1913.

Considerando que esta instrução é ministrada juntamente com a educação prática de modalidades que estão em harmonia com a instrução aplicada;

Considerando que esta instrução e educação causam males incalculavelmente maiores do que a mais supina ignorância e que consolidam com mais firmeza todas as escravizações, impossibilitando a emancipação sentimental, intelectual, econômica e social do proletariado e da humanidade;

Considerando que este ensino baseia-se no sofisma e afirma-se no misticismo e na resignação;

Este Congresso¹⁶ aconselha aos sindicatos e às classes trabalhadoras em geral, tomando como princípio o método racional e científico, que promova a criação e vulgarização de escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc., etc. – *João Crispim* e *Rafael Serrato Muñoz*, da Federação Operária de Santos. – *Antônio Venosa*, do Sindicato dos Pedreiros e Serventes, de Santos. – *Artur Conde*, do Sindicato dos Canteiros, de Ribeirão Pires. – *Pedro Vila*, do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, do Rio.

Esta moção foi aprovada com o seguinte aditivo:

Propomos que, além de escolas racionalistas, seja aconselhada a criação de cursos profissionais de educação técnica e artística. – *José Romero*, do Sindicato Operário de Ofício Vários, de S. Paulo – *Astrogildo Pereira*, de *O Trabalho*, de Bagé.

[16]. **Nota do Org.:** O 2º Congresso Operário Brasileiro aconteceu entre 08 e 13 de setembro de 1913 no Centro Cosmopolita, no Rio de Janeiro. Deste congresso, participaram 117 delegados representando duas federações estaduais, três federações locais, 52 sindicatos, sociedades, centros ou ligas, e quatro jornais operários. Organizações operárias de todas as regiões do país se fizeram representar neste congresso. A Federação Operária do Rio Grande do Sul enviou uma delegação composta por três delegados, representando as dezenove associações federadas. Além dessas participações, fizeram-se representar enviando delegados a Federação Operária Regional Argentina e a Federação Operária Regional Uruguia. Este congresso reafirmou a orientação e os princípios do sindicalismo revolucionário, ou anarcossindicalismo, adotado no primeiro congresso acontecido na mesma cidade no ano de 1906, aprofundando e ampliando os temas discutidos em suas sessões e elaborando resoluções de acordo com esses princípios.

10

Escola Moderna.

A festa de inauguração das

*escolas*¹⁷

• • • • •

REALIZOU-SE NO DOMINGO, CONFORME NOTICIAMOS, A FESTA DE inauguração das duas escolas montadas pela Escola Moderna de S. Paulo.

A concorrência ao salão do Congresso Gil Vicente foi regular, saindo todos favoravelmente impressionados da interessante velada.

O programa por nós anunciado foi habilmente executado. Falaram, com geral agrado, os companheiros Florentino de Carvalho, professor da Escola Moderna n. 2, e Leão Aymoré, secretário do Comitê da Escola Moderna. Os pequenos cantaram os hinos escolares e recitaram bem escolhidas poesias.

Realizou-se depois a visita à EM n. 2, onde ainda falaram os companheiros João Penteado, professor da EM n. 1, que, com um dos seus alunos, deu uma demonstração prática do ensino da sua escola, fazendo o mesmo Florentino de Carvalho com dois dos seus alunos.

Falaram ainda outros camaradas, terminando a alegre reunião com os hinos das crianças.

Dentro em breve, realizar-se-á uma nova velada na EM n. 1.

[17]. (Não assinado). *A Lanterna*. São Paulo, SP, Ano 13, n. 214, p. 3, 25.10.1913.

11

Sobre a ação operária¹⁸

• • • • •

TEMA 7 – Conveniência de que cada associação operária sustente uma escola laica para os sócios e seus filhos, e quais os meios de que deve lançar mão para esse fim?

CONSIDERANDO QUE O ENSINO OFICIAL TEM POR FIM INCUTIR NOS educandos ideias e sentimentos tendentes a fortificar as instituições burguesas e, por conseguinte, contrárias às aspirações de emancipação operária, e que ninguém mais do que o próprio operário tem interesse em formar livremente a consciência dos seus filhos;

O Congresso aconselha aos sindicatos operários a fundação de escolas apropriadas à educação que os mesmos devem receber sempre que tal seja possível.

Quando os sindicatos não o possam fazer cada um por si, deve a federação local tomar conta do encargo.

[18]. RESOLUÇÕES do Primeiro Congresso Operário Brasileiro. **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 07, n. 48, p. 6-7, 01.02.1914. **Nota do Org.:** O Primeiro Congresso Operário Brasileiro aconteceu no Centro Galego da cidade do Rio de Janeiro entre os dias 15 e 20 de abril de 1906. Neste congresso, o movimento operário adotou a orientação sindicalista revolucionária de matriz francesa, mas também como desdobramentos da Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em setembro de 1864, na cidade de Londres. Este congresso definiu a linha antipolítica e a ação direta para o movimento operário no Brasil, decidindo pela criação da Confederação Operária Brasileira e de um jornal desta confederação, cujo título seria *A Voz do Trabalhador*. Jornal e confederação estariam instalados e funcionando efetivamente no prazo de dois anos, portanto, em 1908. Sobre os diversos congressos operários acontecidos no Brasil, ver: RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Os congressos operários no Brasil. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1970; e PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. **A Classe Operária no Brasil: 1889-1930**. Documentos – o movimento operário. São Paulo: Alfa Omega, 1979. v. 1.

12

*Escola Moderna de São Paulo*¹⁹

• • • • •

S. Paulo, 01 de agosto de 1914.

Cidadão,

OS ABAIXO-ASSINADOS, ENCARGADOS DA PROMOÇÃO DE UMA festa escolar e de uma quermesse em benefício da Escola Moderna de S. Paulo, cuja obra benéfica de saneamento social se acha iniciada desde o ano passado com a fundação da Escola Moderna nº 1, no bairro do Belenzinho, e da nº 2, na do Brás, levam ao vosso conhecimento que tal iniciativa terá realização com um bem escolhido programa na aprazível vila Taide, sita à Rua Saldanha Marinho, no dia 11 do próximo mês outubro, esperando merecer nesse sentido o indispensável auxílio de todas as pessoas interessadas na propaganda do ensino e instrução racionalista, que lhes poderão mandar, desde já, algumas prendas para a quermesse.

O endereço a que deverão ser as mesmas destinadas é o seguinte: Escola Moderna nº 1, rua Saldanha Marinho, 66; Escola Moderna nº 2, rua Miler, n. 74; ou redação da LANTERNA, largo da Sé, n. 5, 2º andar.

Antecipando seus agradecimentos se subscrevem,

Adelino de Pinho
João Penteado

[19]. PINHO, Adelino de; PENTEADO, João. **A Lanterna**. São Paulo, SP. Ano 13, n. 261, p. 3, 19.09.1914.

13

Escola Moderna.

*Festa escolar e quermesse*²⁰

• • • • •

REALIZAM-SE NO DIA 11 DE OUTUBRO, IMPRETERIVELMENTE, A festa escolar e a quermesse anunciadas em benefício da Sociedade Escola Moderna de S. Paulo, que tanto necessita de auxílios para a manutenção de suas escolas e respectivo fornecimento de livros e materiais escolares.

É certo que a crise se encontra ainda sem solução, em seu período mais agudo, mas também não é menos certo que os trabalhadores não precisam só de pão para a boca. Eles, além disso, precisam de educação e de instrução conformes com o método racionalista, que lhes liberta a consciência e dá aspiração para a liberdade e para a vida.

Assim, pois, faz-se mister a manutenção e o progresso de nossas escolas racionalistas, mesmo a despeito de todas as dificuldades econômicas.

É por isso que a Escola Moderna de S. Paulo, no momento presente, sente-se com força para prosseguir em seu árduo trabalho, certa do apoio de todos os livres-pensadores em favor de sua iniciativa.

A festa escolar e a quermesse, anunciadas para o dia 11 de outubro, às 3 horas da tarde, na Vila Taide, devem trazer-lhe, como resultado, algum benefício econômico.

[20]. (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 13, n. 262, p. 3, 26.09.1914.

É de esperar-se que para esse fim concorram todas as pessoas que se interessam pela difusão do ensino racionalista em S. Paulo, quer enviando prendas para a quermesse, quer comparecendo à festa no local e hora indicada.

14

Escola Moderna nº 1.

Para meninos e meninas ²¹

• • • • •

À rua SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELENZINHO)

*Instituto de educação e instrução segundo o método
racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna
de S. Paulo*

PRESENTEMENTE INSTALADA EM PRÉDIO QUE REÚNE AS CONDIÇÕES exigidas pela higiene, a Escola Moderna nº 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequência de alunos, cuja inscrição para a matrícula é feita mediante a contribuição mensal de 3\$000 para os de cartilha e de 4\$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objetivo desta escola, também, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o método racionalista, e nesse propósito são realizadas pelo respectivo professor, todos os meses, festas escolares, constantes de conferências sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORÁRIO

Aula diurna: das 11 às 4 horas da tarde.

[21]. PENTEADO, João. **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 13, n. 262, p. 4, 26.09.1914.

Aos sábados, a aula termina a 1 hora ou 2 da tarde, logo após a volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das 7 às 9 da noite, todos os dias, menos aos sábados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de português, aritmética, geografia, história e princípios de ciências naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo de parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O diretor.

15

Escola Moderna nº 2. *Ensino racionalista*²²

• • • • •

CIENTIFICAMOS AS FAMÍLIAS DE QUE SE ACHA INSTALADA NO PRÉDIO da rua Oriente, 66, a Escola Moderna nº 2, criada sob os auspícios do Comitê Pró-Escola Moderna.

*
**

Esta Escola se servirá do método indutivo demonstrativo e objetivo, e se baseará na experimentação, nas afirmações científicas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

Materiais

As matérias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de *leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho, etc.*

Horário: das 12 da manhã às 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 às 12 horas da manhã; e das 4 às 6 da tarde.

[22]. (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 13, n. 262, p. 04, 26.09.1914.

16

*Escola Moderna de São Paulo*²³

• • • • •

DEVIDO À SITUAÇÃO ANORMAL RESULTANTE DA CRISE QUE A TODOS nós assoberba nestes tempos, não é possível, a despeito de todos os esforços, a realização da festa escolar e quermesse anunciadas para o dia 11 do corrente, às 3 horas da tarde, na Vila Taide. É o que nos acaba de comunicar hoje a respectiva comissão promotora, pedindo, por nosso intermédio, às pessoas que lhe mandaram prendas as necessárias desculpas e avisando-as, também, de que as mesmas ficarão guardadas para mais tarde, quando for possível a realização de alguma quermesse ou leilão em benefício das instituições mantidas pela Escola Moderna de S. Paulo.

*

No mesmo dia 11 de outubro, porém, terá realização, às 2 horas da tarde, na sede da Escola Moderna nº 1, sita à rua Saldanha Marinho, nº 66, uma das costumadas festas escolares, que constará de cantos, recitativos de poesias e conferências, sobre assunto educativo, em que tomarão parte o professor e respectivos alunos daquela escola, e pessoas interessadas pela causa da educação e instrução segundo o método racionalista.

[23]. (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 13, n. 263, p. 3, 03.10.1914.

17

*Na Escola Nova*²⁴



NÃO PODEMOS DEFINIR PERFEITAMENTE A IMPRESSÃO QUE NOS causou a última conferência realizada no local da Escola Nova (rua Alegria 26) pelo professor Sr. Saturnino Barboza. Na teimosia de pretender exprimir a sensação produzida por tão bela conferência, somente o conseguimos identificando-nos com o professor e com os planos da escola, que tão agradáveis momentos nos têm proporcionado, ouvindo as lições de homens tão autorizados, além do já mencionado, como o Dr. R. Feijó e outros.

Uma escola que tem um programa amplo e reformador, que pretende, pela experimentação, corrigir os defeitos do decantado ensino oficial, não pode deixar de recorrer a estes meios de educação racional. É o resultado prático de um método que, alheio às proteções e aos alardes, conta com a sua própria virtualidade para afirmar-se.

O ensino, o cultivo das diversas atividades, encontrou em todo tempo a oposição do oficialismo e dos que pretendem que as coisas continuem a marchar pela senda da rotina e da ignorância.

Pretender, indicar e, ainda mais, assentar as premissas de uma coisa que se considere justa, sem procurar praticá-la ao mesmo tempo em que se propaga, é a maior e mais soberba das contradições. É o nó górdio, a afirmação banal daquilo que tem um fundo sofismático.

[24] . VOSGOS, João. **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 08, n. 69, p. 1, 07.04.1915.

Se cada homem está modelado segundo uma moral, assim serão as suas manifestações mais imediatas, mais instintivas, quando o raciocínio prévio não teve tempo de presidir os atos que se realizam.

Os sábios oficiais, com diploma quase sempre comprado, têm a necessidade de realizar um sério esforço mental com o qual possam adquirir conhecimentos sólidos, limitam-se a apresentar a credencial dos seus conhecimentos falseados e anódinos à maior parte das vezes. Do estudo oficial regulamentado, disciplinado com todas as argúcias de uma lei elástica, não surgem nunca homens intelectualmente sãos. A educação tem resultado deficiente, ainda que o educando possua verdadeiro talento, porque, embora nas aulas aprenda alguma verdade irrefutável, fora daí aprende o lado flexível de qualquer interpretação. Isso quando os mesmos professores não ensinam os sofismas, consagrados pela lei e pelo vulgo, homens acreditados como infalíveis.

O ensino monopolizado, fiscalizado por indivíduos que só têm como base dos seus conhecimentos o favoritismo e a proteção da situação política dominante, fornece a norma justa do estado de adiantamento dos problemas. São estes os resultados fatais, iniludíveis que pesam sobre os povos como imensa molhe²⁵ de granito.

A consequência inevitável de semelhante situação é evidente. Erros, mistificações, venalidades, e o que é de mais lamentável a adaptação de todos os que recorrem às esferas oficiais para se educarem a um sistema que tem como efeito a inconsistência dos conhecimentos adquiridos, pela falta de uma base de natural racionalidade para apoiá-los.

Se os erros são muitos, as desviações são incontáveis. A golpe de cego, surgem com potencialidade admirável as rotinas e os prejuízos de uma educação defeituosa. Não é necessário recorrer aos fatos para fundamentar com argumentos inconfundíveis a tese que asseveramos.

Não podemos, porém, resistir à tentação de mencionar um destes exemplos. Atendendo à pessoa, cuja afirmação inserimos, dispensa qualquer outra citação de outros, que desgraçadamente, por aí pululam aos milhares.

[25]. - **Nota do Org.:** No original, está a palavra "mole". Pode ter sido um erro gráfico. Por esta razão, substituí por "molhe" de acordo com a terminologia atual.

O Sr. Alejandro Pijal, acadêmico espanhol, falecido há algum tempo, por ocasião da inauguração de um ano acadêmico, no seu posto de presidente daquela corporação, pronunciou um discurso que deu motivos aos mais vivos comentários.

Pijal, que possuía conhecimentos vastíssimos, que havia passado a sua vida estudando e inferindo conclusões de tudo, um escritor de fama mundial, abjurou, naquele memorável discurso, do progresso e da civilização da humanidade. Combateu com fúria os tempos modernos, as vias férreas, a navegação a vapor, a aplicação da eletricidade... Lamentou-se de que não surgisse novamente um século XIII, em que a gente viajava em carretas e em que os intelectuais constituíam uma verdadeira casta aristocrática. Arremeteu contra o desenvolvimento intelectual do povo, dos humildes que tinham aspirações de reivindicações.

Agora vejamos: se um homem da estirpe de Pijal diz tamanhas incongruências e disparates, o que é que poderá dizer, sem que desbarre, toda essa turba-multa de pequeninos saídos com diplomas oficiais, que formam um mundo de elementos patógenos?

Sem dúvida, a educação é a base de uma regeneração moral. A sociedade é uma identificação da escola. Não existem meios termos, não é possível fugir a esta engrenagem metálica que aprisiona fortemente as disposições e atividades dos seres humanos.

Se o fato de propagar uma educação salutar, que faça homens dignos, é um crime, aceitamos sem reticências a responsabilidade. Porém nos restará a satisfação sublime dos mártires, que tombam sob o peso da mais brutal injustiça.

Mente sana in corpore sano, diz o axioma. E a Escola Nova propaga a mais ampla e racional das educações, livre dos prejuízos e concepções preestabelecidas. Não se violenta a inteligência do aluno com dogmas nem clichês. Tudo é precedido da análise, e nada é aceito sem que esteja de perfeito acordo com a razão.

É esta sinteticamente a impressão que nos deixaram a Escola Nova, os seus professores, os seus conferencistas e os seus alunos.

S. Paulo, fevereiro, 1915.

18

*O Início*²⁶

• • • • •

A PARECE HOJE O INÍCIO, PELA SEGUNDA VEZ, DEPOIS DE TANTO tempo. Mas... que tem isso? Antes tarde do que nunca. A demora teve uma causa. E sabem qual? A crise, a maldita crise que tanto perturba a humanidade neste momento.

Foi por isso, nada mais, nada menos.

Era para ter saído periodicamente, todos os meses. Entretanto... só agora, depois de passar um ano! E, ainda assim, graças à festa do dia 14 de agosto, que nos veio dar um alento, trazendo-nos também como compensação de nosso trabalho, algum resultado econômico.

Senão... nem agora!

Assim, pois, a saída deste número, nós devemos às pessoas que concorreram para o brilhante êxito de nossa festa.

Agora resta-nos uma coisa: esperar pelo auxílio dos que se simpatizem conosco, prometendo-lhes outro número de *O Início* para logo que no-lo seja possível.

[26]. A REDAÇÃO. *O Início*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 02, p. 1, 04.09.1915.

19

*Escola Nova*²⁷



NA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO, FOI ULTIMAMENTE INSTALADO, em confortável prédio da Rua Alegria, 26 (sobrado), um instituto de instrução e educação para meninos e meninas, cujo título encima esta notícia, estando já funcionando as respectivas aulas diurnas e noturnas, as quais se servem dos métodos racionais e científicos da pedagogia moderna.

As matérias são: para o curso primário – português, aritmética, geografia, botânica, zoologia, caligrafia e desenho.

Curso médio – português, aritmética, geografia, mineralogia, botânica, zoologia, física, química, geometria, história universal, caligrafia, desenho, etc.

Curso superior – aritmética, álgebra, botânica, zoologia, mineralogia, geometria, física, química, história universal, geologia, astronomia, desenho. Idiomas – português, italiano, espanhol, etc.

Os cursos primário e médio acham-se a cargo dos educacionistas Florentino de Carvalho e Antônia Soares.

O curso superior está sob a direção de pessoas de reconhecida competência, figurando entre elas o professor Saturnino Barboza, Drs. Roberto Feijó, Passos Cunha, A. de Almeida Rego e Alfredo Junior, os quais lecionam matérias de sua respectiva especialidade.

Para outros esclarecimentos, os interessados devem se dirigir à sede da aludida Escola Nova, à rua Alegria, 26, S. Paulo.

[27]. (Não assinado). **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 08, n. 69, p. 2, 07.04.1915.

20

Escola Moderna nº 1.

A nossa festa²⁸

• • • • •

A FESTA REALIZADA NO DIA 14 DO CORRENTE PELA NOSSA ESCOLA esteve deveras magnífica, produzindo a mais bela impressão no espírito da assistência, que não nos regateou aplausos.

O salão da Sociedade Leale Oberdank esteve repleto, e a quermesse, bastante animada.

No desempenho do programa, tomaram parte também os alunos da Escola Moderna nº 2, que nos ajudaram no coro cantando alguns de nossos hinos escolares e recitando belas poesias.

A sessão foi aberta com uma *ouverture* pela orquestra Grupo Chileno, que se desempenhou perfeitamente de sua incumbência.

Em seguida, foi cantado, em coro, o “Canto dos Operários”, original de Neno Vasco.

Depois se seguiram outros hinos: “Às criancinhas”, “A mulher”, “A força” e “A instrução”, que foram cantados em conjunto.

Além desses, foram cantados outros hinos: “Ladainha” e “De manhã”, acompanhados de música e gesticulação, tomando parte no coro os nossos colegas Antonieta Moraes, Catarina e Marcelina Barj, Elisa Santiago, Lucília Haas, Edmundo Mazzone, Edmundo Scala, Ernesto Tozzatto, Bruno Bertolaccine e Francisco Tognoli.

A aluna Antonieta de Moraes executou a cançoneta “Às escondidas”, acompanhada pela orquestra, saindo-se muito bem.

[28]. (Não assinado). **O Início**. São Paulo, SP. Ano 01, n. 02, p. 1-2, 04.09.1915.

²⁹ “Brinquedo das Árvores”, tomando parte no coro Ernesto Tozzatto, Edmundo Scala, Edmundo Mazzone, Bruno Bertolaccine, Antonieta de Moraes e Catarina Barj.

No desempenho da comédia *A Questão*, original de nosso professor, tomaram parte Bruno Bertolaccine, Edmundo Scala, Pedro Passos; e como comparsas, Edmundo Mazzone, Francisco Tognoli, Antonieta de Moraes, Ernesto Tozzatto e Catarina Barj.

O diálogo *O Vagabundo* foi desempenhado por Pedro Passos e Bruno Bertolaccine.

A parte referente à recitação de poesias foi confiada aos alunos das duas escolas, que recitaram: Augusto Câmara, “Meus companheiros”, “A abóbora e a bolota” e “Aproveitai o tempo”; Alberto Cardoso, “As vantagens do saber” e “O prior e o defunto”; Nilo Leuenroth, “A mulher teimosa”, “Antonio” e “A união”; Américo de Almeida, “O garoto e o mestre-escola”, “A raposa e as uvas” e “O macaco declamando”; Luiz Marinho, “O Gil”; Florêncio de Almeida, “O amanhecer”; Alexandre Martins, “O ninho” e “O alfabeto”; Judite Amato, “Os cinco sentidos e a mentira”; Ofélia Amato; “Não saber ler”; Bruno Bertolaccine, “O cavador” e “Um monstro”; Catarina Barj, “Sombra”; Domingos Passos, “Confissão”; Antonieta Moraes, “O orgulho da águia” e “As pombas”; Lucília Haas, “Papai! Mamãe!”; Ernesto Tozzatto, “As ovelhas”; Marcelina Barj, “Quadrinhas”; Elisa Santiago, “Canto da manhã”; Francisco Tognoli, “O dia”; Edmundo Scala, “Homini-Lupus” e “Na aldeia”.

O interessante diálogo “Brejeirinho” foi desempenhado por Ernesto Tozzatto e Antonieta de Moraes.

O festival foi encerrado com o canto do hino “A instrução”, seguindo-se logo uma bela conferência pelo professor Adelino Pinho, da Escola Moderna nº 2.

A quermesse, a este tempo (pouco menos de meia-noite), já tinha sido esgotada até a última prenda.

O baile, então, teve começo para satisfação de tantos rapazes e raparigas que não pensam noutro prazer em sua vida.

[29]. Palavras ilegíveis na fotocópia utilizada na consulta.

**

Dando esta notícia, cumpre-nos agradecer a dedicação da comissão auxiliar, que se compunha de Humberto Lartelli, João Minieri, Domingos Conforte, Henrique Tognoli, José Romero e Manoel Garcia, bem como a todos que tão gentilmente concorreram para o brilhante êxito de nossa festa.

**

Atendendo ao pedido feito pela referida comissão, enviaram prendas para a quermesse as seguintes pessoas: João Casadei, quatro copos e um vaso; Francisco Tognoli, um belo cofrezinho de madeira; Lucília Haas, uma lata de goiabada e uma garrafa de licor; João Crociatti, uma garrafa de holandina; José Dias, duas latas de sardinhas, uma de marmelada, duas canetas, dois lápis, quatro caixas de fósforos e seis charutos; Edmundo Scala, um copo dourado; Miguel Tramonte, seis charutos finos; Amélia de Jesus, um lavabo e um copinho; D. América Belfort, dois vasiinhos com flores artificiais; Laura Borges, uma leiteira de vidro azul; Guimercinda Gonçalves, uma garrafa de rum; Francisco Morelli, uma garrafa de vinho do Porto; Rodolfo Moretti, um aparador de madeira torneado e envernizado; Pereira & Cia, um cachimbo de madeira; Antonio Orellana, um sapatinho para criança; José Ramos, um par de sapatinhos de veludo para senhora; Papelaria Chiodi, uma locomotiva (brinquedo para crianças); Luis Alfano, uma lata de marmelada e uma de uvas em conserva; Miguel Prieto, um exemplar do livro *Breviário*; Antonieta Moraes, dois pares de xícaras fantasia; Inês Krausk, dois copos fantasia; Joaquim de Carvalho, duas saleiras e dois bonitos pratinhos de vidro; Victor Minieri, uma garrafa de vinho velho do Porto; Edmundo Mazzone, uma garrafa de xarope; Pedro Passos, uma saleira; José Monteiro, um copo fantasia; Joaquim Moreira Jasteiro, uma garrafa de vinho do Porto; D. Maria das Neves, uma compoteira de vidro azul; Livraria Moreira, um bauzinho de folha e um botezinho (brinquedo para crianças); José Marques da Silva, uma cesta para pão; Coli, 59 doces diversos; José Sanz Duro, dezesseis maços de cigarros; José Líbero Baraldi, quatro esculturas alegóricas; Antonio Pereira da Silva, doze fascículos para propaganda; Palmira Lo-

pes, uma lata de marmelada; Orlando Caraviere, uma garrafa de rum; Humberto Iartelli, um par de vasos de gesso; D. A. Carlota Chiodi, uma lata de conserva; Jácomo e Pasqualini Rômulo, três copos grandes e três pequenos; José Santiago, um vidro de perfume e um tinteiro; José Ceruti, quatro garrafas de finos licores; Catarina, Marcelina e Vicente Barj, quatro garrafas de superiores licores; João Civile, duas gravatas de seda.

*
**

Auxiliaram na passagem de bilhetes os cidadãos Adolfo Bertolaccine, Domingos Conforte, Vitor Mamana, João Cesari, Jacinto Dalvechio, Pasqual Defraia, Humberto Iartelli, José Romero Castilhos, Oscar Marques, João Minieri, Eduardo Ciccone e Primo Tonzio.

21

Escola Moderna nº 1.

*Exercícios escolares*³⁰

• • • • •

NA NOSSA ESCOLA, REALIZAM-SE EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÃO E descrição que são dados aos alunos, gradualmente, todas as semanas, a fim de que eles aprendam de modo prático a escrever os seus pensamentos, a redigir cartas e a fazer descrições de objetos com observância da devida ordem classificatória e do emprego de pontuação precisa.

Para que os leitores se possam aquilatar do valor desses trabalhos, publicamos nesta seção alguns desses exercícios.

Descrição

NOSSA VISITA À ESCOLA Nº 2

Sábado, dia 20 de junho de 1914, nós fomos visitar a Escola Moderna nº 2, da qual é professor Adelino de Pinho. Saímos daqui à uma hora, descemos a Rua Saldanha Marinho e pegamos a Avenida Celso Garcia. Nela vimos dois carretéis grandes de canos para encanamento de gás e mais dois pequenos de arame grosso para a rede elétrica. Eu vi também uma preta tocando viola na mesma avenida.

Depois chegamos ao jardim da Concórdia e vimos o teatro Colombo. À frente dele, vimos belos anúncios de fitas cinematográficas. Dali nos dirigimos à Escola Moderna nº 2. Nela nos demoramos até as duas e meia. Fomos bem recebidos.

[30]. (Não assinado). O Início. São Paulo, SP, Ano 01, n. 02, p. 2-3, 04.09.1915.

Os meninos de lá recitaram e cantaram, e nós também fizemos a mesma coisa. O Professor Adelino de Pinho também recitou e nos fez uma saudação. Na volta, o Carlos Lampo descontentou ao nosso professor porque brigou com um pobre menino que estava distribuindo anúncios na rua. Foi bom o passeio. Eu gostei de ouvir os cantos e recitativos daqueles colegas.

PEDRO G. PASSOS

UM PASSEIO À MARGEM DO TIETÊ

No sábado, dia 6 de março, nós nos reunimos todos às 7 horas da manhã na nossa Escola e cantamos os hinos “A mulher” e “Primeiro de maio”. Depois de meia hora, saímos e descemos a Rua Catumbi, tomamos a travessa do mesmo nome, fomos pela rua dos Prazeres, descemos a rua Cachoeira e seguimos uma rua cujo nome eu não sei. Eu vi pelo caminho uma pontezinha na travessa da Rua Catumbi. Lá o nosso professor nos explicou que os troncos da taquara se chamam rizoma e que esses troncos caminham debaixo da terra. Ao chegarmos ao rio Tietê, vimos barcas dentro e fora do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio.

Vimos as barcas no meio do Tietê e também uns meninos caçarem peixes. Depois brincamos de Caracol e Ciranda-Cirandinha. O João Bento, o Bruno, o Ernesto, o Carlos Chiesa e o Abílio Bento recitaram. Na ida, vimos um cavalo morto, e o Miniere botou flores em cima dele. O professor disse que o Miniere fez bem em botar flores em cima do cavalo morto. Na volta, o professor nos mandou pegar uma varinha com flores e pegamos também taquaras de bambu. O Abílio Bento fez um estoque para mim. Na ida e na volta, nos sentamos em cima de um ventilador de esgoto. Chegamos a nossa Escola quando faltavam 25 minutos para as dez horas. Depois o professor nos deu os cadernos e fomos embora para nossas casas.

EDMUNDO MAZZONE

UM PASSEIO AO JARDIM DA LUZ

Terça-feira, dia 14 de julho de 1914, nós fomos ao Jardim da Luz. Saímos às 11 e meia e chegamos lá ao meio-dia e meio. Aí bebemos água e tomamos lanche.

Depois, quando chegaram as meninas e os meninos da Escola Moderna nº 2, nós fomos ver os peixinhos, os macaquinhos, a águia, os passarinhos e as araras.

ANTONIETA MORAIS

NOSSE PIQUENIQUE

Domingo nós fomos à Penha fazer um piquenique. Nós fomos só em número de doze, entre meninos e meninas. Lá nós brincamos de balanço, em cima de uma árvore que estava pendida para o chão, comemos nosso lanche embaixo, na sombra, e nos divertimos muito. Brincamos de pegador, cantamos e recitamos. À festa, também foram alguns dos alunos da Escola nº 2.

VIRGINIA CESARE

Epistolares

São Paulo, 24 de outubro de 1914.

Amigo Manoel Huche,
Saudações.

Como vai V. de saúde? E de trabalho? Bem, não é verdade? É só isso que lhe desejo. Nós nos lembramos de V., que foi sempre um companheiro digno de nossa estima.

Aceite um amistoso abraço de seu amigo.

PEDRO PASSOS

São Paulo, 15 de agosto de 1915.

Sr. Vicente,

Peço-lhe o favor de me mandar hoje à minha casa, situada à Avenida Celso Garcia, n. 361, um par de botinas n. 39, um chapéu n. 5 e um guarda-chuva superior. Quero saber o preço de cada objeto para eu lhe fazer o pagamento a vista.

Seu amigo

JOSÉ ORLANDO CARAVIERI

São Paulo, 10 de agosto de 1915.

Sr. João Casadei,

Peço-lhe o favor de me mandar hoje à minha casa, situada a Rua Visconde de Parnaíba, n. 439, um chapéu preto n. 3, meia dúzia de colarinhos brancos, de linho, 3 camisas de linho e um par de botinas de qualidade superior. Subscrevo-me com toda estima e consideração.

Seu amigo

JOSÉ PINHEIRO DIAS

Exercícios vários

Além dos já publicados, fazem também os alunos exercícios preliminares de descrição, diante de objetos que lhes são expostos na aula, ou em suas casas, os quais depois são criticados pelo professor.

Aí vão, para conhecimento dos leitores, os seguintes:

Estou vendo um caderno de tamanho regular, quadrado, em bom estado de conservação, cor-de-rosa, novo, de qualidade regular; uma caixinha de pílulas, pequena, redonda, em bom estado de conservação, cor-de-rosa, velha, de boa qualidade; uma caneta, de tamanho regular, comprida e roliça, em mau estado de conservação, cor amarela, com anéis pretos, velha, de boa qualidade; um tinteiro pequeno, quadrado, em bom estado de conservação, azul, velho, de boa qualidade; uma caneca de tamanho regular, de forma redonda e cilíndrica, em mau estado de conservação, cor branca, de boa qualidade, velha; um estojo para lápis e canetas, de forma cúbica, comprido, em bom estado de conservação, cor amarela.

BRUNO BERTOLACCINE

Eu estou vendo na sala de aula um banco e, em cima dele, uma moiranga quebrada, um despertador com a corda quebrada, uma pedra velha, um par de punhos velhos, uma pedra mármore, um mata-borrão sujo, um livro intitulado *Ciências Físicas*, um tinteiro vazio, um pedaço de giz, um caderno de cópia cor-de-rosa, quadrado e um caderno de português.

JOSÉ MONTEIRO

Na sala de aula:

Estou vendo, sobre uma caixa, uma tesoura, uma navalha, um livro chamado *História do Brasil*, um livro chamado *Dicionário do Brasil*, uma pedra, uma aritmética, uma faca, uma pedra mármore, uma tampa de tinteiro, uma garrafa, uma caixinha de penas, um apagador, uma Geografia da Infância, um saca-rolha, o jornal *A Voz do Trabalhador*, duas folhinhas, um quadro-negro, cinco mapas, um globo terrestre, um quadro com o retrato de Francisco Ferrer, um armário, uma mala, dois papelões e uma lata vazia.

EDMUNDO SCALA

Estou vendo, em minha casa, um saco de farinha de trigo, uma mesa, quatro camas, três latas de bolachas vazias, um baú, uma prateleira, uma cômoda, uma máquina de costura, um lavatório, dois cabides, dois relógios de parede, um berço, meia dúzia de cadeiras, um balaio, um balde cheio de água, uma porção de linguiça, um saco de pão e meia dúzia de folhinhas.

ERNESTO TOZZATO

Estou vendo, do interior de minha casa, uma janela, um quadro, três folhinhas, um cabide, quatro malas, duas portas, um pacote de fósforos Canta-Galo, uma lamparina, quatro sacos de palha de milho, seis cadeiras, um armário, três relógios, dois caixotes, uma garrafa, de azeite para lamparina, uma caixa de crochês, quatro pombos, um garrafão, uma vela, um saco de farinha de trigo, um jornal intitulado *O Estado de S. Paulo* e duas botinas.

ANTÔNIO TAVARES

Eu vejo um relógio despertador, um par de punhos, uma moringa, um copo, uma pedra mármore, quatro cadernos, um livro, um envelope, um lanche, um berço e uma pequena Geografia da Infância.

JOSÉ MARQUES DA SILVA

Estou vendo, de dentro de minha casa, uma folhinha, um espelho, uma porção de cadeiras, um guarda-roupa, uma mesa, um jarro, uma cama, uma lata de açúcar, uma lata de óleo, uma cesta de lanche, um relógio, uma boneca, um bebê, um limão, uma cômoda, um vaso, uma janela, um litro de leite, uma garrafa, um garrafão, uma caneca de leite, uma máquina de costura, uma barrica, uma porta, um cachorrinho, um par de punhos, um tesoura, um fogão, uma toalha para mesa e uma latinha com botões.

CATARINA RARI

Vejo, sobre um caixão, uma caixa de fósforos, um despertador, um vidrinho de pílulas, uma almofadinha para tinta de carimbo de borracha, uma caixinha de pílulas, um livro velho, uma navalha, uma tesoura, um parafuso, dois vidros de tinta, sendo um quadrado e um redondo, e uma lata de tinta para carimbo de borracha.

VICENTE CUONO

Vejo, sobre o banco, um par de punhos brancos, um copo, uma moringa, um relógio, um envelope, um pedaço de pedra mármore, um livro velho, estragado, um maço de cadernos, sendo dois deles cor-de-rosa, um verde e um azul, uma geografia, um lenço branco e um lanche.

JOÃO CASADEI

Vejo, sobre um caixão, o jornal chamado *A Voz do Trabalhador*, um relógio, um copo, uma tampa de moringa, uma pedra mármore, um vidrinho de pílulas, uma caixinha de pastilhas, um par de punhos, um livro de História do Brasil, um pauzinho e uma latinha de tinta para carimbo de borracha.

JÁCOMO ROMOLO

22

*Ensino racionalista em São Paulo*³¹

.....

DE CERTO TEMPO A ESTA PARTE, SE TEM NOTADO QUE O ENSINO racionalista se está desenvolvendo em S. Paulo, tanto na capital como no interior.

Assim é que, a despeito da crise, cujas consequências se têm manifestado desastrosamente, há iniciativas que vingam e permanecem, produzindo frutos relativos à possibilidade do momento. Tais são, por exemplo, as que se referem à instrução da infância proletária.

Duas escolas há mantidas pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo e uma sustentada por uma coluna de propagandistas do racionalismo, os quais têm desenvolvido louvável atividade.

Nas sedes dessas escolas, se realizam periodicamente, todos os meses, sessões instrutivas e de propaganda, cujo programa consta de palestras pelos respectivos professores, cantos de hinos e recitações de poesias pelos alunos.

É esta uma importante obra realizada pelas nossas escolas.

No interior, também, já se vai fazendo algum trabalho nesse sentido.

Não, porém, em muitos pares. Mas, para prova de que é possível desenvolver essa obra, basta dizer-se que Bauru possui uma Escola Moderna, que funciona regularmente, contando mais de um ano de vida, e que em Cândido Rodrigues existe outra, que é a mais antiga, todas relativamente bastante aproveitáveis.

[31]. (Não assinado). *O Início*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 02, p. 4, 04.09.1915.

À frente da primeira destas, se acha o prof. José Jubert e, da segunda, Elvio Nervi, que tanto se esforçam no desempenho de sua árdua tarefa.

Oxalá os propagandistas dessa grandiosa obra de regeneração social tenham imitadores!

23

*Propaganda operária em Ribeirão Pires*³²

• • • • •

NO DIA 6 DO CORRENTE, O SINDICATO DOS CANTEIROS, COMEMORANDO o 9º aniversário da sua fundação promoveu alguns atos de propaganda, sendo o primeiro uma breve sessão literária realizada no local social pelos alunos da Escola Nova da capital. Os recitativos constaram de: “Os chefes de Estado e os banqueiros”, recitados por Aurélia Mendes; “Primeiro de maio”, por Acracia Ramos; “Ao bater das enxadas”, por Progresso Ardannuy; “Rebelião”, por Angelina Soares; “As fronteiras”, por Pilar Soares. Ao começar o ato, foi cantado o hino “Alegria da infância” e, ao terminar, “A nova marselhesa”.

Os alunos, com a sua graça, habilidade e sentimento impressos aos hinos e recitativos, impressionaram e comoveram o auditório, que os aplaudiu com entusiasmo.

Antes que os assistentes saíssem à Praça da Matriz, onde devia ter lugar um comício, o delegado Dr. Nacarato, que, de S. Paulo havia seguido para esta localidade, com 20 praças de armas embaladas para manter a ordem... varsovia mandou comparecer à sua presença uma comissão do Sindicato para comunicar-lhe que não permitia que o comício se realizasse na praça. Ante a insistência dos camaradas, conseguiu-se realizar o comício na referida praça, falando por essa ocasião os camaradas Antonio Nalepinski, Florentino de Carvalho, Alexandre Zanela e um outro cujo nome não lembramos. Os camaradas abordaram com energia

[32]. UM revoltado. *Guerra Social*. São Paulo, SP, Ano 02, n. 20, p. 3, 17.06.1916.

as questões relativas à miséria, à exploração patronal, à ação infame dos empreiteiros, que deixaram de realizar com pontualidade os pagamentos aos operários, especialmente a empresa Duarte Aranha & Comp., por cuja causa os trabalhadores que ali labutam acham-se em greve.

Por último, alguns oradores fizeram uma extensa propaganda das ideias de emancipação operária, das doutrinas libertárias, demonstrando que a organização e a luta operária só podem ter valor para a redenção total do proletariado quando for orientada pelos princípios revolucionários, de transformação econômica e social, mediante a destruição das diversas instituições burguesas, que constituem a escravidão econômica, social, intelectual e moral dos trabalhadores; que a finalidade da luta deve tender ao comunismo anárquico.

Quando um dos nossos camaradas atacava com veemência os patrões e os discípulos de Loyola, o Nacarato chamou-o à ordem intimando-o a moderar a linguagem. Neste país liberal, democrático e republicano, não se pode viver às claras, nem dizer verdades quando elas prejudicam os magnatas e parasitas sociais. Para isso, existe a autoridade, para servir de capanga dos exploradores, cerceando a independência dos trabalhadores.

Apesar das ameaças policiais, os atos realizados constituíram uma boa jornada de propaganda.

De volta para S. Paulo, os camaradas que dali tinham vindo a fim de tomar parte no comício foram acompanhados pelo detetive e, segundo nos consta, ao chegarem à estação do Brás, este ordenou a dois sequazes que seguissem os nossos amigos, talvez com o fim de fazer-lhes pagar caro a ousadia de propagar abertamente as modernas ideias da revolução social.

Com isso é que os defensores dos capitalistas não poderão jamais deter o desenvolvimento da nossa propaganda de redenção social das classes sacrificadas em holocausto da canalha dourada.

24

*O Início*³³

• • • • •

Sai hoje, após tanto tempo, o terceiro número de nosso modesto jornalzinho. Mas a culpa da demora, como os leitores já sabem, não é nossa. É ainda uma das consequências da crise que tudo estraga nestes tempos. O papel está caro e o *arame* não dá para tanto. Assim, pois, que remédio? É a gente fazer o que pode. Depois não é só *O Início* que sofre. Quantos jornais não há por aí que hoje não podem manter regularidade na publicação? Demais, *O Início*, apesar de sério, é jornal de crianças, e as crianças, como é sabido, não têm dinheiro para muita coisa.

Todavia, ainda assim, *O Início* sai agora e continuará a sair sempre que possa, conservando a mesma feição e o mesmo espírito.

Feito por meninos e para meninos, fará o possível para edificar os jovens corações de seus leitores, estimulando-os para a virtude e para a conquista do bem-estar e da felicidade na terra.

E isso, caros leitores, já não é pouco nestes tempos em que o militarismo tende a dominar as nações, levando-as umas contra outras numa fúria insana.

O Início aí está em seu terceiro número e agora promete sair com regularidade.

E esse é o nosso desejo.

A REDAÇÃO

[33]. A REDAÇÃO. *O Início*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 03 p. 1, 19.08.1916.

25

*Exercícios de descrição*³⁴

• • • • •

Passeio à Caixa d'água

SÁBADO, DIA QUATRO DE SETEMBRO, NÓS FOMOS À CAIXA D'ÁGUA. Primeiro, na nossa escola, cantamos os hinos: “A mulher e as crianças”. Depois saímos quando eram onze horas e fomos pela rua Saldanha Marinho até a rua Visconde Parnaíba e depois subimos a rua João Bueno. Quando estávamos mais acima, vimos gafanhotos grandes e pequenos. Pegamos também flores roxas. Na ida e na volta, vimos vacas e cavalos. Quando chegamos à caixa d'água, demoramos um pouco a achar seixinhos e, enquanto isso, o nosso professor foi procurar o guarda, que nos abriu o portão. Entramos todos lá dentro. Quando entramos, ele disse a cada um de nós que não bulisse nas suas flores. E começamos a passear por entre as flores bonitas que tinha. Depois nós estávamos com sede e o professor chamou a menina que nos guiava, pediu-lhe uma caneca para nós bebermos água. E ela foi e trouxe um copo e nos deu água a nós todos. Depois nós viemos embora. Na volta, vimos um bezerro morto e os corvos todos perto dele. E viemos embora para a escola, aonde chegamos quando faltavam 15 minutos para as duas horas. Aí o professor nos deu o *O Início* e fomos contentes para nossas casas.

Escola Moderna nº 1

São Paulo, 14 de setembro de 1915.

EDMUNDO MAZZONE

[34]. VÁRIOS. *O Início*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 03, p. 1-2, 19.08.1916.

Festa inaugural

Domingo, 14 de novembro, houve uma festa na nossa escola para inauguração da sua nova sede, à Avenida Celso Garcia, 262.

Quando chegamos, porque era muito cedo, nós brincamos de pegador até a hora marcada.

Dentro havia pouca gente.

À hora certa, eu me sentei na carteira e um pouco depois vi chegar o professor Pinho com os alunos e a família. Vieram também os meninos do Florentino. Aí cantamos, primeiro, a “Marselhesa da Paz”. O Scala recitou “Afinidades”; Antonieta de Moraes, “As pombas”; Bruno Bertolaccini, “Um monstro”. Vieram depois de começada a festa, quando o Bruno acabou de recitar, uns músicos, que começaram a tocar.

Um deles, que é também retratista, disse ao nosso professor que, se ele quisesse, tiraria o retrato dos meninos da escola.

Acabada a nossa festinha, nós fomos para nossas casas muito contentes.

S. Paulo, 14 de julho de 1915.

JOSÉ MONTIERO (12 anos).

26

*Exercícios vários*³⁵

• • • • •

A guerra europeia

UM DESSES DIAS, CONVERSAVA EU COM UM DOS MEUS AMIGOS SOBRE a guerra, e ele me perguntou:

- Qual é a tua opinião sobre esta guerra infernal?

Eu, meu querido amigo, que queres que eu te diga? O meu desejo é, em primeiro lugar, acabar com estes governadores, imperadores, reis e finalmente com os burgueses de todas as classes, que são os causadores desta monstruosa catástrofe, na qual tantas pessoas inocentes morrem, deixando suas famílias num mar de tristeza e desconsoações, como, por exemplo, acontece às famílias destes que foram daqui para aquele tremendo matadouro. Deixaram aqui mulheres e filhos na mais espantosa das misérias. E por quê? Para defenderem o quê? Nada!... Somente para morrerem como cães naquele matadouro infernal, onde sucumbem milhares e milhares de seres humanos por causa desses vagabundos de que já te falei.

É esta a minha opinião.

S. Paulo, 09 de agosto de 1916.

JOÃO BONILHA (16 anos).

[35]. VÁRIOS. *O Início*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 03, p. 3-4, 19.08.1916.

Carta sobre a guerra

Meu querido amigo Joaquim
Saudações

Recebi a tua carta pela qual me pedias que eu te desse a minha opinião dizendo se obrarias bem ou mal indo para a guerra servir os barrigas cheias. Meu amigo, o que eu te digo é para não ires, porque tu tens a tua família, na qual deves pensar e não na pátria, que não te dá de comer se tu não trabalhares. É por isso que eu acho melhor que tu não vás. E assim viverás sossegadamente ao pé de teus pais e não os deixarás tristes. Pois tu bem sabes quanto eles sofreram para te sustentar até essa idade. E agora, que estás em uma idade própria para deixar a tua família contente, queres seguir para o matadouro, sem saber se tu voltarás ou não! E por isso eu penso que não deves ir. Assim nós poderemos nos divertir e viver, porque a pátria não interessa nada a nós.

LUIZ CARDOSO (19 anos).

O cavalo

O cavalo é um animal, porque é um ser vivo, sensível à dor e ao prazer, que se move por si em busca do próprio alimento; é vertebrado, porque mama em pequeno; é herbívoro, porque se alimenta de erva; é paquiderme, porque é herbívoro, tem ossos, estômago simples, pele espessa e não rumina; é doméstico e útil, porque se deixa amansar pelos homens, a quem ajuda no serviço do campo e de viação.

São Paulo, 02 de agosto de 1916.

EDMUNDO MAZZONE (10 anos).

Tomada da Bastilha

Realizou-se, no dia 14 de julho, uma festa escolar na Escola Moderna nº 1. Começou a festa às 07:30 horas e terminou às 09:00 horas da noite. Viemos eu, meu irmão Domingos, a mulher dele, minhas duas irmãs e muita gente. Ouvimos recitativos pelos alunos e depois houve um ensinamento de cálculos pelo sr. dr. Leopoldo Guedes, que falou sobre o tema “O número e sua aplicação prática”.

Ao terminar falou sobre a data histórica o nosso prof. João Penteado.

S. Paulo, 24 de julho de 1916.

JOÃO BIANCHINE (14 anos)

Aos amigos da Escola Moderna³⁶

• • • • •

PRETENDENDO A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA SOCIEDADE ESCOLA Moderna publicar o balancete da receita e despesa da mesma Sociedade no próximo número deste jornal, é conveniente que essa publicação seja antecipada com algumas considerações sobre a origem, evolução e estado atual dessa instituição.

Já pelas cinco partes do globo, existem algumas centenas de escolas que tentam por ou põem em prática os princípios básicos da obra de Ferrer em Barcelona, e todas essas instituições, depois do 13 de outubro de 1909, nasceram em virtude da morte do seu iniciador.

A melhor homenagem que se poderia prestar à vítima do capitalismo espanhol, aliado à vítima da intolerância fanática dos clericais, era e é continuar a obra fecunda do mártir.

Assassinaram um homem, mas deram vida às suas ideias – vida intensa e extensa.

É de lamentar que a equidade social só se consiga à custa de muito sangue humano, mas parece que esse mal não tem remédio.

O direito conquista-se pela luta, não se obtém como esmola.

Continuemos a luta que Ferrer iniciou e venceremos mais cedo ou mais tarde.

[36]. A COMISSÃO Administrativa da Sociedade Escola Moderna. **Guerra Social**. Periódico Anárquico. Ano 02, n. 46, São Paulo, SP, p. 4, 01.05.1917.

Era o nosso primitivo projeto fundar, nesta capital, uma grande escola modelo, que seria a fonte irradiadora do ensino racionalista experimental neste país. Os alunos preparados nesse estabelecimento ficariam aptos para fundar e dirigir novas escolas semeadas pelos diversos estados do Brasil, mas essa aspiração não pôde ser realizada porque os recursos angariados foram exíguos demais para tão vasto plano.

Pensou-se ainda na conveniência de serem editados livros escolares apropriados ao nosso ensino, chegamos mesmo a gastar algum dinheiro em trabalhos preliminares, mas tivemos de abandonar a iniciativa, por diversas circunstâncias prejudiciais.

Fundamos, finalmente, duas escolas e cooperamos no estabelecimento e manutenção de uma terceira.

Nenhuma delas nos satisfaz plenamente – digamos sem rodeios – mas nos apraz reconhecer que, com todas as suas imperfeições e lacunas, são preferíveis, sob todos os pontos de vista, às escolas religiosas e do Estado – abstraindo mesmo as nefastas influências morais destes estabelecimentos de ensino.

A par dessas iniciativas, muitas outras têm sido debatidas no seio desta sociedade; mas todas têm esbarrado com a insuficiência dos nossos recursos ou com a falta de professores que reúnam as qualidades desejáveis para o exercício cabal da sua missão.

No entanto, vamos fazendo o que é possível.

Para podermos manter um ponto de reunião, esta sociedade tomou ultimamente por aluguel um espaçoso salão, onde frequentemente promovemos conferências e serões de propaganda.

Iniciaremos por estes dias a publicação de uma série de opúsculos sobre a questão social, sendo *O Evangelho da Hora*, o primeiro da série, não só por ser um trabalho de valor, mas por já estar composto e podermos por isso aproveitar gratuitamente da composição.

Estamos também em vias de organizar um curso de línguas e outro de matemáticas, que proximamente começarão a funcionar no salão da Sociedade.

E eis o que tinha a expor-vos antes de publicar o balancete da receita e despesa.

A Comissão Administrativa da Sociedade Escola Moderna

28

Obras que os operários devem ler ³⁷

• • • • •

EM PORTUGUÊS

Françoies Delaisi, <i>Os financeiros, os políticos e a guerra</i> _____	\$200
Gustavo Landauer, <i>A social democracia na Alemanha</i> _____	\$200
Saint Barb, <i>Pequenas coplas</i> _____	\$100
Um pai de família, <i>O batismo</i> _____	\$200
Luiz Bolfi, <i>Greve de ventres</i> _____	\$200
Brito Bitencourt, <i>Catecismo ateu</i> _____	\$200
José Rizal, <i>Noli me tangere</i> _____	\$600
Saturnino Barbosa, <i>Ensaio de crítica racionalista</i> _____	1\$200
Errico Malatesta, <i>Programa socialista-anarquista-revolucionário</i> _____	\$100
Errico Malatesta, <i>Entre camponeses</i> _____	\$600
Neno Vasco, <i>Da porta da Europa</i> _____	2\$300
Neno Vasco, <i>Geórgicas</i> (ao trabalhador rural) _____	\$100
B. Peres Galdós, <i>Electra</i> (drama anticlerical em cinco atos) _____	1\$000
Mezza Botta, <i>O papa negro</i> _____	2\$300
Carlos Dias, <i>Semeando para colher</i> _____	\$200
Guerra Junqueiro, <i>A velhice do Padre Eterno</i> _____	2\$600
Piotr Kropotkin, <i>O comunismo anárquico</i> _____	\$200
Chacon Sicilianci, <i>Mentiras divinas</i> (cartas aos crentes) _____	1\$700
Adolfo Lima, <i>O ensino da História</i> , um folheto de 63 p. _____	\$700
Adolfo Lima, <i>O teatro na escola</i> _____	\$400

[37]. (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 01, n. 18, p. 4, 21.10.1917.

Relatório da Confederação Operária Brasileira sobre o 1º e 2º	
Congressos Operários Brasileiros	1\$200
Contos sociais (diversos autores)	\$200
Almanaque de A Aurora, para 1913	1\$000
Almanaque de O Livre Pensador	\$800
Marco A. Panete, Giordano Bruno	\$200
Pedro de Melo, Sonho dantesco	\$200
Domingos Zapata, As 67 célebres perguntas	\$200
I. A. Betoldi, O Livro da Verdade	\$500
José Augusto de Castro,	
Mensageiro da morte (poema antijesuítico)	\$100
Ex-padre Guilherme Dias, O que é o celibato	\$200
Natanael Pereira, A educação religiosa	\$200
Eugene Peletan, A Inquisição	\$200
Dr. N. Rouby, O Sagrado Coração de Jesus	\$200
Elisée Reclus, Evolução, revolução e ideal anarquista	1\$000

EM ESPANHOL

Barão de Holbach, Sistema de la Naturaleza, 2 vol.	2\$000
Barão de Holbach, El Nuevo Dios Teologia pero razonable	1\$000
Pompeo Gener, La muerte y el diablo, 2 vol.	2\$060
J. Novicow, La emancipación de la mujer	1\$000
Elias Reclus, Los primitivos, 2 vol.	2\$000
E. Murisier, Enfermedades del sentimiento religioso	1\$000
José Rizal, El Filibusterismo, 2 vol.	2\$000
Donato Lubea, El catolicismo y sus luchas con el Estado, 2 vol.	2\$000
Charles Darwin, El origen del hombre	1\$000
Charles Darwin, El pasado y el porvenir de la humanidad	1\$000
L. Arreat, De frente al ateísmo	1\$000
C. Laterneau, Ciência y materialismo	1\$000
P. J. Proudhon, La única salvación (filosofia popular)	1\$000
E. Burnouf, La ciencia de las religiones, 2 vol.	2\$000
H. Chabanne, La organización del trabajo	1\$000
P. Chinioki, El confesor, la confesión, la confesada	1\$000
L. Ferri, La impiedad triunfante	1\$000

E. Malatesta, Em el café	\$300
E. Malatesta, Entre campezinos	\$200
Gustavo Herve, La humanidad futura	\$400
Albert Riahand, Manual del socialista	\$400
Jean Jaurés, La paz y el socialismo	\$400
Charles Malato, Desenvolvimento de la humanidad	\$200
Enrique Garcia, El contraste social	\$200
Conde Lev Tolstoi, El derecho a la vida	\$400
Conde Lev Tolstoi, Nuevas orientaciones	\$400
Proudhon, Psicología de la revolución	\$400
Piotr Kropotkin, El Estado	\$400
Elisée Reclus, El porvenir de nuestros hijos	\$200
Samuel Smiles, La disciplina de la experiencia	\$200
Francisco Gica, Lo que entiendo por libre pensamiento	\$300
Por vários autores, El romance anticlerical (primeiro tomo)	\$300
Pey Ordeix, El pueblo a la aristocracia	\$300
Ramon Chies, A uma madre	\$300
Potvin, La democracia e la iglesia	\$300
Edmundo Gonzales, La libertad de enseñanza	\$300
Por vários autores, Sonetos piedosos	\$300
Piotr Kropotkin, Em volta duma vida, brochura	3\$500
Pierre Quiroule, La ciudad anarquista americana	2\$500
Ramon Verea, Catecismo del libre pensador	\$500
Diversos autores, El cancionero revolucionário, Hinos, poesias y cantares de nuevo verbo, en espanhol e italiano	\$300
E. Pataud y E. Pouget, Como haremos la Revolución, 2 vol.	2\$000
M. J. Nergal, Evolución de los mundos, enc.	1\$800
Doctor Toulouse, Como se forma una intelligência, enc.	1\$800
Nicolas Estévanez, Resumen de la historia de Espanha, enc.	1\$800
Enrique Lluria, Evolución super-organica, enc.	1\$800
Emerson, El hombre y el mundo,	1\$800
E. Trotto, El misticismo moderno	1\$000
Friedrich Nietzsche, El Anticristo	1\$000
S. Pey y Ordeix, Alma religiosa	1\$000
Augusto Dide, La revelación y los revolucionarios	1\$000

E. Beutroux, <i>Las leyes naturales</i>	1\$000
V. Delfino, <i>El alcoholismo y sus efectos en el individuo, la familia e la sociedad</i>	1\$000
V. Delfino, <i>Fisiología e higiene de la voz</i> , 2 vol.	2\$000
E. Litré, <i>Conservación y Revolución</i>	1\$000
Pablo Mantegazza, <i>Ordem y libertad</i>	1\$000
R. H. de Ibarreta, <i>La religió: al alcance de todos</i>	1\$000
Piotr Kropotkin, <i>Memorias de un revolucionário</i> , 2 vol.	2\$000
Piotr Kropotkin, <i>La conquist del pan</i>	1\$000
Piotr Kropotkin, <i>Palabras de un rebelde</i>	1\$000
E. Parny, <i>La guerra de los dioses</i>	1\$000
Ernesto Hackel, <i>Maravillas de la vida</i>	\$400
Max Nordeau, <i>Crítica contemporânea</i>	\$200
J. Jaurés y P. Letargno, <i>El concepto de la Historia</i>	\$400
C. Darwin, <i>Las facult des mentales en el hombre y en los animals</i>	\$400
Emily Zola, <i>Estudios criticos</i>	\$400
Paul Lafargue, <i>El derecho à la pereza</i>	\$200
E. Novicow, <i>El porvenir de la raza blanca</i> , 2 vol.	\$800
E. Vanderverde, <i>El socialismo agrícola</i>	\$400

EM FRANCÊS

Jean Grave, <i>Si j'avais à parler aux electeurs</i>	\$160
André Girard et M. Pierrot, <i>Le parlamentarisme contra l'Ation Ouvrière</i>	\$100
Piotr Kropotkin, <i>Le salariat</i>	\$200
E. Malatesta, <i>Entre paysans</i>	\$300

EM ITALIANO

Vincenzo Vactrea, <i>Disertore</i> (romanze sociale)	1\$000
Guido Pedreca, <i>Il sindacalismo</i>	\$500
Alceste de Ambris, <i>L'Argentina e l'imigrazione italiana</i>	\$300

Antonio Labriola, <i>Del socialismo</i>	\$400
Gaetano Zibordi, <i>La istoria de Federico</i>	\$400
Um laico, <i>La política eclesiastica in Italia</i>	\$300
Giovanni de Nava, <i>Delinquenza e misticismo</i>	\$200
P. Guarine, <i>Sole a seacchi</i>	\$400
Luigi Campolonghi, <i>Azione sindacale</i>	\$300
G. Stiavelli, <i>Il Primo Maggio nella letteratura</i>	\$400
G. D'Amato, <i>Ai ragazzi Felice</i>	\$200
Paul Adam, <i>Il liglinol prodigo</i>	\$200
Francesco Pucci, <i>Il dovere de organizzarci</i>	\$200
F. Nicolini, <i>Il pape gratuito</i>	\$200
Maximo Gorki, <i>Interviste</i>	\$500
Maximo Gorki, <i>Il compagno</i>	\$200

29

*Escolas operárias*³⁸



EMBORA LUTANDO COM DIFICULDADES DE TODA ESPÉCIE, CONTINUAM funcionando regularmente as três escolas destinadas aos filhos dos operários e fundadas em S. Paulo já há bastante tempo.

Na Escola Moderna nº 1, instalada à Avenida Celso Garcia, 262, e a cuja frente está o companheiro João Penteado, inicia-se um curso de francês na segunda-feira próxima, funcionando das 8 horas às 9 horas da noite.

À Rua Maria Joaquina, 13, Braz, está instalada a Escola Moderna nº 2, de que é professor o camarada Adelino de Pinho.

No subúrbio de S. Caetano, funciona a escola operária dirigida pelo companheiro José Alves.

[38]. (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 02, n. 16, p. 1, 07.06.1919.

*O que se imprime e recebemos*³⁹

• • • • •

“NoTemplo de nerva” (o Ensino imário no Brasil, de João Pedro artins.

RECEBEMOS ESTE BELO E BEM FEITO VOLUME, ONDE O AUTOR, EX-professor do ensino municipal do Rio de Janeiro, conhecedor profundo da organização do mesmo, do nepotismo que aí reina e da madragaria, do descuido e incompetência de que enferma a maior parte do pessoal a quem está confiado o espinhoso, mas elevado, papel de educar e instruir a infância carioca, escarpela todos os defeitos, vícios e insuficiências que lá preponderam duma maneira absoluta.

O autor, muito versado nos modernos preceitos pedagógicos e pedológicos, estuda e desenvolve, à luz da ciência e dos ensinamentos dos maiores escritores e psicologistas, todos os assuntos que mais diretamente se prendem com as boas normas e os sãos métodos de um ensino racional, humano e elevado; e, salvo leves discrepâncias, achamos o seu trabalho, em quase todos os seus capítulos, bem orientado, útil e digno de ser conhecido e divulgado o mais que puder.

Uma coisa, porém, nos chocou desagradavelmente: a apologia em extremo ridente do escotismo. Todas as vantagens anunciadas a favor deste desaparecem, para nós, diante deste fato evidente, inequívoco e demonstrativo: o escotismo leva em linha reta ao militarismo, é uma antecâmara da caserna e, nos momentos que correm, após tanta san-

[39]. PINHO, Adelino de. **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 02, n. 16, p. 3, 07.06.1919.

gueira vertida durante quase cinco anos, era tempo de todos os olhos se abrirem, de todas as viseiras se erguerem. Os fatos são tão eloquentes! São precisos exercícios? Pois então propaguem o gosto, demonstrem a utilidade e atraíam a simpatia dos meninos e dos jovens para os trabalhos manuais. Empunhem ferramentas – elementos de vida e de beleza – e abandonem as carabinas – elementos de morte de abomínio.

O trabalho manual! Eis aí o exercício por excelência. Nenhum mais útil, nem mais são, nem mais moralizador.

Mas, mal grado estes senões, é livro digno de atenciosa leitura e quem nos dera muitos como este!

Receba o autor sinceras felicitações do obscuro e modesto educador que escreveu estas linhas.

“A luta pela erdade de ento”

por Bezrerra Leite.

Editado pelo Centro Livre Pensador, de Curitiba, recebemos este folhetinho cujo conteúdo consiste em meia dúzia de sonetos em que o autor, sob diversos títulos, põe a nu a miséria moral de certas palhaçadas, das quais a mais característica é a que tem como assunto a reposição do Cristo na sala do Tribunal.

Como obra de propaganda, agradou-nos. Quanto à técnica, não obstante, sua boa impressão poderia ser mais cuidada.

31

13 de outubro.

A comemoração da Escola Moderna nº 1⁴⁰

• • • • •

HOJE, DOMINGO, ÀS 14 HORAS, VÉSPERA DO ANIVERSÁRIO DO Fuzilamento de Francisco Ferrer y Guardia, instituidor da Escola Moderna de Barcelona, será realizada na sede da Escola Moderna n. 1, à Avenida Celso Garcia, n. 262, uma sessão comemorativa a esse acontecimento histórico.

Prestará gentilmente seu belo concurso a esta iniciativa a Banda Internacional Recreativa e Musical da Moóca, que, nos intervalos, executará escolhidas peças de seu repertório.

O programa a ser executado é o seguinte:

I PARTE

I – Hino “A Grande Pátria”, coro, pelos alunos. II – “Pássaro cativo”, recitativo, por Georgina Diniz; III – “Meus companheiros”, idem, por Milton Sampaio; IV – Hino “Ladainha”, coro, pelos meninos; V – “A ama”, recitativo, por Magdalena Lemos; VI – “Ninho”, idem, por Emiliania Corrêa; VII – “A planta”, idem, por Ivvan Baronheid; VIII – Hino “Primeiro de Maio”, coro, pelos meninos; IX – “Estrelas”, recitativo, por

[40]. (Não assinado). **A Plebe**. Diário da Manhã – Porta-voz dos oprimidos. São Paulo, SP, Ano 02, n. 30, p. 3, 11.10.1919.

Benedicto Castrucci; X – “Velhas árvores”, idem, por Magdalena Lemos; XI – Hino “Cavemos a terra”, coro, pelos alunos; XII – “Lenheiro”, recitativo por Victor Miniere; XIII – “Mocidade”, idem, por Filomena Bellomo; XIV – “Quadrinhas”, idem, por Annita Astolfi e Maria Lartelli; XV – Hinos, “Borboletas”, coro, pelas meninas; XVI – “Gota de orvalho”, recitativo, por Georgina Diniz; XVII – o “Sombra?”, recitativo, por Benedito Castrucci; XVIII – Hino, “As criancinhas”, coro, pelas meninas; XIX – Os dois edifícios pela senhorita Maria da Conceição; XX – Conferência.

II PARTE

Alguns membros da A. Espanhola de Instrução e Repatriação executarão, em castelhano, os seguintes números:

I – “Alegrias de Aragon”, dueto, cantado por Francisco Rodrigues e Antonio Pizá; II – “Canción de Los Deportados”, por Francisco Rodrigues; III – “Las Arboles”, poesia, recitada por Progreso Ardannui.

Estas canções serão acompanhadas pela Randalla Aragonesa.

32

Francisco Ferrer.

As comemorações de 13 de outubro nesta capital⁴¹

• • • • •

Na Escola Moderna nº 1

FOI UM ENCANTO A FESTA COMEMORATIVA DO FUZILAMENTO DE FERRER, levada a efeito anteontem na Escola Moderna nº 1, do Braz, da qual é professor o nosso companheiro Adelino de Pinho. O salão estava repleto de alunos e famílias convidadas.

O programa anunciado foi carinhosamente executado, deixando em todos os que lá estiveram uma deliciosa impressão.

Na Sociedade Espanhola de Repatriación y Instrucción

Nesta simpática sociedade, que tem a sua sede à Rua Carneiro Leão, nº 5, o nome de Ferrer foi festivamente lembrado anteontem.

Efetuuou-se ali com grande concorrência, na qual falaram diversos oradores que foram muito aplaudidos.

[41]. (Não assinado). **A Plebe**. Diário da Manhã – Porta-voz dos oprimidos. São Paulo, SP, Ano 02, n. 32, p. 2, 14.10.1919.

No Salão Itália Fausta

Imponente o festival comemorativo de ontem, levado a efeito no Salão Itália Fausta pelos elementos libertários de São Paulo.

Deu início à sessão o companheiro Everardo Dias, que fez uma bela conferência sobre o mártir de Montjuich, sendo muito aplaudido pela numerosa assistência, na qual estavam representadas todas as classes de trabalhadores.

Fizeram uso da palavra muitos companheiros e a Sra. Belem Sarraga.

A sessão comemorativa deixou em todos os presentes a mais grata recordação.

33

Estudantes de ontem e estudantes de hoje.

*Um artigo que vem a propósito*⁴²

• • • • •

NO MÊS QUE HOJE FINDA, HÁ TRÊS ANOS, NUM QUARTO DO HOTEL Brasil, em São Paulo, tragicamente desapareceu da cena da vida a figura imortal de Ricardo Gonçalves.

Ainda é tempo de acordar a memória esquecida dos contemporâneos e convidá-la a render a esse formosismo espírito a homenagem de alguns minutos de saudade.

Temperamento afetivo e singelo – já eu o disse, há um ano – Ricardo amava, entranhamente, a sua terra a sua família, os seus amigos e, com estes, toda gente humilde e simples que dele se acercava. Deste seu amor à bondade, à humildade, à simplicidade, nasceu-lhe, na adolescência, o entusiasmo com que ardorosa e convencidamente abraçou o socialismo. E, na ideia socialista, resumia Ricardo a formosa trilogia da dignidade do homem: liberdade, igualdade, fraternidade. Mas é mister que o digamos, desde logo: o seu socialismo não se manifestava somente nos seus quentes, arrebatadores discursos, nos *clubs* acadêmicos ou nas praças públicas. Demonstrava-o o admirável moço pela prática de atos de absoluta dedicação e coragem extraordinária.

A melhor homenagem que hoje podemos prestar à imperecível memória desse grande morto é, sem dúvida, recordar, na pungente atuali-

[42]. MORAES, Heitor. **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 04, n. 44, p. 2, 29.11.1919.

dade destes dias escuros, a sua ação nobilitante e confortadora, ao lado dos humildes operários sofredores, por ocasião da grande greve que, em maio de 1906, convulsionou S. Paulo e, rápida e assustadora, se alastrou logo por todo o Estado.

Anunciava-se um comício no lago de S. Francisco.

Era o primeiro, se bem me recorda. Antes, porém, de aparecerem os primeiros operários, já havia a polícia ocupado toda a praça.

Chegando ao local, foram os promotores do comício notificados de que lhes não seria permitido pôr em prática o seu intento.

Houve protestos, em termos a princípio, calmos. Protestos vãos. Calma inútil. A ordem era terminante: a reunião não se efetuariá. Contudo, dos ângulos da praça, iam surgindo em pequenos grupos cautelosos os operários... Ameaçava frustrar-se o rigor da intimação policial: era, porém, preciso que ela se cumprisse, custasse o que custasse. E logo a força entrou de se ostentar: passou prestes da ilegal advertência proibitória, desprezando a intermediária prudência da simples intimidação, às criminosas manifestações da violência franca, positiva, vexatória, desumana, brutal.

Às portas da velha Academia, os estudantes de Direito assistiam às vergonhosas cenas, revoltados, mas silenciosos e indecisos...

Eis que se fez ouvir aquela voz vibrante, cristalina, sonora e persuasiva, que nunca mais – nunca mais! – se ouvirá cantar na terra. Uma onda de entusiasmo juvenil cresceu, de súbito, ao encontro e em auxílio dos humildes proletários; e em sereno, desassombrado desafio, contra os seus opressores.

Bastou que aquela voz falasse, cheia de energia e de fé, em defesa da lei e da justiça; bastou que, por aquela voz maravilhosa, protestasse o direito; salvou-se a justiça, desafrontou-se a lei, e o comício realizou-se dentro do venerável templo, onde a mocidade jura defendê-las sobre todas as coisas.

Irritados pela derrota imprevista, os esbirros voltaram, nos dias seguintes, a postar-se, em pé de guerra, em frente à Faculdade, perturbando o regular funcionamento das aulas, exacerbando os ânimos com um aparato acintoso de força armada, imiscuindo a turba dos estudantes, com a incumbência expressa de promover distúrbios, a facínoras que tem a seu serviço; efetuando prisões de acadêmicos, que outro delito não

cometeram senão o de compelir os seus colegas a dar acolhida, no palco interno da Academia contra as violências policiais, a uma multidão de operários inermes, conglomerados no exercício de um direito.

Assim relatou Ricardo os acontecimentos, justificando a nobre atitude da mocidade acadêmica, em face da arbitrariedade policial, no manifesto por ele redigido às escolas superiores e ao povo.

Nesse manifesto, cujo autógrafo salvei, em boa hora, da destruição e guardo religiosamente, como a relíquia de um santo, se destacam dois incidentes entre os muitos daquela agitada luta desigual, em que nos envolvêramos todos os seus colegas, concitados pela magia do seu verbo e por amor à causa das liberdades populares:

No edifício da escola, permanecia ontem, como de costume, à espera das aulas, um grupo numeroso de alunos.

Como, nessa ocasião, a força de cavalaria, depois de haver dissolvido um ajuntamento de curiosos, espancasse um pobre velho que passava, protestos veementes levantaram-se entre os estudantes. Foi o suficiente para que o piquete de cavalaria formasse diante do edifício, ameaçando invadi-lo. Os acadêmicos, terminado o incidente, compreendendo a gravidade da situação, resolveram retirar-se para que fossem fechadas as portas da escola.

Antes, porém, uma comissão de estudantes dirigiu-se ao delegado, que ali se achava, a fim de indagar se havia mandado de prisão contra três colegas ameaçados, conforme se propalava. Recebendo resposta negativa, a comissão declarou à autoridade que um grupo de duzentos estudantes, para significar que não participava do movimento grevista, ia abandonar o largo e acompanhar à casa os seus três colegas que se julgavam ameaçados de prisão. A autoridade prometeu aos acadêmicos, “sob palavra de honra”, que não haveria intervenção policial para impedi-los de levar a efeito semelhante designo, oferecendo-se mais acompanhá-los para garanti-los com a sua presença, o que foi recusado por desnecessário.

Calmos, confiando imprudentemente na palavra de um esbirro arbitrário e irresponsável, os estudantes desceram em silêncio, como um préstito fúnebre, na rua de S. Bento. Mal haviam dado uma centena de passos, agrega-se ao cortejo, sorrateiramente, grupo de “secretas”, sicários que a polícia

arranca aos ergástulos, nos dias de agitação, para instrumentos de brutalidades inomináveis. A malta criminosa, sem um pretexto, agride inominadamente os estudantes a cacetadas e tiros de revólver.

Vencido o primeiro impulso de fuga, um pequeno grupo tenta repelir, mas debalde, o infamíssimo ataque. Um tiroteio cerrado dispersa-o. A cavalaria, a uma ordem do ignóbil delegado, surge imediatamente depois para secundar os secretas. À redação d'O Comércio de S. Paulo, recolhem-se acossados, fugitivos e feridos...

Ao lado de Ricardo Gonçalves, na vanguarda dessa procissão acadêmica, ensanguentada pela malvadez de uma autoridade inconsciente, que assim se desonrava, fui testemunha da sua forte, serena coragem, imperturbável mesmo diante da morte.

Vi-o com toda calma, quase a sorrir, alçar o braço, para exercer o direito de legítima defesa própria e dos seus companheiros... E, na confusão do drama repentino, colhido na brutalidade do tumulto, envolto no fumo daquele bárbaro tiroteio, ainda mais cresceu aos meus olhos atônitos o romântico perfil do suavíssimo poeta, naquele momento, mais do que nunca, para a minha admiração de amigo orgulhoso de sua amizade, transfigurado, maravilhosamente, na heroica figura de Cirano de Bergerac. E essa atitude, de herói, serena, impávida e intemerata, manteve-a, seguiu-a sempre, até o supremo instante de sua vida, esse formoso, mas desventurado cavaleiro andante da bondade e da beleza.

Assim viveu e assim morreu Ricardo, porque, a tudo que lhe era mais caro, no mundo – o amor, a arte, a amizade, a família – sobrepunha ele o ideal, mais alto do que tudo, de entrar, um dia, na imortalidade, levando consigo, intacto e imaculado, o seu penacho, sempre rutilante – a honra do seu nome, a pureza da sua glória!

Santos, 31 de outubro de 1919.

HEITOR DE MORAES.

(Do *Estado de S. Paulo*, edição da noite)

34

*Encerram-se as Escolas Modernas de S. Paulo*⁴³

• • • • •

No entanto, protegem os coiós de clericanalha

A POLÍCIA, MANEJANDO OS SEUS BONECOS DA DIRETORIA DA Instrução Pública, que já perdeu a altivez e a independência, que lhe ficavam muito bem, ordenou o fechamento das Escolas Modernas, uma à Avenida Celso Garcia, 262, do professor João Penteado; e outra à Rua Maria Joaquim, 13, do professor Adelino de Pinho.

Esses professores receberam ofícios do dr. Oscar Thompson, declarando que, tendo sido verificado pela Secretaria da Justiça que as suas escolas, “visando à propagação das ideias anárquicas e à implantação do regime comunista, ferem de modo iniludível a organização política e social do país”. Por isso, foi decretado o seu fechamento.

Mesmo que as afirmações da Secretaria de Justiça fossem verdadeiras, esse ato só poderia ser levado a efeito se a sua ação se estendesse às escolas corruptoras que existem em todos os pontos da capital e do interior, onde se ministra às pobres crianças toda a sorte de mentiras religiosas e sociais.

Querem maior atentado à consciência do que as escolas dirigidas por padres nos desvãos escuros de infectas sacristias?

[43]. (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 04, n. 44, p. 2, 29.11.1919.

Essas escolas são verdadeiras fábricas de escândalos que o público não desconhece e é o primeiro a comentar.

Porque motivo a polícia não mandou fechar o Orfanato Cristóvão Colombo? Pelo contrário... Subsidiaram-no o Município e o Estado com grossas somas, assim como a todos os padres Faustinos, a todos os padres Consoni que corrompem, violam e matam as infelizes crianças brasileiras!

Para esses que enchem os hospícios de loucos, as secretarias de idiotas, as ruas de decaídas e as esquinas de invertidos, a polícia não tem olhos, pois sabe que a degradação dos povos é a riqueza dos *trusts* políticos e comerciais. Seus olhos coléricos estão voltados para os lugares onde se diz à criança que a ciência é a única verdade existente e que o homem que vive do trabalho de outro homem é um ladrão!

35

*Em São Paulo fecham-se as Escolas Modernas*⁴⁴

• • • • •

A DIRETORIA DA INSTRUÇÃO DE SÃO PAULO, POR SOLICITAÇÃO DA Secretaria de Justiça e Segurança Pública, inspirada pela padralhada e jesuitada, que são os que tudo mandam e ordenam na velha terra dos bandeirantes, ordenou o encerramento da Escola Moderna nº 1, a cargo do professor João Penteado, e da Escola nº 2, a cargo do professor Adelino de Pinho, pretextando representarem estas escolas focos de ideias subversivas, onde se pregavam ideais anárquico comunistas, visando à destruição do Estado, etc., etc.

Não resta dúvida, diante destes fatos, que a jesuitada, procedendo à prussiana como procede, tenta apagar aqueles núcleos de racionalismo onde, mediante um trabalho de paciência e de esforço, se iam depurando as infantis inteligências dos velhos preconceitos, das velhas concepções e dos rançosos usos.

O clericalismo, ao serviço das classes usurpadoras, tenta apagar a luz do sol com um apagador de lata e, visto estes professores serem humildes, mas sinceros apóstolos das ideias de liberdade e de justiça, tanto no campo econômico como no moral e no pedagógico, arranque-lhes o ganha pão a ver se, com a fome e o desespero, lhes quebram a rija tempera do seu caráter incorruptível.

As Escolas Modernas têm o grande defeito, para os potentados e poderosos da terra, de não incutir no espírito de seus alunos princípios

[44]. ADÉLIO. *Spartacus*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 18, p. 2, 29.11.1919.

de moral religiosa ou patriótica de qualquer espécie. O seu intuito é preparar homens do futuro, homens que não se curvem diante de fetiches de qualquer ordem. Criaturas que pensem, que sintam, que formem opinião de todos os fenômenos sociais sem preconceitos, sem ideias preconcebidas, por impulso próprio, por raciocínio pessoal.

Mas daí concluir-se que sejam focos de “doutrinas anárquico-comunistas” vai tanta diferença como vai da altura do Pão do Açúcar para o Himalaia.

A modesta obra das modestas escolas, agora fechadas por obra e graça dos padres, da polícia e dos patrões de S. Paulo, limitava-se ao ensino elementar da leitura, da escrita, da aritmética baseado nas “lições de coisas”, dando motivo a que a criança se familiarizasse com as ciências naturais e com os processos da moderna indústria e da mecânica e também da agricultura.

Claro, esta obra, se bem que modesta, não era inútil.

Eram algumas dezenas ou centenas de crianças que anualmente se libertavam, se esquivavam às influências deletérias do ensino religioso e dogmático que ensina que um mais um e mais um é igual a um, como acontece com as pessoas da santíssima trindade, em oposição a todas as verdades e regras estabelecidas pela matemática.

Mas como os governos burgueses clericais não concebem que as criaturas possam pensar de modo diferente do que convém aos interesses do clericalismo, do capitalismo e do industrialismo, segue-se que qualquer centro de onde irradie alguma centelha de luz será suprimido sem dó nem piedade, mesmo lançando na miséria honestos chefes de família.

Num país, que alguém com tanta justeza apelidou de analfabetolândia, por uma simples violência policial clerical, fecham-se duas escolas onde cerca de duzentas crianças recebiam o pão do espírito sem oneração para o Estado.

Quando tantos espíritos superiores consideram o problema do analfabetismo como o maior flagelo que consome o Brasil, no Estado Modelo deste país, até modelo nisto, encerram-se escolas por tomarem a sério o seu papel.

De duas, uma. Ou todas essas campanhas contra o analfabetismo são pura encenação, ou todas essas *Ligas* para a disseminação do ensino ultimamente criadas não passam de agências eleitorais que se mascaram

com o nome de instrutivas para arrebanhar eleitores, arranjando assim um lugar à mesa do orçamento, ou então o ato do fechamento de duas escolas independentes que nada querem do Estado, nem do Município, que se bastam a si mesmas com próprios recursos e que merecem aos pais dos alunos toda a confiança e toda a solidariedade, mereceria o protesto mais veemente, a censura mais acerba, a hostilidade mais severa. No entanto, a imprensa burguesa limitou-se a noticiar o fato em meia dúzia de linhas quase invisíveis sem o mínimo comentário. E noutro tempo teriam exigido a fogueira para os seus professores!

36

*Boa lição*⁴⁵

• • • • •

ANTES DE O NOSSO JORNAL SAIR, UM CAMARADA TOMOU UMA ASSINATURA de um mês. Quando o nosso cobrador foi procurá-lo, ele já havia mudado de ideia...

Um companheiro que presenciou o fato teve a ideia de abrir uma subscrição, a cem réis, que foi logo coberta por trinta nomes.

O caso ocorreu na fábrica de tecidos Babilônia.

Foi uma bela lição...

[45]. (Não assinado). **Voz do Povo**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 14, p. 1, 20.02.1920.



O 3º Congresso, constatando que, pela feição de luta de classe, anti-capitalista, do movimento associativo proletário, o embate dos princípios relacionados com as questões próprias aos seus problemas se verifica e não pode senão contribuir para o esclarecimento mútuo e para a educação social do proletariado, aconselha os trabalhadores a contribuírem para que nas associações se mantenha um ambiente de tolerância coletiva, evitando entretanto questões pessoais e atitudes agressivas, fazendo com que, no regimes do livre exame, possam os obreiros associados alimentar uma mentalidade consentânea com a luta em prol de sua emancipação.

O 3º Congresso, atendendo às necessidades da união operária, aconselha o operariado a evitar cisões, que só podem prejudicar a eficiência sindical; quando, porém, isso se verificar, por uma circunstância qualquer, que deve ser evitada, os trabalhadores devem fazer com que as organizações divididas evitem as questões de caráter pessoal, mantendo-se cada qual no terreno dos embates sindicais, repelindo as divergências nos movimentos de luta em defesa dos direitos comuns e deixando à prática a demonstração da melhor orientação mais consentânea com os intuitos do movimento de resistência à exploração patronal.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

O 3.º Congresso, sobre o tema “Educação e Instrução”, confirma as resoluções gerais tomadas no 2º Congresso, lembrando entretanto às organizações operárias a necessidade de agir de forma que a criação de escolas operárias nas dependências dos sindicatos não constitua de maneira alguma um embaraço à ação específica de resistência.

[46]. RESOLUÇÕES do 3º Congresso Operário Brasileiro. *O Trabalhador Gráfico*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 03, 15.09.1920.

38

No Rio de Janeiro. Fundação de um Comitê de educação proletária. Um apelo dirigido a todos os homens em geral⁴⁷

• • • • •

FOI CRIADA HÁ POUCO NA CAPITAL DA REPÚBLICA UMA AGREMIÇÃO que está destinada a prestar grandes serviços aos trabalhadores, pela obra a que se propõe de contribuir para a derrocada dos preconceitos que até hoje têm trazido escravizada a humanidade.

Num manifesto que distribuiu, o Comitê de Desenvolvimento do Ensino Geral e Técnico no Brasil assim expõe os seus fins.

Desenvolver a instrução de todos os seres humanos por meio de conferências, palestras, revistas ilustradas, folhetos, etc.

Fundar uma revista pedagógica, criar escolas que eduquem e instruam o povo técnica, moral e intelectualmente; fazer excursões, levar à cena peças de grande valor, etc.

Este Comitê, cuja finalidade é a fraternização da família proletária e a elevação de todos pelo bem, pela liberdade e pela fraternidade, pedenos que publiquemos o seguinte apelo:

[47]. (Não assinado). **A Vanguarda**. São Paulo, SP, Ano 01, n. 20, 20.03.1921.

A TODOS OS HOMENS EM GERAL

O apelo que, destas colunas, lançamos a todos os homens de alma nobre e coração generoso, no sentido de cooperarem na nossa obra de educação e elevação dos sentimentos afetivos do homem, traduz o nosso ardente desejo de que cada qual contribua com a sua parte nesse tentamen.

O nosso grito, estamos certos, ecoará vibrante e será acolhido com a maior simpatia pelos espíritos bondosos e progressistas.

Ele vai direto aos intelectuais, artistas, higienistas, pedagogos, jurisconsultos, engenheiros, agrônomos, e em geral aos homens de conhecimentos que possam, com a luz do seu saber, trazer o pão de espírito aos cérebros ainda em plena obscuridade. Com o poder das vossas inteligências, seguiremos, impávidos, a rota que traçamos. Esperamos que o vosso concurso não nos será negado porque a nossa obra é humanitária e grandiosa. Aos professores e estudantes das nossas escolas superiores, que com o auxílio dos seus conhecimentos virão dar o seu quinhão para o complemento de nosso esforço, todos, indistintamente, desde a cátedra ao martelo, podem cooperar na empresa.

Às famílias, principalmente, cabe a maior parte do auxílio que esperamos, porque em torno delas giram todos os problemas humanos.

Dos homens de espírito esclarecido e amantes da instrução, esperamos também o óbolo para levarmos avante a nossa cruzada contra a incultura dos homens.

Todos podem dar o seu apoio e trabalhar para a nossa vitória nessa árdua luta, à maneira que as circunstâncias e o desenvolvimento da mesma o determinem.

Começamos com a máxima abnegação o nosso ingente trabalho, contando que o vosso auxílio não se faça esperar.

Da vossa cooperação depende o nosso triunfo.

Todas as adesões podem ser enviadas à avenida Gomes Freire, 17, loja.

39

*Pela instrução dos proletários*⁴⁸

• • • • •

COMO JÁ FOI LARGAMENTE ANUNCIADO, O GRÊMIO ARTÍSTICO RENOVÇÃO iniciou uma aula diária de esperanto, no dia 15 próximo passado, com o número de 15 alunos, que irão penetrar, pouco a pouco, na senda do conhecimento, da instrução, que é luz e espanca as trevas da ignorância.

Este mesmo Grêmio não se limita a proporcionar a seus associados e trabalhadores em geral, tão somente o conhecimento da língua esperantista.

Não! A sua esfera de ação vai mais longe, a sua órbita de propaganda é muito mais extensa.

Propõe-se o Grêmio Artístico Renovação a propagar os conhecimentos mais concretos possíveis por intermédio da música, do teatro, da escola, das conferências e do livro, contando com um núcleo de homens de boa vontade à sua frente, os quais não pouparão esforços para lograr o êxito mais completo.

O programa deste Grêmio é tão útil aos trabalhadores como às associações de classe e, como estas, necessita da boa vontade e apoio destes, para progredir e tornar-se cada vez mais prestativo àqueles que tanto necessitam de instrução como pão para boca.

Há um provérbio, cuja alta significação de verdade nunca deveria ser esquecida pelos trabalhadores. É o seguinte:

[48]. FALLEIRO, Américo. *A Alvorada*. Petrópolis, RJ, Ano 01, n. 01, p. 1, 31.03.1921.

“Cuidai do corpo sem desprezar o espírito.”

É uma verdade que resume a lógica incontestável, porque, de fato todos os homens e mulheres, velhos e moços, jamais deverão esquecer-se dos seus corpos e dos seus espíritos procurando sempre equilibrar a normalidade das funções de ambos.

Nas associações de classe, os trabalhadores devem reivindicar o pão material, e na escola, por intermédio do livro, da pena e da estética, o pão para o espírito. A harmonia desses dois órgãos – o espírito e a matéria – coincidirão com a felicidade dos povos, com as genuínas fraternidades, liberdade e igualdade humanas, que hoje tão longe estão de ser um fato em qualquer país do universo.

Enquanto houver um homem muito mais instruído do que o outro, que, muitas vezes, não pôde instruir-se, aquele, sendo mal, predominará sobre este e o despojará facilmente dos seus direitos.

Mas, se ambos forem regularmente instruídos, não será tão fácil o predomínio de um sobre o outro.

Eis porque não existe sobre a terra o genuíno bem-estar coletivo, e eis porque os jovens de hoje devem merecer a especial atenção de seus pais, neste ponto primordial para a emancipação integral da humanidade – a instrução!

Será a instrução viável e progressiva das massas hoje obscuras que fará a verdadeira revolução social, revolucionando os cérebros e libertando-os dos miseráveis preconceitos do convento e do servilismo que hoje impera.

A evolução moral e intelectual se faz, porém, com certa lentidão...

É necessário, pois, que aceleremos a sua marcha, colidindo as nossas forças de espírito para esse cadinho que refundirá os cérebros humanos e que chama – instrução.

Aos trabalhadores em geral, concito para que patrocinem todas as boas iniciativas análogas à do Grêmio Artístico Renovação, que tem por fim espancar as trevas da ignorância.

40

*Uma bela ideia em marcha*⁴⁹

• • • • •

É COM A MÁXIMA SATISFAÇÃO QUE VEJO UM GRUPO DE MOÇOS QUE compreenderam que todas as diversões criadas pela sociedade atual só têm servido para desviar o proletariado de meditar nas suas misérias e mui especialmente a mocidade, pois são eles os continuadores da obra de emancipação completa dos trabalhadores.

É que um grupo de camaradas, conhecendo a necessidade de preparar uma mocidade forte e unida, que possa dar uma razão consciente do papel que representa diante da sociedade, fez surgir o Grêmio do Proletariado de Petrópolis para a educação moral e intelectual do proletariado em geral.

Compreendendo-se esse importantíssimo passo dos moços, é que merece a nossa atenção e especialmente dos militantes que nunca negaram o seu concurso na obra de emancipação humana.

Assim como a cooperação dos homens de boa vontade, não deve faltar o seu concurso a esse grupo de camaradas que procuram arrancar do antro da ignorância aqueles que têm se deixado levar pelas diversões fúteis que a burguesia organiza para desviar do sentimento de revolta os trabalhadores.

Camaradas, compreendendo esse gesto nobre, de vós outros com essa iniciativa bela, a qual merece os mais sinceros aplausos da coletividade, assim como o apoio das organizações, pois é delas de que se compõem o Grêmio na sua maioria.

[49]. 49 GILDO, D. **A Alvorada**. Petrópolis, RJ, Ano 01, n. 01, p. 2, 31.03.1921.

Assim, pois, camaradas, eu vos saúdo pela grande obra que tens a desenvolver para salvar essa mocidade desta sociedade malsã, que só tem ensinado ao povo a mentira e a discórdia.

Não queremos viver, como os antófilos, queremos gozar, pois não temos somente estômago; queremos produzir, segundo as nossas forças, e consumir, segundo as nossas necessidades, pois é esta a grande máxima dos trabalhadores.

Avante, pois, camaradas, que a vitória é certa!

41

Através dos livros *Renovação - D. Maria Lacerda* *de Moura*⁵⁰

• • • • •

É A PROPÓSITO DESTE LIVRO QUE ME VOU OCUPAR NO DECORRER destas linhas, pondo em relevo as belas qualidades da ilustrada autora – d. Maria Lacerda de Moura, distinta professora mineira, cujo nome é bastante conhecido no nosso meio literário. Faz já bem tempo que dela recebi um exemplar da obra *Renovação*, mas só agora, afinal, é que me foi possível sobre a mesma fazer algumas referências, à guisa de crítica, mas que não passam de simples apreciações, revelando, principalmente, o que de mais agradável pude observar através de tão útil e proveitosa leitura.

Já não era a primeira obra literária que da referida autora tive o prazer de ler e por isso não me surpreendi com a beleza de seu espírito, nem com a singeleza delicada das suas expressões, nem com a fluência de seu estilo, porque já sabia de quanto é capaz d. Maria Lacerda de Moura, que, além de ser o expoente de valor intelectual da mulher brasileira, é também exímia educadora, cujo merecimento a torna digna da admiração e da simpatia de todos aqueles que a conhecem.

Na *Renovação*, a inteligente escritora deixa ver plenamente a grandeza de sua alma de mulher estudiosa e aplicada ao trabalho de investigação das causas determinantes das misérias humanas, demonstrando ver-

[50]. PENTEADO, João. *A Vanguarda*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 35, 13.04.1921.

dadeiro interesse pela questão social, especializando-se, principalmente, na parte que se refere ao problema feminista e à educação e instrução dos filhos do povo.

O recebimento de tão sugestiva obra foi para mim motivo de grande satisfação, porque com isso tive a prova incontestável de que entre as mulheres também, no Brasil, já existe inteligência que se preocupa com a questão social e dá mostra de seu interessamento por esse magno assunto, produzindo obra como esta, cujo espírito livre de preconceitos tende a levar aos lares das mulheres brasileiras a propaganda feminista e auxiliá-las para a obra de emancipação, demonstrando-nos claramente que a mulher é um ser igual ao homem em talento e inteligência e que, por isso mesmo, deve ser considerada como uma pessoa livre e capaz de exercer todos os direitos que ao homem são concedidos na sociedade em que vivemos.

Entretanto, a despeito do interesse que me despertou a leitura de *Renovação* e do valor moral que lhe reconheço – só agora e depois de tanto tempo – é que dela passo a ocupar-me, mas, em compensação, devido a esse fato, tive a oportunidade de oferecer a referida obra a uma inteligente jovem, minha conterrânea, que cursa com brilhantismo uma das escolas normais de São Paulo, a quem, como condição, pedi fizesse a devida apreciação de tão proveitoso trabalho, sendo por ela gentilmente atendido.

Assim é que hoje, para reforçar as minhas expressões com relação à tão admirável obra de propaganda feminista e educacionista, tenho o prazer de dar a palavra à referida jovem estudante, futura colega da autora de *Renovação*, a qual em algumas tiras de papel me dirigiu, por sua vez, as expressões de sua admiração pela leitura do belo trabalho, expressões essas que, por serem justas e cheias de verdade, imaginei oportuno aproveitar-me delas, trasladando-as para estas colunas.

É, pois, o que faço, chamando a atenção dos nossos companheiros para as suas palavras cheias de vida e de entusiasmo, próprias dos jovens corações:

Ei-las:

Meu nobre amigo.

Estou só no escritório. Lá fora, em grossas bátegas, a chuva cai pesadamente sobre a cidade que dorme e os ventos

ululam lugubrememente. Tenho ainda sobre a mesa o livro que, tão gentilmente, me enviou.

Ah! Que extraordinário livro, meu amigo! Como nos arrebatam de entusiasmo essas páginas brilhantes, que atestam o valor, o talento da mulher brasileira!

Renovação é o mais esplêndido livro que tenho lido nestes últimos tempos!

Nesse livro, com uma clarividência extraordinária, num estilo brilhante, Lacerda de Moura aborda a questão feminina no Brasil, mostrando o papel da mulher brasileira e salientando a sua função no lar, como primeira educadora dos filhinhos!

E não é Lacerda de Moura uma propagandista exaltada do socialismo, essa nova aurora esplêndida de vida e de energia que começa a surgir para a humanidade, não! A nenhum partido se filiou ainda. “Que me importa a mim esse ou aquele partido, esse ou aquele programa, contanto que nos encaminhe todos para a quimera da perfeição num sonho de felicidade futura?” – diz em uma de suas belas páginas.

E como isto é nobre e belo, meu amigo! Realmente. Que importa o nome, o programa de cada partido se a divisa, o objetivo de cada um deles for o mesmo?

E do feminismo, com a mesma energia, com o mesmo amor, Lacerda de Moura passa a tratar de “O sufrágio feminino”, que “será mais uma alavanca para ressaltar vigoroso da ação emancipadora”. Mais uma alavanca! Poderosa, porque obtido o seu direito caminharemos para o alvorecer do grande dia em que façamos todos e cada uma o próprio governo, colocando a justiça acima de tudo.

E eu quisera que todas as mães, que todas as mestras lessem essas páginas brilhantes, em que Lacerda de Moura diz: “Se as professoras e as mães pregassem aos filhos desde o berço o dever de pugnar pelos interesses femininos, claro está que não haveria tanta e tão amarga ironia em torno das nossas aspirações tão justas”.

As suas mais belas páginas, porém, a meu ver, são as últimas, meu amigo.

O capítulo “A Educação Nova” é um dos melhores, o melhor mesmo, o de maior valor do livro.

Nele, com um admirável tato de educação, Lacerda de Moura combate a educação de hoje que, de educação, só possui o nome.

Educar! Deve ser esta a nossa maior aspiração! Educar os nossos filhos, os nossos irmãozinhos, mas educar racional e conscienciosamente para o dia de amanhã.

E é isso o que fazem as professoras, as normalistas de hoje? Não. E é contra elas que nos devemos revoltar? Também não. E, em seu livro, bem o inquire Lacerda de Moura: os nossos colégios, as escolas normais, com um programa defeituosíssimo sobre todos os aspectos, os professores ignorantes dos processos de estudos e aptidões didáticas, indiferentes às questões de ensino – formarão diretoras capazes do ardor montessoriano?” Realmente. Aqui está uma evidencia psicológica: como **A** procurar educar **B**, se com os mesmos meios não se educou a si mesma, fazendo a sua autoeducação?

E quão belas páginas escreveu sobre isso Lacerda de Moura! Quão belas páginas sobre Ferrer, o criador da Escola Moderna, a escola da vida, da natureza!...

E eu sinto, após tê-las percorrido uma a uma, a alma repleta de entusiasmo, procurando compreendê-las, eu sinto uma grande, uma enorme simpatia pela figura inteligente e bela de Lacerda de Moura.

E como sinto também, meu nobre amigo, não poder expressar nas linhas que aí estão. Traçadas ao correr da pena, toda a minha admiração, toda a minha simpatia pelo seu invejável talento!...

Ah! Que o seu nobre exemplo seja seguido e que outros livros da têmpera de *Renovação* venham preparar para a emancipação a mulher brasileira!

Eis aí, pois, o que penso do esplêndido livro que me enviou.

Devo-lhe as deliciosas horas que passei, as emoções suaves que em mim despertou a leitura dessas páginas cheias de vida, de amor e de beleza...

Sua amiga,

MARIA

São Paulo – outubro – 1920

Além das partes intituladas “Feminismo”, “O Sufrágio Feminino” e “Educação Nova”, o livro *Renovação* consta também de outras partes: “Solidariedade” e “Seduções”, que não deixam de merecer a atenção das pessoas que o leem, não só porque revelam o talento da ilustrada escritora, como também pela proveitosa argumentação que revela conhecimento assunto.

Dando parabéns à autora do livro, faço votos para que prossiga em seu trabalho de estudar, investigar e discutir assuntos que se prendem à questão social, proporcionando-nos, de vez em quando, o prazer de uma leitura como a de *Renovação*, cuja interessante matéria desperta a atenção de todos quantos sabem avaliar a virtude da mulher como propulsora do progresso moral e intelectual da humanidade.

*Uma escola racionalista em
Porto Alegre.
Necessidade premente⁵¹*

• • • • •

I

A O OBSERVAR MENOS DESCUIDADO, NÃO PASSA DESPERCEBIDO O desgarramento lamentável da nossa instrução popular para o domínio de um espírito de seita, plasmando o cérebro da mocidade na estreiteza de dogmas obsoletos e incongruentes.

Já não falamos na facilidade com que se multiplicam os colégios clericais, onde, antes de se procurar forma do educando um cidadão útil a si, à família e à coletividade, predomina a preocupação de se criar um devoto submisso e dedicado à igreja.

É na própria instrução pública, mantida ou subvencionada com o dinheiro dos impostos pagos por cidadãos de todos os credos, que se percebe a infiltração clerical sob múltiplas e variadas formas.

Nas escolas de ensino superior e nas de ensino primário, sobretudo nestas, os representantes do romanismo encontram mil maneiras, facilitadas pelo assentimento dos poderes públicos, de influir e levar

[51]. SANTOS, P. *Revista Liberal*. Porto Alegre, RS, Ano 01, n. 6, outubro de 1921.

às consciências jovens em formação a impostura de dogmas, sem livre exame e discussão, e que em muitos cérebros embotam para sempre as faculdades de raciocínio inerentes à espécie.

Contra essa involução da intelectualidade nacional que nos faz retrogradar lamentavelmente enquanto os outros povos evoluem, que despersonaliza o caráter tradicional da nossa raça para nos lançar no domínio de uma moral intolerante e incoerente, incompatível com a nossa época; contra essa moral de renúncia e negação das correntes progressivas da humanidade é que precisamos reagir sem tardança e com devotamento.

Àqueles que consideram um dever social furtar a mocidade à influência deletéria de uma educação falseada em seus princípios e fins, impõe-se a necessidade premente e inadiável de reagir; àqueles que não querem direta ou indiretamente entregar seus filhos à sombria educação clerical, é forçoso que tomem uma iniciativa que evite tal descalabro.

Ressalta a necessidade de uma escola racionalista. Um estabelecimento de instrução e educação racionalista seria o núcleo de onde poderia irradiar, abrangendo a cidade e depois o Estado e quiçá o país, os princípios de uma educação racional e lógica, correspondendo aos nossos tempos e preparando a mocidade para enfrentar resolutamente a luta pela vida.

Com a edição de obras didáticas, calcadas sob os princípios de uma pedagogia racional e científica e com uma propaganda metódica, poder-se-ia começar a interessar a muitas inteligências que dormitam no indiferentismo do ambiente e, dentro em breve, estabelecer-se uma corrente de simpatia pela educação racionalista, dada a sua praticidade, a sua elevação moral e alcance social.

Que aqueles que sentem ser preciso reagir contra a enervante educação clerical e os que são adeptos do ensino racional, bem como todos aqueles que almejam a regeneração do caráter nacional e do povo, elevando-o pela aquisição da maior soma de conhecimentos humanos, meditem sobre o que dissemos e em depressa sentirão a imperiosa necessidade de agir e agir sem demora!

P. Alegre, 19-9-921.

43

*A escola evangélica espanca os alunos*⁵²

• • • • •

TIVEMOS CONHECIMENTO PELO PAI DE UMA MENOR ALUNA DA ESCOLA Evangélica da Rua Ipiranga que o padre da igreja, também evangélica, é o espancador das criancinhas que frequentam aquela escola.

O fato ocorrido no dia 3 do corrente, que motivou o espancamento da filha do nosso informante, deu-se da seguinte maneira: havendo na escola evangélica muitas crianças, como acontece muito naturalmente, e ninguém ignora que os alunos briguem ou façam outras “diabruras”, acontece que uma menor aluna desse por falta de uma corrente de prata que trazia ao pescoço.

Comunicado o fato à professora, esta fez passar revista em todas as “cestas” de carregar livros e merenda de todos os alunos.

Talvez que, por brincadeira dos meninos da aula, se desse esse “furto”, e o mesmo foi colocado na “cesta” de Alzira Jorge. Esta ficou estupefata quando lhe foi mostrada a correntinha na sua “maleta”, tendo se defendido da acusação que lhe faziam do furto.

Neste pé, a questão parou tendo a professora chamado depois o padre da igreja Evangélica, ao lado, para dar o respectivo castigo.

E, em “nome de Deus”, o malvado padre espancou a criança sem dó nem piedade, até que a criancinha confessasse, sem ter cometido, o “grande e horrendo furto”.

[52]. (Não assinado). **A Alvorada**. Petrópolis, RJ, Ano 01, n. 14, p. 2, 16.10.1921.

Pelo pai da criança, foi o caso levado ao conhecimento das autoridades policiais para a punição do criminoso e também foi feito pelo Exmo. Sr. d. J. Monteiro os curativos nas equimoses do corpo da infeliz criança produzido pelas pancadas do bruto padre.

Agora, resta aos trabalhadores evitar a ida de seus filhos à escola da rua Ipiranga chamada Escola Evangélica.

44

*Livros novos.*⁵³

Da escravidão à liberdade

• • • • •

DE LAVRA DO CAMARADA FLORENTINO DE CARVALHO, SERÁ POSTO brevemente em circulação o livro com o título acima.

Tratando de assuntos de palpitante atualidade e da análise das várias doutrinas democráticas, dos princípios socialistas, dos métodos sindicalistas, dos postulados do anarquismo, bem como dos problemas religiosos e filosóficos que hoje preocupam os pensadores, esta obra está chamada a despertar grande interesse entre o elemento operário, entre os elementos avançadas e os intelectuais.

Todas as associações ou indivíduos que desejarem adquirir o referido livro devem fazer os pedidos à Rua Barão de S. Felix, 138 – Rio.

[53]. (Não assinado). **A Voz da União**. São Paulo, SP, Ano 01, n. 10, p. 2, 01.01.1923.

45

*À mocidade das escolas*⁵⁴

• • • • •

FÁ QUE NOS PROPUSEMOS ESTUDAR NESTE JORNAL AS CAUSAS QUE inferiorizam a mulher, cabe-nos lançar também uma vista de olhos às escolas.

Embora pareça haver nelas uma mentalidade superior a que rege o meio operário feminino, constatamos com infinita tristeza que lhes são peculiares os mesmos males, os mesmos hábitos e a mesma imoralidade, provenientes da falsa educação.

Observai bem. Como entre as operárias de diferentes ofícios, a mocidade das escolas primárias ou profissionais tem um receio imenso de se confundir com a mocidade operária. Ultimamente então, em que a divisão dos cursos em dois turnos e a saída das escolas profissionais às 16 horas fazem coincidir o horário com a saída das operárias de algumas fábricas, as alunas esforçam-se por se fazer notar como tais, sobrecarregando-se de livros e objetos escolares, na maioria das vezes absolutamente desnecessários, em se tratando principalmente de profissionais. Não digamos que isto é exagero porque tivemos colegas que procediam assim sem ocultar o propósito que as levava à prática desses atos.

Entretanto, por que querer demonstrar essa diferença? Por que persistir em traçar uma linha divisória entre a mocidade operária e a mocidade que estuda?

Vítimas todas da mesma sociedade, organizada sobre falsos princípios de moral, a escola é, atualmente como as fábricas, atelieres, etc., também um foco de imoralidade onde se desenvolvem muito mais rapidamente os maus sentimentos do que os bons.

[54]. BONI, Carolina. *O Nosso Jornal*. Número único, Distribuição gratuita. Rio de Janeiro, RJ, p. 1, 01.05.1923. .

Procurai ouvi-las, quando reunidas, essas meninas, essas mocinhas tão convencidas de uma superioridade que não existe e ficareis desolados ante o resultado. A conversação predileta é a que tem mais probabilidades de proporcionar ocasião de empregar certos ditos escandalosos que produzam risadas. Muitas detestam estas maneiras, mas, forçadas pelo meio, habituam-se e fazem como as outras. Raríssima é a ocasião em que um assunto elevado é o tema das suas conversações.

Constatando essa depravação moral, não ignoramos que da parte masculina se dá exatamente a mesmíssima coisa.

Contudo, como o nosso jornal se dedica mais à mulher, restrinjamos os nossos conceitos somente aos seus atos.

Como vimos acima, não corresponde, pois, à expectativa a escola atual, cheia de vícios, de prejuízos, dando-nos uma mocidade inconsciente e sem vontade própria.

É que também a escola está mercantilizada. Não se cogita formar nas crianças um espírito de iniciativa, um desenvolvimento natural que as habilitaria a guiar-se por si mesmas. O professorado, assalariado do estado, tem unicamente o interesse de transmitir aos seus alunos os mesmos ensinamentos que lhes foram ministrados. Respeito à religião, ao estado, à pátria, à propriedade, eis o que procuram inculcar-lhes para que possa persistir a continuação deste regime odioso em que vivemos, fazendo-lhes mesmo crer que é necessário que haja essas injustiças sociais.

Triste realidade! A escola que deveria proporcionar, a par de ensinamentos úteis, o aperfeiçoamento moral de cada indivíduo, representado pela criança, é justamente o contrário. Ensina-lhe principalmente a desenvolver um sentimento guerreiro, dizendo-lhe que é preciso defender a pátria dos ataques dos inimigos! Defender a pátria! Mas o que é a pátria? perguntarão admiradas as crianças. E quando lhes disserem que a pátria é o nosso país, as nossas propriedades, o que terão de defender essas crianças que nada têm de seu, que vivem em casas miseráveis, que frequentam a escola porque a caridade lhes fornece alguns meios, aviltantes até para os próprios que a praticam? Que terão de defender essas crianças, que precisam abandonar a escola muito cedo para empregar-se em qualquer fábrica e ganhar uns miseráveis tostões diários que pagarão

mais tarde os remédios empregados em melhorar-lhe a saúde, envenenada pela fábrica?

Somente quando os mestres compreenderem a verdadeira missão que lhes cabe, de esclarecer as inteligências infantis, independentes de quaisquer preconceitos, de maneira que venham a ser homens e mulheres no verdadeiro sentido da palavra, a escola terá dado mais um passo para o verdadeiro progresso.

À juventude feminina é que também cabe um papel importantíssimo nessa questão porque representa as mães da geração futura.

Por isso, escutai o nosso apelo, oh, companheiras! Não continueis a tolerar essas conversações que só vos pervertem os sentimentos! Vós, a quem o estudo facilita a compreensão de todos os acontecimentos, não procureis rebaixar a situação das vossas companhias operárias, julgando-vos superiores! Robusteei a vossa instrução com princípios de uma moral sã, isenta de preconceitos de qualquer espécie e, como futuras mães, contribuireis grandemente para o alevantamento de vossos filhos.

46 – A nossa festa⁵⁵

Maria Lacerda de Moura

*Na expectativa de uma brilhante
conferência da erudita e liberal escritora*

• • • • •

FAR-SE-Á OUVIR, EM UMA CONFERÊNCIA, À FESTA QUE REALIZAREMOS sábado próximo, a emérita escritora prof^a D. Maria Lacerda de Moura.

Entre as mulheres intelectuais mais em evidência no Brasil e que se identificam com as aspirações proletárias, sem dúvida, Maria Lacerda de Moura ocupa um lugar de destaque – quer pelo cabedal de sapiência que possui, quer pela insofismável sinceridade de sua alma rebelde contra as maquinações burguesas, elevando-se seu nome cada vez mais entre a massa dos trabalhadores.

A autora de *Renovação*, embora retraída dos sindicatos operários, observa, todavia, a marcha evolutiva das organizações, instigando-as a fortalecerem-se em bases seguras para o advento de sua prosperidade no concerto das aspirações da coletividade explorada.

Cada injustiça que se pratica a proletários, essa escritora aflora-lhe aos lábios, palavras de abnegação em sorrisos de candura, fortificando os ânimos abatidos, reerguendo o moral dos vencidos na luta contra o egoísmo e a escravidão.

[55]. (Não assinado). **O Internacional**. Órgão dos empregados em Hotéis, Restaurantes, Confeitarias, Bares, Cafés e classes anexas. São Paulo, SP, Ano 04, n. 71, p. 1, 01.04.1924.

E é, pois, dos lábios dessa vigorosa mulher, que encerra em si toda a grandeza dos sonhos libertários, que os filiados à Internacional hão de ouvir do seu verbo inflamado decantar todas as grandezas e decadências da sociedade em que vivemos.

À ilustre escritora, nossas homenagens.

47

*A influência das nossas festas na mentalidade da classe*⁵⁶

• • • • •

AS FESTAS MENSAIS QUE SE VÊM REALIZANDO NA A INTERNACIONAL, embora o seu programa tenha visado exclusivamente à parte recreativa, vêm contribuindo eficazmente no desabrochamento mental da coletividade, deixando ver ao observador as tendências da classe, indicando-lhe os meios que podem influir para organizá-la.

As festas, as reuniões íntimas, mantêm o contato entre a coletividade, nascendo em consequência a amizade e a mútua confiança entre os seus membros.

Ora, se as festas visam exclusivamente à parte recreativa, vêm operando uma transformação na classe, muito mais seria o seu efeito ministrando-lhe uma dose de instrução por meio de representações, recitativos, conferências, etc., havendo já alguns camaradas dispersos animados por tão belo princípio e tendo entre nós elementos com vocação artística, não lhes será difícil a tarefa de organizar um corpo cênico para tomar parte nas nossas festas, a fim de nos educar por meio de dramas sociais, derramando jatos de luz nos cérebros empedernidos.

Aos iniciadores de tão bela obra, o apoio de A Internacional.

[56]. (Não assinado). **O Internacional**. Órgão dos empregados em Hotéis, Restaurantes, Confeitarias, Bares, Cafés e classes anexas. São Paulo, SP, Ano 04, n. 71, p. 1, 01.04.1924.

O nosso reaparecimento⁵⁷

A nossa ação

• • • • •

A PLEBE, QUE OS HOMENS DA LEI TANTO PERSEGUIRAM, ESTE MO-desto semanário que os chamados mantenedores da ordem procuraram asfixiar por todos os modos, dificultando-lhe a vida e a irradiação, não olhando a meios nem recuando ante os processos mais violentos, ressurgue, como a Fênix da fábula, de suas próprias cinzas.

Um modesto periódico, como é este nosso, não deveria nunca despertar as iras da polícia, nem os ódios dos industriais, nem as hostilidades dos desfibrados políticos, quando ele não tem em mira mais que concorrer para que os trabalhadores se eduquem, se instruem, se congreguem para opor barreira à feroz opressão e exploração de que são vítimas todos os que trabalham e para estabelecer a paz e a igualdade entre os homens.

Mas eis o ponto delicado do problema. As castas exploradoras não admitem que se abram os olhos àqueles que elas consideram seus escravos, e tentar levar-lhes um alento de futuras melhorias, uma esperança de mais felizes e luminosos dias, uma réstia de luz nas trevas da sua infeliz existência constitui, para os modernos negreiros, como para os antigos, o mais negregado atentado que se possa cometer. E, incapazes de tomar uma atitude desassombrada, apelam para a polícia, para que esta, sua serva submissa, prenda, espanque, expulsa, persiga, deporta todos os que tenham um ideal superior e a coragem de propagar, discutir,

[57]. (Não assinado). **A Plebe** (Nova fase). São Paulo, SP, n. 01, p. 4, 19.11.1932.

preconizá-lo entre as massas trabalhadoras, e torne também impossível a publicidade de qualquer jornal que procure insuflar no ânimo e no espírito do povo ânsias de transformação e de renovação moral e social.

E a *A Plebe*, modesto semanário dedicado ao estudo e debate de todos os problemas que se relacionam com a questão social e com as aspirações dos trabalhadores, viu-se na sua não muito longa existência alvo das mais iníquas e vexatórias investidas. Foi perseguida por todas as formas: apreendida, empastelada, processada, sequestrada, impedida de circular no correio. Havia enfim o propósito deliberado de a estrangular. E a sua publicação suspendeu-se à espera de melhores dias, à espera que as feras fossem amordaçadas. Agora reaparece com o programa de sempre: ação libertária.

A sua vida depende do auxílio que encontrar entre todos os camaradas e simpatizantes.

Por isso, esperamos que todos aqueles a que interessar a sua regular publicação se apressem em auxiliar-nos, já arranjando assinantes, já mandando artigos ou correspondência, já propagando-a entre todos aqueles a quem as ideias possam despertar carinho, simpatia, adesão.

49

*Bibliografia*⁵⁸

• • • • •

A GUERRA CIVIL DE 1932 EM S. PAULO – SOLUÇÃO IMEDIATA
DOS GRANDES PROBLEMAS SOCIAIS, POR FLORENTINO DE
CARVALHO – S. PAULO, 1932

ENTRE TANTOS LIVROS QUE A INTENTONA REACIONÁRIA PAULISTA provocou a vir à luz, apareceu este do nosso camarada Florentino, que, espectador atento e local da horrível tragédia, não quis deixar de dar também a sua contribuição, o seu depoimento valioso e franco por onde mais tarde o historiador imparcial e sagaz possa destrinçar a verdade exata dentre o cipoal de tantas afirmativas vãs e tantas justificativas mentirosas.

Mas o que mais interessa ao nosso camarada não é a exterioridade empolgante dos acontecimentos aqui desenrolados nas suas diversas manifestações e resultados, a sua parte dramática e trágica, mas, ao contrário, como espírito arguto e sagaz, conhecedor da história do país, da sua gênese como colônia e como nação independente, procura lançar luz nas causas próximas e remotas de tal arremetida. O autor estuda as instituições que maior influência têm exercido nos fenômenos morais e sociais do país, como o Romanismo, o Positivismo, o Abolicionismo, o Republicanismo, as Bandeiras, o Capitalismo, etc. e daí procura deduzir os ensinamentos convenientes, acabando por apresentar um esboço de “soluções sociais imediatas”.

[58]. (Não assinado). *A Plebe* (Nova fase). São Paulo, SP. n. 04, p. 1-4, 17.12.1932.

É um livro cuja leitura meditada recomendamos a todos os camaradas ansiosos por tirarem a lição proveitosa e exata da terrível calamidade que nos afligiu e prejudicou durante três meses de guerra, de luta incruenta, de morte e de abominação.

A seguir, o índice dos capítulos:

A AGITAÇÃO – A ARRANCADA – MOBILIZAÇÃO GERAL – A AÇÃO DA JUSTIÇA – ELEMENTOS CONSTITUINTES DA CAMPANHA – A RAZÃO IMEDIATA DA LUTA – O FATOR INTELECTUAL – ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO – O ROMANISMO NO BRASIL – O BRASIL REPÚBLICA – A EPOPEIA ABOLICIONISTA – A CAMPANHA REPUBLICANA – A EPOPEIA DAS BANDEIRAS – QUESTÃO DA MENTALIDADE – ADVENTO DA LUTA SOCIAL – O CHOQUE – O CAPITALISMO CONTRA A CIVILIZAÇÃO – PROGRESSO INDUSTRIAL – E A SUA OBRA – RESISTÊNCIA ÀS CRISES – O REGIME BURGUEZ EM MARCHA PARA A UNIDADE – A CIVILIZAÇÃO EM XEQUE – DOUTRINAS SOCIAIS MODERNAS – O POSITIVISMO DE COMTE – INCOERÊNCIAS DO SOCIALISMO DEMOCRATA – PARA ONDE CONDUZ O MARXISMO – O NOSSO POSTULADO SOCIAL – PROBLEMAS SOCIAIS DE EMERGÊNCIA – EM PROL DE UMA ORIENTAÇÃO SEGURA – O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO – SOLUÇÕES SOCIAIS IMEDIATAS – EM FACE DA NOVA ORDEM POLÍTICA – BASE INTELECTUAL DO SOCIALISMO – PELA REABILITAÇÃO MORAL DA REVOLUÇÃO

50

*Uma interessante conferência*⁵⁹

• • • • •

O COMPANHEIRO FLORENTINO DE CARVALHO, PROSSEGUINDO NA SÉrie de conferências que está patrocinando o Centro de Cultura Social, dissertou na noite de 9 do corrente sobre o tema: “O sindicalismo em face dos grandes problemas sociais”.

A vasta cultura do conferencista permitiu-lhe sair-se fora dos lugares comuns empregados pela maioria dos que tratam desta importantíssima questão e mostrar que o sindicalismo não passa de um movimento de defesa contra o capitalismo, por ser uma mera consequência do regime do salariato, sem ferir no mínimo a propriedade privada, a Igreja e o Estado.

Sobre a CNT de Espanha, disse que, na verdade, ela tem contribuído ao grandioso movimento de emancipação humana iniciado pela FAI, por obra dos anarquistas, que deixando de lado as resoluções dos Comitês, encarnados no conhecido “treintismo”, fizeram ver aos trabalhadores a necessidade da ação insurreccional, dirigida, não contra o capital para arrancar-lhe menos horas de trabalho e aumento de salário, mas contra o regime de desigualdade social e seus defensores, a religião e o governo.

O sindicalismo, afirma o conferencista, carece de condições para transformar por si a sociedade e daí, que os governos, em vez de perseguir-lo, o estimulem e aconselhem.

Passando revista nas diversas modalidades de organizações existentes, patenteia com argumentação indestrutível haverem fracassado todas as que assentam seus princípios na clássica “luta de classes”, inclusive o anarcossindicalismo, que considera amorfo, sem expressão definida.

[59]. (Não assinado). *O Trabalhador*. São Paulo, SP, Ano 02, n. 05, p. 4, 13.05.1933.

Referindo-se ao Brasil, nega exista movimento sindical propriamente dito, apesar do esforço feito pelos governantes da 2ª República; e quanto ao São Paulo, as organizações que seguem a orientação da Federação Operária, e que na realidade são as únicas existentes, não podem ser consideradas como sindicalistas por terem, devido à influência dos anarquistas, se afastado dos estreitos limites da luta pela conquista de melhoria econômica imediata e enveredado pelo caminho que diretamente conduz ao comunismo anárquico.

Terminando, chama a atenção dos presentes para a necessidade de um organismo internacional que dê coesão ao movimento anarquista e concita os trabalhadores a associarem-se, partindo do princípio de que a organização não deve limitar-se a lutar contra o patronato, senão que seus ataques devem dirigir-se diretamente às instituições que o sustentam.

51

*Primavera Libertária*⁶⁰

• • • • •

DIA 22 DE OUTUBRO
GRANDE PIQUENIQUE NO PARQUE DA CANTAREIRA

ORGANIZADO PELO GRUPO PRIMAVERA LIBERTÁRIA, REALIZAR-SE-Á, no Parque da Cantareira, dia 15 do corrente, um piquenique de solidariedade em homenagem de *A Plebe*.

PROGRAMA

No Parque: Passeio nos arredores, nos jardins e nas matas virgens, etc.

Das 11 às 13 horas: Almoço campestre. Disputa de dois bolos saborosos: “Viva *A Plebe*”, um, e outro representando o ideal que ela defende.

NOTA: No local, não há restaurantes, nem bares; os camaradas devem ir prevenidos com os seus “perus” e “frangos de Cubatão”.

Das 13 às 15 horas: Parte literária, composta de recitativos, palestras, cantos e músicas; distribuição de bombons e chocolates às crianças; jogos recreativos e outros divertimentos; hinos, declamações e poesias.

Um dia cheio de vida, de felicidade, de alegria, de comunhão de sentimentos, de liberdade!

[60]. (Não assinado). *A Plebe*. Nova Fase. São Paulo, SP, Ano 02, n. 44, p. 4, 14.10.1933.

HORÁRIOS

IDA: Partida de trens da Estação do Tamanduateí, Rua João Theodoro, esquina da Av. Cantareira – 8,30 – 10,00 – 11,30 – 12,50.

VOLTA: Partida da Cantareira – 17,00 – 18,20 – 19,45.

AS ADESÕES SÃO FEITAS POR MEIO DE AQUISIÇÃO ANTECIPADA DE CARTÕES NUMERADOS, QUE DARÃO DIREITO AO SORTEIO DE UM QUADRO A ÓLEO, OFERECIDO A *PLEBE*, PELO CAMARADA A. LASHERAS; ESTE SORTEIO CORRERÁ COM A LOTERIA FEDERAL DO DIA 18 DE OUTUBRO.

NOTA: Este piquenique, que deveria realizar-se amanhã, foi transferido por se acharem presos muitos dos nossos camaradas, alguns dos quais faziam parte da Comissão.

52

*Conferência sociológica*⁶¹

• • • • •

O CENTRO DE CULTURA SOCIAL, PROSSEGUINDO NA SUA OBRA DE ILUSTRAÇÃO social das classes populares, está organizando uma conferência que se acha a cargo do camarada Florentino de Carvalho.

O ato terá lugar hoje, sábado, às 20 horas, no salão da Rua Quintino Bocaiuva, nº 56.

SUMÁRIO:

Declínio das modernas civilizações – Derrocada da democracia burguesa – Colapso da social democracia e do bolchevismo – Falência do sindicalismo – Declínio do movimento anarquista – Reação: a revanche democrática – Renascimento do movimento social revolucionário – Novas essências e formas de organização proletária – A nova civilização em marcha para a anarquia.

O Centro convida a todos os estudiosos das questões sociais e aos proletários em geral a assistirem a esta conferência.

ENTRADA FRANCA

O Centro de Cultura Social

[61]. O CENTRO de Cultura Social. *A Plebe*. Nova Fase. São Paulo, SP, Ano 02, n. 45, p. 4, 21.10.1933.

53

*Coisas nossas*⁶²

• • • • •

A **PLEBE DEVE VIVER E, PARA ISSO, SÓ CONTA COM A SOLIDARIEDADE** dos seus amigos e leitores.

A Plebe não circulou no sábado último, dia 6.

Não circulou porque a situação financeira do jornal não o permitiu. Não sairá também no próximo sábado pelo mesmo motivo, conforme o demonstramos em nosso editorial do último número e na relação por-menorizada do “nosso balancete” e das munições para *A Plebe*.

O NOSSO APELO

Teve forte repercussão entre os nossos leitores, camaradas e amigos. Muitas foram as pessoas que pediram listas e que se ofereceram para proceder à cobrança em várias localidades do interior. Mas, confessamos, ainda é pouco.

Todos os que sintam a necessidade da publicação semanal de *A Plebe*, todos que já vêm recebendo o jornal há tempos, todos os que pagaram o primeiro ano, os que só pagaram o 1º semestre, assim como os que nestes últimos meses pediram que lhes enviemos o jornal, todos, enfim, os que recebem *A Plebe*, devem remeter-nos a sua contribuição, por pequena que seja, sem perda de tempo. Nenhum leitor de *A Plebe* deve esperar por ocasiões que tardam a aparecer para prestar o seu concurso à manutenção da nossa folha: CADA UM DEVER MANDAR, JÁ, a sua contribuição ou a importância do seu débito.

[62]. (Não assinado). **A Plebe** (Nova fase). São Paulo, SP, Ano 02, n. 53, p. 3, 13.01.1934.

- NO RIO. Os nossos amigos que se interessam pelo *A Plebe*, têm encontrado muita dificuldade em procurar os nossos assinantes, dada a distância enorme que separa um de outros. Portanto cada leitor deve mandar diretamente o importe de sua assinatura.

- EM BELO HORIZONTE. Desta cidade, temos tido as mais fagueiras promessas, mas só promessas. Cada leitor de *A Plebe* em Belo Horizonte, deve decidir-se em mandar diretamente a sua contribuição.

54

*Importante para A Plebe*⁶³

• • • • •

SENDO UM JORNAL QUE PUGNA PELA INSTAURAÇÃO DE UMA SOCIEDADE onde não haja explorados nem exploradores; onde o homem livre, integrado na posse de si mesmo e do seu produto viva ao lado da companheira livre também de todos os prejuízos sociais; onde a ciência, o livro, todos os meios de cultura e do saber estejam ao alcance de todos, *A Plebe* não conta com outros recursos que aqueles que os seus amigos, os que com ela partilham das ideias renovadoras a caminho do mundo novo lhe facultam.

É o tostão da solidariedade proletária, a dedicação dos que almejam uma vida melhor e mais humana que fazem viver *A Plebe*.

Feito por trabalhadores, sem subvenções que não queremos, sem anúncios que recusamos porque achamos que todo espaço é pequeno para a obra de propaganda, a vida do nosso jornal está ligada à seção que publicamos em todos os números, sob o título “Munições para *A Plebe*”.

Chamamos a atenção de todos os que sentem a necessidade da publicação do jornal, para o DÉFICIT que o NOSSO BALANCETE vem acusando.

Com o intuito de acabar com esse déficit, aproveitamos alguns objetos de valor que nos foram ofertados e, conforme já publicamos em nosso número anterior, fizemos uma AÇÃO ENTRE AMIGOS, ou seja, uma rifa, para serem sorteados esses objetos com a Loteria Federal de 28 de abril próximo.

Os camaradas do interior devem fazer seus pedidos com antecedência, porque não pretendemos adiar a extração desse sorteio.

Um pouco de boa vontade, camaradas, e mãos à obra!

[63]. (Não assinado). *A Plebe* (Nova fase). São Paulo, SP, Ano 02, n. 59, p. 1, 31.03.1934.

*Dois anos de lutas*⁶⁴

• • • • •

NO DIA 19 DO CORRENTE, COMPLETARAM-SE DOIS ANOS QUE A PLEBE REA
pareceu nesta nova fase.

O que foram esses dois anos de lutas, não precisamos dizê-lo. Aí estão, para atestá-lo, os 76 números publicados dentro desse período.

A vida de A Plebe foi, é, e será talvez ainda por muito tempo feita de curtos momentos de bonança e de longos períodos de tempestade e reação, como de agruras, sofrimentos e misérias é feita a vida do povo que trabalha e luta pela sua existência.

Sendo uma expressão de dor, um grito de revolta, A Plebe reapareceu num momento de trepidações, de entusiasmo e de apreensões na vida do povo brasileiro, que acabada de sair de uma guerra de três meses, guerra fratricida, financiada pela plutocracia paulista e, moralmente, insuflada pelos foliculários da imprensa, das letras e dos púlpitos, na sua tarefa de explorar os sentimentos das massas escravizadas aos preconceitos sociais da burguesia.

Cada uma das instituições que têm interesse na escravização dos trabalhadores concorreu, cada qual em seu setor, tudo quanto pôde para arrastar o povo, principalmente a mocidade, à chacina em nome da pátria e em defesa da lei.

Cessada a medonha sangria, como prêmio e como consequência da exploração criminosa dos sentimentos populares, os mutilados exibiam as suas desventuras e o crepe da viuvez e da orfandade negrejava numa boa parte da população brasileira.

Um punhado de camaradas lançaram, então, em público, a iniciativa da publicação de A Plebe, como expressão e reflexo do sentir e da vontade de uma parte dos elementos anarquistas.

[64]. O GRUPO EDITOR. **A Plebe** (Nova fase). São Paulo, SP, n. 76, p. 4, 24.11.1934.

Logo depois se dava o reaparecimento de *A Plebe*, que procuraria interpretar os sentimentos do proletariado, suas dores, que são as nossas, as suas necessidades, que são as de todos os que trabalham, assim como procuraria vulgarizar, entre os estudiosos da questão social, os princípios libertários como solução para os grandes e prementes problemas que agitam a vida da sociedade humana em que vivemos.

A tarefa que nos impusemos foi e é superior às nossas forças.

Para nos impelir à luta, temos um ideal que nos dá coragem, que nos dá alento e ânimo.

Estamos certos de que não foi, não é e nem será com as reações policiais e com as investidas do capitalismo, nem mesmo com a política de interesses dos partidos políticos que os problemas sociais serão resolvidos.

Esses problemas ficarão de pé enquanto não forem solucionados os dois problemas máximos da questão: igualdade econômica e liberdade individual.

Fomos perseguidos, têm surgido obstáculos à publicação de *A Plebe*.

Durante esse curto período de dois anos, tivemos o jornal apreendido por duas vezes, e o nosso companheiro Redator Gerente se viu privado, em diversas ocasiões e em algumas por mais de vinte dias, da sua liberdade.

Temos sido ameaçados, caluniados mesmo, mas *A Plebe* continua a sua obra de combate e de protesto, de esclarecimento e de cultura, contra todas as manifestações reacionárias, interpretando o sentir das multidões escravizadas ao monstro capitalista.

A todos os leitores de *A Plebe*, a todos os amigos e simpatizantes, transmitimos as nossas saudações revolucionárias, com os olhos fitos na aurora da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade entre os seres humanos.

56

*Legião dos amigos de A Plebe*⁶⁵

• • • • •

POR INICIATIVA DE ALGUNS SIMPATIZANTES DO NOSSO JORNAL, ACABA de ser efetivada a reorganização da Legião dos Amigos de *A Plebe*, que noutras fases da sua vida de publicidade muito concorreu para o seu desenvolvimento e propaganda.

Essa agrupação visa ampliar a difusão do jornal, estabelecendo o sistema de pacoteiros e procurando manter, através de correspondência sistemática por meio de circulares, a divulgação contínua de *A Plebe*.

Já se eleva a mais de uma centena de camaradas que se inscreveram como aderentes da Legião dos Amigos de *A Plebe*, tendo-se efetuado a primeira reunião no dia 9 do corrente, à qual compareceu a maioria dos interessados.

Dia 16, quarta-feira passada, reuniram-se pela segunda vez, tendo ficado definitivamente assentado os seus princípios e finalidades.

Uma das suas preocupações maiores será a organização de festivais de propaganda, piqueniques e outros meios que permitam manter e aumentar o interesse pela obra que constitui a finalidade máxima das nossas publicações: a defesa dos princípios de liberdade contra as manifestações de todos os tiranos.

[65]. (Não assinado). *A Plebe* (Nova fase). São Paulo, SP, Ano 03, n. 80, p. 4, 19.01.1935.

57

*Acaba de aparecer:⁶⁶
O Evangelho da Hora*

• • • • •

POR INICIATIVA DE UM COMPANHEIRO QUE SE PRONTIFICOU A CUSTEAR as despesas de sua impressão, acaba de aparecer em 4ª edição o popular folheto de Paulo Berthelot – *O Evangelho da Hora* – que resume, em 48 páginas, numa linguagem simples e estilo primoroso, toda a questão social sob o ponto de vista libertário.

O resultado da venda será dividido em partes iguais – em benefício da publicação de *A Plebe* e de *A Lanterna*, – conforme determinação do companheiro que ofereceu a edição deste folheto.

Preço, livre de porte, sem registro, \$500.

Pedidos à R. Felipe, Caixa Postal, 195 – S. Paulo.

[66]. (Não assinado). **A Plebe** (Nova fase). São Paulo, SP, Ano 03, n. 86, p. 2, 13.04.1935.

*Legião dos Amigos de A Plebe*⁶⁷

• • • • •

ESSA NOVA ASSOCIAÇÃO, FUNDADA AINDA ESTE ANO, REÚNE EM SEU seio uma plêiade de jovens proletários, cujos corações pulsam ao ritmo ardente dos que anelam melhores dias para a humanidade.

A Legião dos Amigos de *A Plebe* foi fundada com dupla finalidade: concorrer para a publicação do jornal que lhe empresta o nome, divulgando-o entre o povo, fazendo com que nossa folha circule nos lares proletários, nas fábricas e nas oficinas, concorrendo com uma pequena quota mensal, sendo facultativa, a cada aderente, a retirada de seis exemplares de cada edição de *A Plebe*.

A parte mais interessante e meritória dessa novel organização, que a completa de maneira categórica, é, porém, a parte educacional.

Essa parte, sendo de ordem moral, é a mais substancial e que, esperamos, justificará, plenamente, a necessidade da existência da Legião, pois é nas sessões que se realiza com esse objetivo que os seus aderentes vão aprendendo, ensinando e exercitando-se a tratar dos problemas sociais. É uma escola, e nela, os de boa vontade, se vão exercitando, em ambiente familiar e amigo, na exposição oral das próprias ideias ou lendo o que em casa escrevem sobre o assunto que julgam esclarecer.

Assim prosseguindo, a Legião, dentro desse vasto quanto simples programa, concorrerá para que os camaradas que têm propensão para a oratória ou para escrever possam, pelo traquejo, adquirir as qualidades necessárias para desenvolverem a sua ação eficaz e fecunda na grande

[67]. (Não assinado). *A Plebe* (Nova fase). São Paulo, SP, Ano 03, n. 84, p. 2, 16.03.1935.

obra de propaganda dos ideais de liberdade e de fraternidade entre o povo, visando à emancipação integral da humanidade.

59

Educação sexual.
*Pelo Dr. José de Albuquerque*⁶⁸

• • • • •

TEMOS RECEBIDO ALGUNS BOLETINS DO CÍRCULO BRASILEIRO DE Educação Sexual, assim como do seu órgão oficial Educação Sexual, em que o Dr. José de Albuquerque vem desenvolvendo intensa propaganda de educação e cultura.

É admirável a persistência e o ardor com que o Dr. José de Albuquerque tem encarado esse problema em nosso país.

Devotado em extremo à luta contra os preconceitos sociais com relação ao problema da educação sexual, o Dr. José de Albuquerque realiza, no Círculo Brasileiro de Educação Sexual, uma das mais necessárias e úteis tarefas culturais da nossa mocidade.

A sua obra tem-se irradiado para todas as partes, através de artigos publicados em jornais, notícias, boletins, conferências, etc.

Constitui a propaganda de Educação Sexual um forte motivo de apoio por parte de todos os cientistas brasileiros, dado o atraso de que, nesse sentido, o Brasil se tem ressentido, submetido ao conceito amoral do catolicismo.

[68]. (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 34, n. 393, 20.05.1935.

60

*Educação sexual.
O Círculo Brasileiro de
Educação Sexual levou a cabo,
em São Paulo, uma série de
utilíssimas conferências⁶⁹*

• • • • •

NO SALÃO RAMOS DE AZEVEDO, DO CLUBE COMERCIAL, O DR. JOSÉ de Albuquerque, do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, do Rio de Janeiro, realizou, durante toda a semana passada, uma série de conferências de educação sexual que tiveram o condão de despertar, para os problemas da espécie, a mais vigorosa atenção de todas as camadas sociais da Pauliceia.

Os jornais noticiaram, fartamente, o que foi essa magnífica iniciativa do CBES. O Dr. José de Albuquerque aborda, com uma firmeza convincente, os mais delicados pontos desse problema, tocando, com a naturalidade própria dos que sabem não estar errados, os assuntos mais escabrosos da questão sexual, destruindo os preconceitos e prejuízos da moral social que fazem da mulher a escrava do homem e do homem o escravo da ignorância.

Durante essas conferências, foi exibido—primeiro no cinema Alhambra, e depois, em virtude de uma exigência da censura, no próprio salão

[69]. (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 34, n. 398, 13.07.1935.

de conferências -, um filme sobre o assunto, obra também do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, que muito concorreu para a compreensão das conferências realizadas.

Pela primeira vez se notou em São Paulo um extraordinário interesse pela educação sexual, vendo-se, todas as noites, a ouvir o Dr. José de Albuquerque considerável número de senhoras e senhoritas, operários, estudantes, jornalistas, enfim, membros de todas as classes sociais que aplaudiram com entusiasmo essa iniciativa.

O Dr. José de Albuquerque realizou ainda, a convite, conferências na Associação dos Empregados no Comércio, no Centro do Professorado Paulista e na Escola de Medicina.

Também foi convidado e fez conferências em Santos, Campinas, devendo ir a São Carlos e Araraquara e, possivelmente, a outras cidades do interior.

61

*Coisas nossas*⁷⁰

• • • • •

A PUBLICAÇÃO DE A PLEBE SE FAZ PELA COORDENAÇÃO DOS ESFORÇOS DE SEUS AMIGOS E SIMPATIZANTES

A INICIATIVA DO REAPARECIMENTO DE A PLEBE, NA SUA NOVA FASE, EM outubro de 1932, como todas as iniciativas de caráter libertário, foi obra de alguns companheiros dedicados à causa da emancipação humana. Contaram logo com o aplauso e com a cooperação de quase todos os camaradas conhecidos que, como os iniciadores, sentiam a necessidade da publicação de um porta-voz libertário de vida regular, cuja obra se irradiasse por todo o país e que fosse ou viesse a ser o reflexo do conjunto das energias e das possibilidades dos anarquistas que vivem no Brasil, entrando assim, de acordo com as suas forças, no movimento anarquista internacional.

Esses objetivos, muito modestamente embora, vêm sendo alcançados.

Com a edição de hoje, A Plebe alcança o nº 96, nesta fase. São poucos, mas representam alguma coisa.

Como todos os jornais deste caráter, A Plebe tem a sua vida orientada sob um ponto de vista libertário.

Para as publicações regulares anarquistas, sempre há, em todas elas, aquilo que comumente se chama um “grupo editor”.

Em todos os nossos jornais consta, por força de circunstâncias, o nome de um camarada como responsável, sem o que não lhe seria permitida a circulação. A

[70]. (Não assinado). **A Plebe** (Nova fase). São Paulo, SP, Ano 03, n. 96, p. 3, 31.08.1935.

Plebe, não podendo fugir a essa regra geral, como não podemos, nós mesmos, fugir a muitos prejuízos burgueses que nos obrigam a aceitar à força de leis, tem também o seu redator responsável.

Não se queira ver nisto, porém, que o jornal seja propriedade sua ou que ele exerça, na sua orientação, as funções de diretor.

A orientação de A Plebe resulta do conjunto de opiniões dos camaradas que, ao jornal, dedicam as suas atividades e por ele se interessam participando da sua vida moral e material.

Fazem parte, pois, anárquica e espontaneamente, do seu grupo editor todos os camaradas, amigos e simpatizantes que estão prestando ou venham a prestar o seu concurso à orientação do jornal em sua obra sistemática, regular e perseverante, atuando como colaboradores, oferecendo sugestões, prestando o seu concurso na expedição, fazendo reparos, escrevendo, mandando notícias, tomando iniciativas próprias no sentido de melhorar o jornal e enriquecer as suas colunas com escritos próprios, bem como interessar-se pela sua difusão por toda a parte e em todos os ambientes.

O trabalho de compilação de A Plebe também obedece ao critério mais anárquico possível.

A coleção dos 96 números publicados é o reflexo fiel das atividades e da capacidade intelectual do nosso movimento militante no país.

Desde o mais modesto operário às maiores capacidades do anarquismo no Brasil, todos ali estão representados. Pelas suas colunas, tanto se espalham o simples bosquejo do principiante, que ainda inseguro e medroso rabisca as primeiras linhas para serem publicadas, como o pensamento vigoroso dos mais experimentados intelectuais da filosofia ácrata que, neste recanto do mundo, prestam a sua cooperação e grandiosa obra do edifício social do futuro.

Dentro do movimento de ideias, como órgão de defesa das classes oprimidas, A Plebe defende o princípio do comunismo anárquico. Não se fecha, porém, a nenhuma outra corrente das ideias e acompanha com interesse, intervindo na crítica ou na exposição de princípios, o movimento anarquista em todos os setores em que se manifeste.

Tudo quando nos é mandado para publicar, que não fuja aos moldes doutrinários da sua razão de ser, vem sendo publicado, sem cogitar se o escrito é individualista, sindicalista ou comunista anárquico. Sempre que os originais tenham uma ideia, defendam um princípio ou um ponto de vista libertário, foi-lhe dada guarida em nossas colunas, auxiliando, os camaradas que têm estado à frente da

redação, em tudo quanto seja possível, os colaboradores que, por circunstâncias várias, não tenham facilidade de escrever corretamente.

Tendo em vista a maior cordialidade da família anarquista, temos evitado, e evitaremos sempre, que A Plebe seja um lavadouro de roupa suja e de retaliações pessoais. Não nos sentiremos magoados se, por temperamento, por tendência, ou por qualquer outra razão, qualquer camarada preferir atuar em outro setor da propaganda, deixando de prestar à obra do jornal o seu concurso, sempre acolhido, entretanto, quando espontaneamente o queira fazer.

A obra dos anarquistas é grande e, assim sendo, cada um escolhe o campo mais adequado à sua maneira de ser e procura o meio onde se sinta mais à vontade pelas suas relações e afinidades pessoais, ou por divergência com os nossos métodos e táticas, que são, como já dissemos, o resultado das energias conjugadas de todos quantos se interessam pela nossa obra.

A todos, compete trabalhar sem ressentimentos, sem desânimos, sem prevenções pela grandiosa obra da redenção humana, semeando ideias e preparando o caminho à realização dos nossos anseios de justiça social pelo comunismo libertário.

Que A Plebe tem procurado cumprir o seu dever como órgão de defesa dos princípios que propaga, demonstra-o a simpatia com que tem sido acolhida a sua publicação. 96 números de um jornal que tem contra si todos privilegiados, os burgueses, os políticos, etc.; que não conta senão com a contribuição, a pobríssima contribuição espontânea, arrancada, muitas vezes, à boca, às necessidades de conforto, à miséria, afinal, dos que apoiam a sua obra; perseguida, os seus redatores presos muitas vezes, apreendida algumas, é bem uma iniciativa vitoriosa.

Como vive e como se mantém, qualquer pessoa o pode saber, porquanto a sua contabilidade é um livro aberto a todos. A seção “Munições para A Plebe”, que se publica em todos os números, põe aos olhos de todos, claramente, como vêm e para onde vão os recursos que lhes são enviados.

Isso nos tranquiliza quanto à honestidade da nossa obra. Quanto à sua maneira de ser, a prática nos tem demonstrado que não enveredamos por caminhos tortuosos; o simples fato de sua publicação regular, só interrompida quando a reação nos põe no dilema das suas manifestações de tirania, demonstra que A Plebe encontra apoio, que com ela vibram, palpitam, pensam corações idealistas que acompanham a sua vida de lutas como partículas que são do seu todo anárquico a caminho da liberdade.

62

*Administração*⁷¹

• • • • •

1 – ***Ação Direta***, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de ***Ação Direta***.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de ***Ação Direta***, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.).

2 – Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147 – A – 2º – Rio de Janeiro.

[71]. ORTICICA, José. ***Ação Direta***. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 04, p. 4, 07.05.1946.

63

*Ação direta*⁷²

• • • • •

NÃO PODE AUMENTAR SUA TIRAGEM AGORA, MAS VOCÊ, LEITOR, pode concorrer para difundir suas doutrinas lendo-a sempre a cinco, dez, quinze pessoas amigas e com elas discutindo os assuntos tratados. É um meio prático de aumentar-lhe enormemente a tiragem. Faça isso! O êxito está na ação!!!

[72]. OITICICA, José. **Ação Direta**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 11, p. 4, 29.06.1946.

64

*Apelo*⁷³



TEMOS DE AUMENTAR NOSSA TIRAGEM, MAS, COMO JÁ DISSEMOS OUTRO dia, a venda avulsa dá enorme *déficit*. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de **Ação Direta**. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a **ação direta**, ainda com sacrifícios.

[73]. OTTICICA, José. **Ação Direta**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 13, p. 4, 14.07.1946.

65

*Os nossos livros*⁷⁴



A QUASE TOTALIDADE DAS OBRAS DE NOSSOS AUTORES ACHA-SE esgotada, sendo raro encontrar-se nas livrarias livros sobre os temas principais de nossa doutrina. Livros de Proudhon, Malatesta, Kropotkin, Fabbri, Rocker, Pietro Gori, Jean Grave, Anselmo Lorenzo, Bakunin, Max Netlau, Louise Michel, Elisée Reclus, etc. são raros nas prateleiras de nossas livrarias, pois tais obras, quando editadas, provocam tal procura e interesse que logo se esgotam.

Agora, porém, duas obras nossas acham-se à venda em todas as livrarias, para as quais chamamos a atenção de todos os nossos leitores e também de todos os que desejam conhecer as bases de nossas doutrinas.

Em torno de uma vida, editado pela Livraria José Olympio, é uma das obras mais famosas da literatura libertária. São as memórias de um dos mais abalizados doutrinadores do anarquismo. Piotr Kropotkin, figura de prestígio universal, que, ao contar a sua vida, nos faz um apanhado perfeito das bases de nossa doutrina.

A outra é *Ideias absolutistas no absolutismo*, de Rudolf Rocker, uma crítica de esquerda, crítica conscienciosa e contundente do absolutismo no socialismo, fonte de tantas discórdias de tantas lutas, de tantas mortes e de tanto empecilho à obra verdadeiramente socialista. Este livro foi editado pela Editora e Distribuidora Sagitário Ltda.

[74]. (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo, SP, Fase 03, Ano 30, n. 01, p. 6, 01.05.1947.

Livros para divulgação do ideal libertário⁷⁵



UMA DAS NECESSIDADES MAIS PREMENTES NA ATIVIDADE DO MOVIMENTO libertário é, evidentemente, a divulgação de nossos ideais – para fazer frente ao ambiente de confusão e desorientação reinante.

E, para isso, a obra do jornal não basta. Serve ele para a crítica às mazelas da sociedade atual, para combater violências e explorações, para informar sobre o que se passa em nosso campo, para alvitrar, estimular e apoiar iniciativas, tudo isto feito através de doutrina. Mas a parte doutrinária exige o complemento do livro, indispensável para formar o critério libertário nas consciências despertadas para o estudo da questão social.

Como as empresas editoras burguesas não se interessam pela divulgação de nossos livros, torna-se necessário nós mesmos agirmos nesse sentido.

É o que estamos procurando fazer, na medida dos nossos poucos recursos. Por iniciativa de elementos nossos, já foram editados dois livros: *As ideias absolutistas no socialismo*, de Rudolf Rocker, e *O anarquismo ao alcance de todos*, de José Oiticica. Esses livros devem ter a maior divulgação possível por todo o país. Para isso, contamos com a cooperação de todos os companheiros. Contando com essa cooperação decidida, estamos remetendo exemplares dessas obras a todos os companheiros que mantêm relação conosco, para que os divulguem entre os militantes, simpatizantes e estudiosos da questão social, assim como também nas livrarias, agências de jornais e revistas que vendam livros e existentes nas localidades em que esses companheiros residem.

[75]. (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo, SP, Fase 03, Ano 31, n. 13, p. 2, 21.02.1948.

É um trabalho necessário e urgente e estamos certos de que nenhum companheiro se negará a prestar o seu concurso no sentido da divulgação dos ideais do livro.

Francisco Ferrer y Guardia
(1859-1909)

• • • • •



AGITA-SE EM TODO O MUNDO, CONTRA A PREPOTÊNCIA DA ESPANHA inquisitorial, uma grande campanha humana para arrancar dos ferros do cativo os dois paladinos da liberdade.

Todos os homens de coração, de espírito e de ideia avançadas são unânimes em condenar o despotismo da Espanha jesuítica, que, para perpetuar o seu domínio, não recua diante das maiores monstruosidades, não trepida ante a prática das maiores infâmias, não cora em face das mais repulsivas vergonhas.

Todo mundo que lê, estuda e reflete está farto de saber que tanto Ferrer como Nakens estão completamente inocentes no atentado da *calle Mayor*. O governo espanhol, porém, que vê no primeiro um anarquista dedicado ao ensino livre e racional e no segundo um propagandista sincero dos seus princípios políticos, não pode descansar um momento na sua obra de rotina e escravismo e daí a perseguição injusta, a guerra traiçoeira e sem tréguas à ideia, ao pensamento e à opinião.

É necessário, para a sua tranquilidade, que Nakens apodreça nos calabouços de Espanha e que Ferrer, além do garrote, perca os seus haveres. Mas como o governo espanhol sabe que não conseguirá isso com facilidade, procura por todos os meios ao seu alcance empobrecer o camarada Ferrer, pois sabe que os seus bens, aplicados cuidadosamente na divulgação das ideias libertárias, estão cavando a sepultura da monarquia e preparando na Espanha um ambiente de mais consciência e rebeldia.

[76]. (Não assinado). **O Marmorista**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 07, p. 3, 01.05.1907.

Entretanto, é bem possível que tal não aconteça. Nesse momento, por toda a parte, há um movimento tal de simpatia que chega a sacudir os nervos de todas as pessoas ilustres. Ainda há pouco, na cidade do Porto, realizou-se um comício em que usaram da palavra os representantes mais legítimos do talento e da juventude. Estiveram ali homens da têmpera do republicano Pádua Correia e do libertário Campos Lima. Guerra Junqueiro, o estupendo e invejável excomungado, desculpa a sua ausência com uma carta que é um verdadeiro anátema para o governo espanhol e um hino à revolução e aos seus apóstolos.

Urge, pois, que, secundando os esforços desses apóstolos da humanidade, agitemos também aqui a opinião operária, convocando um grande comício de solidariedade aos paladinos da liberdade e de protesto contra a tirania do governo espanhol, que, cego a tudo que a evolução impõe, só presta ouvidos aos tonsurados de cruz e hábito negro.

68

*À memória de Ferrer*⁷⁷

• • • • •

O MOMENTO É AINDA DE PROTESTO. O MUNDO INTEIRO PROTESTA contra o bárbaro fuzilamento praticado na pessoa do grande mestre da nova ideia, o livre pensador Francisco Ferrer.

Os sombrios fossos da fortaleza de Montjuich recordam os tempos medievais, anteriores à queda da Bastilha.

A descarga que fez tombar Ferrer repercutiu pelo universo inteiro, no íntimo de cada peito, no seio de cada família, no meio de cada associação e no âmago de cada país.

Não há homem de bom senso, ou livre pensador, que não sinta no íntimo d'alma a dor pungentíssima que sufoca o puro sentimento, para só levantar um grito de revolta – porque todos nós pensamos livremente – porque podemos chegar a ser um Ferrer, um Gorki, um Gafoni, e os Stenka existem em todos os tempos.

Os espíritos ferrenhos arraigados ao ortodoxismo do sistema, no pessimismo conservador de tradições, entrincheirados no estulto balar da burocracia, arrogando-se os direitos de conquista, pretendem ainda a direção dos povos na trilha intolerável do mais absoluto despotismo, na mais concreta ignorância.

Mas já passaram os tempos do obscurantismo, já lá se vão os tempos em que a venda era uma condição necessária à vida da humanidade.

Ferrer tombou, Ferrer deixou de existir, mas na matéria apenas; os Ferrer existem em todos os tempos, e cada Ferrer que tomba é um passo de gigante dado no vasto campo dos nossos ideais. Cada Ferrer que tom-

[77]. GALILEU, A. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 02, n. 20, p. 2, 15.11.1909.

ba é uma pedra gigantesca atirada no alicerce do vasto edifício do socialismo; cada Ferrer que tomba é uma luz que se projeta altaneira, pairando por sobre a humanidade. Luz intensa que muitas centenas de lâmpadas voltaicas, em foco, jamais produziram luz de tão suaves reverberações.

Lamentemos a morte de Ferrer, mas não nos deixemos empolgar pela dor estiolante das nossas mais santas e puras aspirações; pois que a morte de Ferrer, ao mesmo tempo em que nos é uma grande falta, pois Ferrer era um dos mais fortes esteios da nossa nobre causa, é ao mesmo tempo um grande bem, pois que a morte de um dos próceres da liberdade, em pleno campo de luta, é para nós uma vitória; o seu sangue fará germinar a ideia, a luz que lhe alimentava o cérebro espalhar-se-á, comunicar-se-á às massas ávidas de saber e sedentas de luz, atestando assim a grandiosidade da ideia e do cérebro que a gerou.

Se morre um Ferrer, entrega-se o corpo à terra, cujos vermes se encarregarão de consumir a matéria, mas não conseguiremos fazer com que a ideia acompanhe a matéria na sua queda e decomposição; ainda que assim fosse, a ideia persistiria até chegar o tempo próprio para germinar, porque a ideia é luz e os vermes não comem luz, e como tal não conseguiriam consumi-la; assim a memória de Francisco Ferrer conservar-se-á indelével no âmago de nossos corações.

Ferrer será para as gerações vindouras o que para nós tem sido os sábios e filósofos como Galileu, que descobriu o movimento da terra em torno do seu eixo; o Cristo, o sublime filósofo da antiguidade; Platão, na sua escola, e Pitágoras na sua teoria da alma, transcendente após uma correria de mais de três mil anos, para depois formar o delicado maquinismo de que irradiam as mais suaves reverberações, grau supremo da organização dos seres – o homem.

Ferrer passará, pois, à posteridade como figura brilhante, destacando-se grandioso no escol sublime dos homens de talento, como o apanágio eterno da sua obra grandiosa.

Levantemos, pois, um grito de revolta contra a morte daquele que só soube criar escolas.

Elevemos a voz proclamando bem alto a memória daquele que só procurou instruir a infância – o criador da Escola Moderna – Francisco Ferrer.

Rio, 23 de outubro de 1909.

69

*Roma não transige!*⁷⁸

• • • • •

O TRÁGICO EPISÓDIO QUE, FAZ UM ANO, ENLUTOU A HUMANIDADE E num sublime arranco a congressou nas praças de todas as capitais, para amaldiçoar um governo sem vergonha e sem piedade, pareceu à maioria dos homens de pensamento e de ação, em campo pelos nobres ideais de liberdade, tão monstruoso, tão extraordinário e anacrônico que a obrigou a recolher-se na meditação e perguntar-se se, por acaso, não tivesse ressurgido, medrosa e inexorável, a Santa Inquisição, como uma vez entregando ao poder secular as vítimas, para que a responsabilidade imediata do crime não recaísse sobre a Igreja, sempre pura, sempre misericordiosa e sempre hipócrita.

Era um salto atrás, de cem anos. A história retrocedia aos felizes tempos em que o talento confundia-se com o machado do carrasco, e a cruz servia de punhal, golpeando nas costas.

Todos tivemos a ilusão de ter retrocedido séculos e provamos a sensação dolorosa, como que uma capa de chumbo num céu de trevas tivesse sufocado a vida das nações liberais.

E como se fosse questão de vida ou de morte, então, o nosso clamor subiu às estrelas...

E depois?... sei lá! Um ano na vida das nações é a décima milionésima parte dum instante da vida dos mundos... Eu não posso calcular os efeitos do nosso clamor. O homem só sabe e pode avaliar as transformações que se deram num século, um século a mais, depois...

Falei em transformações... Não devia fazê-lo. Os assassinos do anarquista Ferrer foram os sicários do intransformável...

[78]. DAMIANI, Gigi. **A Terra Livre**. Contra todas as mentiras. Contra todas as injustiças. São Paulo, SP, Ano 04, n. 74, p. 1, 13.10.1910.

O anacronismo que nos espantou era – e ficou – aparente: porque, apesar de tudo o que se diz e se escreve, a Igreja, firme e imutável na doutrina e no sectarismo, ficou sendo aquela de antanho.

Roma não transige!

Colunas de Hércules, eretas contra o espírito de liberdade para fechar-lhe o horizonte infinito; as tradições da Igreja testemunham do apego o mais irreduzível ao passado; da constância, que nunca esmorece, na fé cega ao dogma obscuro e feroz da salvação a todo custo; e da intransigência a mais firme e calculada, que não desce a pactos, que não admite concessões e menomações.

Roma não transige!

Está, segundo dizem, nessa imutabilidade a sua fraqueza; mas é devido a ela que se mantém forte e poderosa. O transigir matá-la-ia em pouco tempo. As concessões em matéria de poder espiritual marcariam o início da completa emancipação dos súbditos. Admitida a lenta mutilação do domínio clerical e aceita a discussão sobre o dogma, seria derrocada estrepitosa e constante das doutrinas e das organizações de Roma papal. Por isso o: *crê ou morre!*

Além de tudo, Deus sendo imutável não pode conciliar-se com o progresso, que é contínuo. A criação exclui a evolução. E a Igreja que fez a Deus, o Deus *trinum* e... *malandrinum* e lhe decretou os atributos indispensáveis do seu cargo, não pode matar a sua obra tirando-lhe as qualidades sem as quais acaba de ser.

Roma não transige!

Dizem que ela deixou apagar as fogueiras – não, não foi ela; é que não pode mais ajuntar as fagulhas desperdiçadas pelo furacão da Revolução Francesa.

Ah! senhores; se não matou mais com a desfaçatez de uma vez, se não proclamou mais guerras santas, não é porque o sangue a tivesse enjoado, mas porque *altas razões políticas* lhe impuseram o freio que ela morde.

O dualismo entre o Estado e a Igreja deu, porém, um resultado inesperado: a inquisição desapareceu como organismo único e perpetuou-se como organismo duplo.

Tivemos sobre a nossa cabeça duas maldições; dois tribunais a julgar nossas almas, e dois carrascos a torturar nossos corpos.

No entanto que repousava a SANTA Inquisição, funcionava a inquisição laica. O crime de pensamento subsistiu. O tribunal da inquisição laica deixava a liberdade de discutir sobre o pouco limpo mistério de virgindade, de depois do parto, – e tal liberdade era uma conquista – mas proibia e punia qualquer discussão sobre a voracidade dos ventres das rainhas e era uma retrocessão...

Mas a Santa Inquisição dormitava?!

Dormia ou repousava, porém não esquecia.

Talvez esperasse a sua hora para afirmar-se diante das nações estupefatas com um ato terrivelmente majestoso!

E aquela hora chegou: faz ano hoje.

*
**

A humanidade que se tinha acostumado com a Inquisição laica, passado o momento de estupor, recusou-se a admitir a velha e santa Inquisição.

E protestou, revoltou-se.

O Vaticano ficou quieto. A hiena laminava-se os lábios: estava satisfeita? Não, porque voltava a afiar os artelhos.

Dizem que, depois do assassinato de Ferrer, o Vaticano não teve derrotas. Quero acreditá-lo: é sempre uma consolação acreditar-se tais coisas. Dizem que ele perdeu muito o seu prestígio. A mesma Espanha, o braço secular da Inquisição, a santa, querendo purificar-se, quis que as responsabilidades fossem divididas e Roma pagasse as suas.

O gesto de revolta, aliás, timorato, da Espanha, chama-se Canalejas. Eu guardo as minhas dúvidas e passo além... passo a recordar-vos que Roma não transige.

É o Estado que transige porque quer, contra a Igreja, mostrar-se liberal, quando calcular o perigo das suas transições, humilhar-se-á a Roma tomando o caminho de Carnossa.

E então?...

A luta será ainda mais terrível, isto é certo; mas as posições estarão delineadas. Não haverá mais equivocação... como hoje que nos é proibido assobiar Clemenceau, o renegado, para não fazer o jogo da padralhada... como hoje que, em nome do anticlericalismo, fundiram-se partidos,

doutrinas e aspirações contrárias, que, sobre o pretexto de combater a inquisição *santa*, defendem o domínio da *laica*.

*
**

E eis, ó companheiros da “Terra livre”, o artigo comemorativo que vós me pedistes para o número de hoje, artigo que em vez a polêmico e de combate.

Para as comemorações, não sirvo: é o temperamento iconoclasta ou uma certa dose de ceticismo que não me o permite. Queiram, portanto, desculpar-me se frustrei a vossa expectativa e lembrai-vos que se Roma não transige... não é razão para que devemos continuar transigindo em combatê-la, nós que somos alguma coisa mais que anticlericais e liberais; nós que somos antirreligiosos e libertários, ou numa palavra só, anarquistas e que não podemos fazer distinções entre a Inquisição santa e a laica.

A Roma contra a qual nós devemos clamar o nosso *delenda!* – Destrói! – e que não transige conosco, não é só a Roma dos padres, mas também aquela dos Césares, dos patrícios e dos vendidos tribunos da plebe...

70

*As ideias de Ferrer*⁷⁹

• • • • •

PUBLICAMOS EM SEGUIDA A DECLARAÇÃO DA ESCOLA MODERNA, distribuída por Francisco Ferrer no Congresso Internacional do Livre Pensamento, que se realizou em Paris no mês de setembro de 1905.

Por este documento, poder-se-á avaliar do grande crime pelo qual foi Ferrer fuzilado nos fossos da sinistra fortaleza de Montjuich.

*

É triste ver e ouvir certas pessoas que exercem o ensino ou os que se ocupam especialmente da questão social criticar os sistemas de educação em vigor, propondo outros métodos que em nada diferem dos que suscitam a sua cólera.

Propõem-nos a chamada liberdade absoluta do ensino, que apenas aproveita as congregações religiosas e que ninguém pede fora delas, ou então o monopólio pelo Estado.

A Escola Moderna de Barcelona julga que os livres-pensadores de boa-fé erram o caminho quando não encaram a questão sob o único ponto de vista que ela abrange.

A verdadeira questão, a nosso ver, consiste em servimo-nos da escola como o meio mais eficaz para chegar à emancipação completa, isto é: moral, intelectual e econômica da classe operária.

Se todos nós estamos de acordo em que a classe operária, ou melhor, ainda a humanidade em geral, nada deve esperar de um Deus ou de um

[79]. (Não assinado). *A Guerra Social*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 07, p. 3, 15.10.1911.

poder sobrenatural qualquer, temos de substituir esse poder por outra entidade, o Estado, por exemplo?

Não, a emancipação proletária só pode ser obra direta e consciente da própria classe operária, da sua vontade de se instruir e de saber.

O povo trabalhador, se continuar na ignorância, permanecerá escravizado pela Igreja ou pelo Estado, isto é, pelo capitalismo representando essas duas entidades. Pelo contrário, se se inspirar na razão e na ciência, o seu interesse bem compreendido breve o impedirá a pôr termo à exploração a fim de que o trabalhador se possa tornar árbitro dos destinos humanos.

Trata-se, por conseguinte, a nosso ver, de pôr, antes de tudo, a classe operária em estado de compreender estas verdades.

À medida que nos sindicatos estas verdades elementares vão penetrando cada vez mais entre os trabalhadores adultos, tentemos fazê-las entrar igualmente nos cérebros das crianças e dos adolescentes.

Estabeleçamos um sistema de educação pelo qual a criança possa chegar a conhecer, depressa e bem, a origem da desigualdade econômica, a mentira religiosa, o maléfico amor patriótico e as rotinas familiares e todas as demais que o retêm na escravidão.

Não é o Estado, expressão da vontade de uma minoria de exploradores, que pode ajudar-vos a atingir este objetivo. Essa ilusão seria a pior das loucuras.

Se quiserdes bons comerciantes, hábeis guarda-livros, funcionários peritos, gente que só pensa em garantir o seu futuro sem se preocupar com o dos outros, dirigi-vos ao Estado, à Câmara do Comércio e a todas as ligas ou sociedades patrióticas; mas se quereis preparar, como deveis querer, um futuro de fraternidade, de paz e de felicidade para todos, dirigi-vos a vós mesmos, àqueles que sofrem com o regime atual, e fundai escolas como a nossa, onde possais ensinar todas as verdades adquiridas.

E que vos importa o apoio do Estado se podeis enfim ser senhores em vossa casa a ter a certeza de que, em um futuro pouco afastado, haveis criado gerações conscientes, que já não seriam instrumentos de tirania, mas seres livres resolvidos a viver dignamente no bem-estar geral e numa verdadeira solidariedade humana?

71

*O crime de Montjuich*⁸⁰

• • • • •

HÁ DOIS ANOS, CIRCULOU POR TODO O ORBE A PAVOROSA NOTÍCIA de que Francisco Ferrer fora assassinado entre os muros da fortaleza de Montjuich – a Bastilha espanhola.

De todos os recantos do mundo, onde palpitava um coração humano, levantou-se um clamor imenso de surpresa e de protesto. Em pleno século xx, matava-se um homem pelo delito de pensar em desacordo com os tiranos do povo trabalhador! Punia-se a ousadia de um homem que tivera a coragem, nesta época balda de caracteres íntegros, de afirmar, bem alto e positivamente, os seus ideais de justiça e de igualdade, e que, convicto da regeneração humana, dedicara todos os esforços da sua grande atividade à educação da mocidade proletária, de cujo cérebro hão de brotar os germens de uma futura sociedade onde não haja guarida para a ambição desregrada nem para a torpeza de sentimentos.

Espírito lúcido e caráter honesto, Francisco Ferrer sentiu-se rebelado ante as mentiras que o cercavam e bem depressa compreendeu que o Estado e a Igreja eram instituições burguesas e conjuradas para, por meio do ensino, falseado em todos os sentidos, manter o povo na ignorância e na miséria, tornando-o assim mais fácil presa da exploração patronal e das tiranias governamentais.

Desta compreensão, nasceram-lhe a força e a energia para lutar em prol da educação racional do povo e eis aí o grande crime pelo qual fora punido pelas balas dos inconscientes janízaros, postos ao serviço dos negrejados representantes de uma era de barbarismo e de ignorância.

[80]. SANTOS, Polidoro. *A Guerra Social*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 07, p. 1, 15.10.1911.

Fundar escolas, esclarecer o povo, dissipar-lhe o denso véu das mentiras religiosas que o embrutece, embotando-lhe os sentimentos humanos, eis o terror dos tiranos de todos os tempos!

Um povo que pensa, um povo que raciocina, é um povo rebelde à tirania e à opressão. Por isso, a burguesia procura crestar nos cérebros da mocidade operária todas as ideias generosas, ao mesmo tempo em que procura inocular-lhe os absurdos patrióticos e as mentiras religiosas.

Francisco Ferrer não foi uma vítima apenas do clero sanhudo e sanguinário afeito às mais atrozes crueldades; matou-o as instituições burguesas que ele combatia instruindo os trabalhadores, procurando levantar-lhes o nível moral e intelectual, o que representa um sério perigo para a burguesia que vive da exploração do trabalho alheio.

A atual sociedade, baseada na iniquidade a mais clamorosa, sente-se vacilar em seus fundamentos, com o evoluir das ideias que enriquecem cada dia mais os cérebros sãos e equilibrados. Os interessados na conservação da anomalia social procuram salvar-se do naufrágio inevitável espadanando sangue e torturando lutadores.

Nada, porém, conseguirá deter a marcha de uma ideia generosa e eminentemente humana; e aqueles dos seus pregoeiros que tombam na luta cimentam-na vigorosamente, apressando a hora do seu triunfo.

Os tiranos matam os homens que pensam; não matam, porém, as ideias que de seus cérebros brotaram.

Ferrer morreu; a sua ideia ficou!

72

*A Escola Moderna*⁸¹

• • • • •

SE À BURGUESIA EXPLORADORA E ÀS CASTAS PARASITÁRIAS, QUE SE nutrem do labor extenuante do proletariado, fossem precisos mais fatos justificativos da impotência dos seus Montjuichs, das suas torturas inquisitoriais e dos seus fuzilamentos por soldados inconscientemente selvagens, para conter e reprimir a ideia que há de, apesar de tudo, avasalar o mundo inteiro, aí os têm no assassinio de Ferrer. Se as balas homicidas puderam tombar o corpo inerte do apóstolo querido, não puderam, contudo, matar o ideal que na sua potente cerebração concretizava toda a esperança de redenção humana, porque o som produzido pelo baquear desse grandioso vulto teve o condão de repercutir-se por toda a parte como um eco de revolta e como um cântico de libertação.

Ontem, o nome de Ferrer, poucos o pronunciavam porque, envolvido na penumbra de sua grande modéstia, só igualável à sua grandiosa obra da regeneração do pensamento humano, era apenas uma recordação carinhosa duns poucos que, como ele, se dedicavam ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da sua Escola Moderna. Hoje, esse nome vibra intenso em todos os corações generosos que anseiam por uma era de justiça e de liberdade, evocam-no como uma esperança em que se deposita todo um futuro de amor e fraternidade.

A Escola Moderna, fundada por Ferrer, deve ser para os seus continuadores um monumento à sua glória e para os seus assassinos uma sombra perseguidora que constantemente lhes recorde o seu crime abominável; é preciso que resista ativa e pura às investidas da reação católica

[81]. ISMAELITA. *A Guerra Social*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 07, p. 2, 15.10.1911.

para que as gerações futuras encontrem nela todo o vigor, toda a energia consciente que garanta a conquista das reivindicações econômicas e sociais.

E porque a Escola Moderna, nas classes dominantes e privilegiadas, pressintam o derruir do seu poderio iníquo e injustificável, elas se concertam para o seu aniquilamento. Assassinado Ferrer, é urgente que os seus admiradores e amigos se constituam herdeiros desse glorioso espólio para que não possa ser absorvido pelos especuladores políticos que, mercê do obscurantismo dos povos, facilmente se apoderam das multidões, arrastando-as a cooperarem em favor de interesses pessoais de meia dúzia de aventureiros ávidos em satisfazer ambições de várias espécies.

É preciso também que a Escola Moderna, destinada a formar cérebros que pensem livremente, consciências retas e esclarecidas, homens, enfim, conscientes dos seus direitos e deveres, não vá confundir-se e misturar-se nas escolas laicizadas, deturpando e transformando as suas superiores qualidades pedagógicas.

Nada de confusões. A Escola Moderna conservada na sua pureza tem de ser o baluarte contra essa organização de preconceitos sociais que desorientam a evolução da humanidade. Nada de conluíus híbridos entre escolas de objetivações tão diferentes.

Aqui não há nem pode haver transigência. Sem duvidarmos das boas intenções dos indivíduos, somos levados a evitar aproximações perigosas.

Assassinado Ferrer, todos os grupos políticos se disputaram a glória de possuí-lo e, neste embate de aspirações interesseiras, esqueceram-se de ler a sua obra para evidenciar o ideal desse vulto sublime e extraordinário. Foi um sintoma que deve nortear os que desejam perpetuar a sua obra.

73

13 de outubro⁸²

• • • • •

E NCIMA ESTAS LINHAS A DATA SINISTRA QUE, NOS ANAIS DA HISTÓRIA DE ESPANHA E NOS ANAIS DA HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA, registra a passagem de mais um ano após o bárbaro assassinado de Francisco Ferrer, fuzilado por uma hedionda saraivada de balas disparadas de carabinas militares, obedientes à coroa autoritária de um déspota clerical.

Malgrado esse ato de vandalismo com que um governo feroz e vergado afrontou a soberania de um povo que, a custo e cansado, sustenta o tremendo peso de sua privilegiada coroa, hoje que as luzes fulguram por todos os ângulos do universo, máxime nessa grande metrópole espanhola, o natural heroísmo desse povo tradicional tende fatalmente para o estabelecimento de um governo democrático em cujo lábaro conquistado, quiçá, em dias de sangue, terá impressa a legenda sublime: – Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Nesse dia, em que as correntes daquela nova bastilha se terão quebrado, ressurgirá na memória ativa de cada espanhol o vulto venerável e benemérito de Francisco Ferrer, o desbravador da larga estrada pela qual terão eles de perلustrar, como o Tiradentes da Espanha!

Com o derramamento de sangue de Ferrer, não logrou a negregrada religião de Loyola que, através de séculos, vem entravando a educação moral da humanidade, pela hipocrisia, a mistificação e a corrupção, fazer recuar da luta esse punhado de bravos que acompanharam o construtor e mais pujante defensor da Escola Moderna, que foi Francisco Ferrer, na

[82]. SORTE, A. J. Boa. **A Lanterna**. São Paulo, SP, Ano 11, n. 110, p. 2, 28.10.1911.

conquista por uma educação livre e dignificante, sem as inveteradas ar-
timanhas da Igreja ultramontana, impondo aos neófitos mandamentos
dogmáticos de uma religião perniciosa e contraditória, pelas lamúrias
dos seus imorais e sub-reptícios pedagogos. Não, em cada peito dos le-
gionários do glorioso mártir da liberdade, terá ela uma fortaleza contra
o poder de qualquer tirano e da *Santa Inquisição* de qualquer monge. Não
os intimidarão as enxergas infectas da soterrada masmorra que serviu
de cárcere ao puritano cidadão, o mais genuíno cidadão que foi da sua
terra – Francisco Ferrer. Esse gigante tombou depois de haver testamen-
tado a sua ação às gerações futuras. Por isso o seu monumento cívico
não tombará.

É, pois, hoje que a Espanha livre tributa ao seu grande Redentor a
mais justa das homenagens, depositando, genuflexa, uma coroa de sau-
dades sobre seu túmulo, eu, como um de seus obscuros admiradores,
associando-me a essa dor, rendo ao morto ilustre estas despretensiosas
e singelas linhas em holocausto ao seu mérito imperecível.

Porto Alegre, outubro de 1911.

74

13 de outubro⁸³

• • • • •

A DATA QUE NOS LEMBRA O CRIME HORRENDO DE MONTJUICH NÃO
passou aqui despercebida.

O segundo aniversário do sacrifício do nosso dedicado camarada
Francisco Ferrer serviu mais uma vez para se fazer propaganda do caro
ideal pelo qual ele sucumbiu entre as garras da infame tríade que infeli-
cita a humanidade – a burguesia, o clericalismo e o militarismo.

No Rio, por iniciativa da Liga Anticlerical e com a adesão de diversas
agrupações, realizou-se no dia 13 uma grande reunião na sede do Centro
Republicano Português.

A concorrência foi enorme, tendo falado diversos oradores comba-
tendo todas as misérias da sociedade burguesa e propagando as ideias
de transformação social.

Distribuíram-se jornais e folhetos. Foi, enfim, uma boa noite de
propaganda.

Em S. Paulo, realizou-se um imponente comício público, no qual os
nossos ideais foram difusamente propagados.

No bairro do Brás, o povo reuniu-se no largo da Concórdia, onde, pe-
rante uma enorme massa popular, falaram dois companheiros, partindo
depois a coluna, precedida de uma banda de música e levando diversos
cartazes, para o largo de S. Francisco.

Este largo, quando chegou à coluna do Brás, já estava apinhado de
povo, perante o qual já tinham falado seis companheiros propagando o
ideal de Ferrer, que é o nosso – o anarquismo. Todo o povo ali reunido

[83]. (Não assinado). *A Guerra Social*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 01, n. 08, p. 4, 05.11.1911.

percorreu depois o triângulo central da cidade, cantando o “Hino dos Trabalhadores” e “A Internacional”, ostentando os cartazes com expressivos dizeres sobre a data. O comício dissolveu-se no largo de S. Francisco, depois de falarem mais dois camaradas.

Em Santos, também se comemorou devidamente esta data.

Pela tarde, realizou-se um comício numa das praças da cidade, usando da palavra diversos companheiros. Os manifestantes percorreram depois o centro da cidade, cantando os nossos hinos.

À noite, na sede da Federação Operária, teve lugar uma grande reunião. Falaram diversos oradores. Foi uma excelente sessão de propaganda.

Em Campinas, promovida pela Liga Operária, o camarada Valdomiro Padilha fez uma conferência sobre o nosso ideal.

Foi distribuída uma porção de jornais pela numerosa assistência.

Em Bauru, a Liga Operária Internacional realizou uma concorridíssima reunião de propaganda, na qual falaram diversos companheiros, tendo-se distribuído muitos exemplares dos nossos jornais.

Em Jardinópolis, a Liga Anticlerical Francisco Ferrer realizou, no dia 15, uma passeata pela cidade, precedida de uma banda de música, reunindo-se depois na praça da cidade onde falou do coreto o camarada Valdomiro Padilha.

Foram distribuídos muitos jornais e boletins.

75 13 de outubro⁸⁴

• • • • •

O TERCEIRO ANIVERSÁRIO DO ASSASSINATO DE FRANCISCO FERRER, o inesquecível fundador da Escola Moderna de Barcelona, não passou despercebido no meio operário e livre pensador desta cidade.

Pelo contrário, as manifestações deste ano tiveram uma imponência e uma importância fora do comum.

Mais uma prova, aliás, da impotência dos sicários da lei ante o avançar crescente e fatal das ideias puras e generosas.

A burguesia na cegueira feroz duma agonia irremediável esquece-se que o sangue dos apóstolos vale pelo melhor adubo para os ideais por eles pregados.

E resumamos o que houve no Rio no último domingo.

Conforme fora anunciado, a Liga Anticlerical promoveu um comício para o Teatro Carlos Gomes, que se encheu apesar da chuva impertinente. Foi uma reunião como poucas temos visto. Grande parte das associações operárias se fez representar, dando ao ato um cunho grandemente popular. Os oradores, debaixo dos aplausos demorados da assembleia, recordaram a obra fecunda de Ferrer, que, com a Escola Moderna de Barcelona, elevou e praticou a educação racionalista a um grau até então inatingido.

À noite, realizou ainda a Liga, em sua sede, uma sessão solene a que compareceu grande número de sócios.

[84]. (Não assinado). **A Guerra Social**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 02, n. 31, p. 3, 12.10.1912.

Outras reuniões houveram também nas sedes do Sindicato dos Trabalhadores nas Pedreiras e da Sociedade de Resistência dos T. em Trapiques e Café, ambas muito concorridas.

76

Relembrando um crime.

*13 de outubro*⁸⁵

• • • • •

AQUI, COMO EM TODA A PARTE, ESTE ANO COMO SEMPRE, A FEDERAÇÃO Operária não deixou de comemorar devidamente o passamento do grande iniciador do ensino racionalista.

E não podia ser de outra forma. Ninguém melhor do que os trabalhadores compreenderam e abraçaram a obra de Francisco Ferrer, e ninguém mais do que os trabalhadores têm-na propagado com ardor e entusiasmo.

Ferrer foi pedagogo, porém sua obra foi quase que repudiada por seus colegas, que aliados com a burguesia e o clero não podiam de forma alguma estar concordes com o novo método, pois reconheciam que, educando a infância racionalmente, obter-se-ia uma humanidade consciente, que por força se rebelaria contra sua prepotência e seu dogma.

A burguesia e o clero de todos os tempos, muito cuidadosamente, eliminavam do mundo um homem que, com sua ciência ou filosofia posta ao alcance dos oprimidos, os viesse prejudicar, apoderavam-se de sua obra, destruíam-na ou adulteravam-na, opondo diques à sua propaganda regeneradora ou libertadora, para garantir a sua exploração e seu roubo, e por isso eliminavam covardemente e fundador da Escola Moderna.

Antes de F. Ferrer, muitos homens trabalharam dedicando quase toda a sua vida à mesma obra de educação; durante muitos séculos, a humanidade trabalhou para acumular os materiais que serviram a Ferrer

[85]. ALMEIDA, Zenon de. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 06, n. 41, p. 1, 15.10.1913.

de alicerce para sua obra, que é a concretização e metodização de todos os conhecimentos pedagógicos e filosóficos, legados pelas gerações passadas.

Ferrer teve seus predecessores e tem continuadores do ideal pelo qual ele se sacrificou e pelo qual muitos se sacrificaram antes dele, e muitos ainda serão sacrificados. Ele, devido às circunstâncias que acompanharam a sua trágica morte, tornou-se célebre e é considerado mártir. Não é, no entanto, o mártir único, não é o primeiro e não será o último. Muitos e muitos outros se sacrificaram, muitos lutam e muitos são mártires pela mesma ideia. As circunstâncias é que tornam estes mártires anônimos; se nos fosse possível contar todos eles, dever-nos-íamos manter em uma comemoração contínua, num ininterrupto protesto.

Assim, pois, neste dia, não devemos unicamente glorificar Ferrer, mas com ele aqueles que quotidianamente se sacrificam por esta mesma obra de educação, movidos pelo mesmo sentimento de regeneração e empenhados na grandiosa luta de libertação humana.

77

*Francisco Ferrer*⁸⁶

• • • • •

O GDCE ESTÁ PREPARANDO PARA O PRÓXIMO DIA 11 DE OUTUBRO UM excelente espetáculo de propaganda em comemoração do 5º aniversário do fuzilamento do inesquecível mestre Francisco Ferrer y Guardia.

Do programa, constam hinos revolucionários, breve conferência, intermédio e representações teatrais, inclusive um sugestivo e belo entreato alusivo à data, da lavra de Z. de Almeida e intitulado – *Ideal Fecundo*, que finalizará com uma demonstrativa apoteose.

Pelotas – IX – 914.

[86]. VLAN. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, RJ, Ano 07, n. 63, p. 4, 01.10.1914.



O 5º ANIVERSÁRIO DO FUZILAMENTO DE FRANCISCO FERRER FOI CONDIGNAMENTE comemorado este ano.

Promovido pela Liga Anticlerical, revestiu-se de grande imponência o protesto que todos os anos os elementos avançados desta cidade vêm renovando nesse dia, à face dos que aplaudiram o bárbaro e nefando atentado que manchou com o sangue de um dos nossos as páginas da história da civilização moderna.

Às 21 horas, achando-se o vasto local da Federação Operária do Rio de Janeiro repleto, abriu a sessão o camarada Carlos de Lacerda, 1º de secretário da Liga. Principiou relembrando quem foi Ferrer e o que o levou a empreender a obra que tanto ódio lhe valeu e tanta inquietação ainda desperta nos arraiais do jesuitismo e do capitalismo, sob cujo jugo de ferro é mantido o proletariado de todos os países do mundo.

Lembrou a conveniência de fazer-se um esforço no Rio de Janeiro, a fim de que o mais breve possível abramos a nossa escola racionalista, cujo local e mobiliário já se acham prontos, dependendo apenas a sua inauguração de mais algum recurso com que custear certos serviços indispensáveis.

Seguiram-se com a palavra os camaradas Antônio Moreira, Fernando Carvalhais, Lino Garrido, Ângelo Alves, Joaquim Lourenço de Oliveira, dr. Orlando Lopes, Licínio de Almeida, Pedro Matera, Romeu Bolleli, Candido Costa e Maximiano de Macedo.

[87]. (Não assinado). **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, RJ, Ano 07, n. 64, p. 2, 01.11.1915.

A senhorita Elvira Boni recitou a belíssima poesia de Hermes Fontes – “Aves Humanitas”, sendo ao terminar muito aplaudida.

Fizeram-se representar Liga Federação dos E. em Padarias, Confe-
deração Operária Brasileira, Grupo Ação Libertária Invencível, Sindicato
dos Panificadores, *A Voz do Trabalhador*, *A Voz do Padeiro*, União dos Alfaia-
tes, Centro dos Marmoristas, Sindicato dos Sapateiros, Sindicato dos
Marceneiros, Sindicato dos Operários das Pedreiras, Centro de Estudos
Sociais, Sindicato dos Estucadores, *A Época* e *O Clarim*.

A sucursal dos Operários das Pedreiras, reunido em assembleia ge-
ral no dia 11 passado, depois de resolver assuntos de grande interesse
para a classe que representa, aprovou por unanimidade uma proposta
do camarada José Ferreira Ribeiro protestando contra os inquisidores
assassinos de Francisco Ferrer:

Proposta – 1º, que esta assembleia lavre na ata um voto de protesto
contra o assassinato de Francisco Ferrer pelo malsinado governo da Es-
panha, que, a 13 de outubro de 1909, fez cair por terra varado pelas balas
o grande propagandista; 2º, que seja levado aos jornais diários o nosso
protesto e que seja pedida a publicação desta proposta; 3º, que nós, ope-
rários das pedreiras, em todas as épocas nunca deixemos de protestar
contra as mãos assassinas que arrastam covardemente os propagandistas
dos novos ideais.

79

Relembrando ⁸⁸

• • • • •

MAIS UM ANO – MAIS FORÇA. MAIS UM ANO – MAIS ALENTO, MAIS
coragem, mais insistência, mais ardor na propaganda reivin-
dicadora da massa proletária, mais argamassa para a elevação do nível
moral e intelectual da humanidade inteira.

Mais um ano que passa sobre a sepultura de Ferrer assassinado –
mais um ano de represálias e de infâmias, de bandoleirismos e misérias;
mais um ano de luta, mais um ano de desespero.

As balas homicidas fedem ainda; a sentença condenatória jamais
deixará revoltado, de fazer vibrar as harmoniosas e fortes cordas da anar-
quia – que são os princípios de amor, justiça e liberdade que a vitalizam
e tornam bela. E as crianças das Escolas Modernas anatematizarão, com
um sorriso, a manada assassina de seu mestre.

Pedagogo racional, Ferrer foi uma daquelas fortes energias que, mi-
rando a verdade, se conglobam e não trepidam para alcançarem o seu
fim, arrostando todas as pressões, desfazendo todos os obstáculos.

Defensor da harmonia social, toda a sua pedagogia se baseava na
ciência e na razão, no cultivo da inteligência, na formação do caráter,
preparando assim as crianças para se tornarem, no rolamento dos anos,
homens fortes e vigorosos, conscientes e ativos.

Nada de dúvidas, nada de preconceitos, nada de irracional; tudo de
positivo, tudo livre, tudo científico. É o que o ensino racional proclama
cheio de ardor para a chegada do futuro. E para que o futuro, que se ante-
vê cheio de justiça, seja um fato dos mais breves, preciso é, acima de tudo,

[88]. CADETE, Andrade. **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 01, n. 17, p. 1, 14.10.1917.

divulgar o mais possível a instrução e a educação puramente racionais, reunindo todos os esforços, aproveitando todas as energias sinceras.

Ferrer, que tanto impulso deu a esse ensino, foi assassinado, sem dúvida; mas o seu desaparecimento para nós, não é, nem deve ser outra coisa senão o fator ardente e básico da propaganda racionalista.

A sua morte é um fato; mas a sua memória também o é. E que memória! – a mais revoltadora e impulsiva que Afonso XIII e sua gente podiam preparar.

O estigma de assassino desvaneceu-se, tornando-se a nossa ira e revolta num brado de saudação àqueles que, ao perpetuarem um crime, acordaram tantos famintos de liberdade e de justiça. Para eles, um viva!

No mesmo instante em que Ferrer caía num fosso do odiento castelo de Montjuich, muitos cérebros se iluminaram e viram na anarquia a etapa final e indestrutível da humanidade espezinhada e revolta.

80

*O aniversário fúnebre de um justo*⁸⁹

• • • • •

FEZ ONTEM OITO ANOS QUE O CLERICALISMO VIL DE INÁCIO DE LOYO la estendeu as suas garras aduncas, vitimando o másculo apóstolo e fundador da escola racionalista.

Ferrer, o educador moderno, dotado da fortuna de Meuaier, empregou toda a sua dedicação à Escola, lançando na prática a primeira alavanca demolidora contra a bárbara seita fradesca, espalhando pelo universo a luz e a verdade.

A Igreja, vendo nisso um entrave à sua marcha, principiou a sua acintosa e feroz perseguição contra o farol da Hhumanidade, e, escudando-se num Maura traíçoeiro e num vilão de capa conseguiu fazer desaparecer_____⁹⁰ o propagandista da sociedade futura!

Para poder praticar melhor a monstrosidade, Maura, na semana trágica e lúgubre, decretou o terror oficial, exercendo as maiores violências sobre quem lhe aprouve, como é próprio dos instintos ruins e perversos de todos os déspotas.

Sucederam-se as prisões em grande número, os cárceres regurgitaram de vítimas da reação e da tirania. Imperava, enfim, uma atmosfera irrespirável, asfixiante.

[89]. SUVARINE. **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 01, n. 17, p. 1, 14.10.1917.

[90]. Palavras ilegíveis na cópia consultada.

Ferrer, defendido por um capitalismo do mesmo nome, foi por fim condenado à morte. Mas dotado como era de uma energia admirável, ouviu ler a infame sentença sem demonstrar o mais leve sinal de fraqueza.

E quando os soldados se preparavam para matar o grande mártir, ele soltou este grito que repercutiu e repercutirá sempre aos ouvidos de seus algozes:

- *Filhos, apontem bem! Sou inocente! Viva a Escola Moderna!*

Entretanto, que lucraram os bandidos clericais e políticos com a sua morte? Nada. Os rebeldes, em lugar de desaparecerem, são cada vez mais numerosos, e, por isso, a derrocada de todos os déspotas será um fato num futuro mais ou menos próximo.

Ferrer morreu! Mas a Ideia Sublime, a Ideia Redentora triunfou sobre os seus assassinos!

Jonh Huss, Gerônimo Praga, Giordano Bruno, José Reizal e tantos outros também foram assassinados pelos vampiros da Igreja por espalharem luz a jorros no seio da humanidade, ensinando-a a conhecer os erros desse tecido de mentiras a que chamam – *Religião*.

Morreram! Mas o seu sangue representa o pólen fecundante para o triunfo dos ideais!

Julgando estupidamente ter abafado a voz da verdade, a Igreja fez, pelo contrário, com que essa voz se fizesse ouvir em todo o mundo mais forte e veemente, não tardando o momento de bradar vingadoramente:

- *Assassinos! Chegou a hora da justiça!*

Então serão pagos os crimes que, através de tantos séculos, têm sido praticados em nome da PÁTRIA e da RELIGIÃO, demonstrando-se assim que as ideias saem dos homens, mas não se extinguem com eles!

81

No aniversário de um crime ⁹¹

• • • • •

A ideia de Deus destruiu a felicidade dos homens. Ser religioso é ser inimigo de si próprio.

F. Ferrer yrdia.

HÁ OITO ANOS, FERRER, O INTEMERATO FUNDADOR DA ESCOLA MODERNA, caía varado pelas balas de meia dúzia de militares inconscientes nos fossos da terrível fortaleza de Montjuich.

E, deste modo, um dos maiores pensadores contemporâneos foi bárbara e vilmente fuzilado pelo único crime de propagar uma nova doutrina em que assegurava o bem-estar da humanidade. Maura, Lacierva e Afonso XIII determinaram, movidos pela hiena clerical, a morte dum homem de talento, dum apóstolo das novas ideias redentoras porque sentiam abalar os alicerces do pedestal em que estavam colocados.

Temiam a propaganda sempre ativa e fecunda do inolvidável mestre, pretendendo esmagar a instrução livre que será a derrocada duma sociedade infame, onde não é facultado ao indivíduo o direito à vida.

Enfim a derrocada será inevitável, por maior opressão que faça a corja dos potentados, logo que todos os oprimidos tiverem a exata compreensão dos seus direitos.

A Igreja mandou fuzilar um idealista inigualável, julgando que, com a sua morte, exterminaria a ideia; mas, completo engano, pois que a semente espalhada por Ferrer germina fecundante em todos os cantos do Universo.

[91]. COSTA, Zejo. **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 01, n. 17, p. 1, 14.10.1917.

A sua obra de *Ensino Racional*, livre de preconceitos e dogmas, progredia consideravelmente, caminhando a passos gigantescos, nada havendo que a detenha na sua marcha assombrosa.

Cuidaram que, assassinando Ferrer, exterminariam sua obra, voltando ao esquecimento tudo o que ele tinha feito.

Completo engano. Francisco Ferrer, o imortal apóstolo do racionalismo, não morreu, vive conosco, pois que a todo instante é lembrado.

Vive para incitar a mocidade a lutar; vive no espírito dos oprimidos aconselhando-os a instruírem-se, pois que a ignorância dos esmagados é a causa direta da sua opressão; vive e continuará a viver eternamente nas páginas da história como o *Precursor da Educação Racionalista*.

**

Todos os gênios foram perseguidos pela Igreja, a inimiga do progresso humano.

Ferrer disse que a razão e a ciência eram os antídotos do dogma; que o dogma seria abo[...] ⁹² não ensinaria nenhuma religião.

E por ser um fervoroso adepto das ideias reivindicadoras que punha-o em perigo de vida e fariam desaparecer o predomínio burguês, executaram-no.

Giordano Bruno, Galileu, Antônio José da Silva e Bartholomeu de Gusmão, eis outras vítimas que a Igreja aniquilou pelo mais atroz suplício, unicamente por serem homens de engenho, por possuírem um cérebro mais elevado que os vulgares da época.

Por isso, ficai tranquilos em vossos túmulos, oh vítimas da Igreja, cientes de que a geração nova exterminará essa instituição cancerosa e realizará a vossa vingança, tendo em mente a hecatombe de S. Bartolomeu e todas as vítimas da Ponte dos Suspiros e do Santo Ofício.

Esse dia principia a despontar no horizonte.

Fugi, oh monstros de batina, oh detentores do progresso, pois que os famintos estão sedentos de vingança, a plebe pede justiça e essa justiça será executada pelas suas próprias mãos.

Em pleno século xx, no século das Luzes, como disse Victor Hugo, a Igreja consumou mais um crime odioso.

Mas... será também neste século, século da revolução, como o chamou Maximo Gorki, que a Igreja será exterminada...

Viva a Escola Moderna!

[92]. Cópia danificada neste trecho.



A HISTÓRIA DA HUMANIDADE NÃO É SENÃO A NARRATIVA COORDENADA de uma série de acontecimentos multisseculares, extraordinários, em que, junto com os nomes de muitos heróis, aparecem, como sombras, os de uma legião de seres degenerados e pérfidos que se imortalizaram pela própria monstruosidade e que, não obstante terem ocupado importante posição social, não seriam hoje lembrados.

Afonso XIII, o rei que se fez discípulo de Nicolau II, o degenerado monarca que envergonhava seus súbitos, a Europa e o mundo, não seria hoje tão conhecido da comunhão humana senão fosse o valor moral de Francisco Ferrer, a vítima sacrificada pela liberdade, na fortaleza de Montjuich.

É assim o mundo! Mas a lição da história nos serve de consolo, porque vemos eternizados em suas páginas os nomes de Sócrates, o mestre de Platão, cujas memórias são veneradas entre povos diversos do planeta: de Jonh Huss, o mártir da liberdade de consciência; de Savanarola, Giordano Bruno e outros, cujos feitos heroicos lhes custaram a perseguição e a vida.

Agora, se quisermos falar de acontecimentos mais recentes, basta lembrarmo-nos de Leon Tolstoi, o Cristo moderno, cujas palavras são o evangelho da redenção humana; de Kropotkin, o genial cientista e escritor que tem abalado os preconceitos sociais com suas produções literárias sobre sociologia: de Pietro Gori, o ilustre italiano cujo entusiasmo liberal se manifesta em seu verbo fluente e iluminado e em suas belas joias lite-

[93]. PENTEADO, João. *A Plebe*. São Paulo, SP, Ano 01, n. 18, p. 2, 21.10.1917.

rárias. Entre estes, também, podemos incluir o nome de Francisco Ferrer, o grande herói, cujas últimas expressões foram: “Viva a Escola Moderna!”.

E com isso, fez que se se lhe ajustasse bem o conceito do poeta:

*Quem na luta cai com a glória
Tomba nos braços da história!*⁹⁴

83

*Francisco Ferrer*⁹⁵

• • • • •

COM OS TEMPOS QUE CORREM, EM QUE SÓ A MORTE E A DESTRUIÇÃO mostram despertar interesse e estimular energias, é de supor que o apóstolo do racionalismo já esteja apagado na memória de muitos que se indignaram quando do seu fuzilamento.

Mas, como após a tempestade sucede a bonança, também esta guerra, por extensa que seja, por interminável que pareça, há de acabar, e os homens de boa vontade, os espíritos esclarecidos, não deixarão de fazer surgir do sono do esquecimento essa figura de emérito educador que foi Francisco Ferrer e, o que mais interessa, fazer reviver a sua incomparável obra.

A Escola Moderna de Barcelona foi um monumento grandioso erigido por um paladino da instrução e da liberdade para felicidade e glória das gerações novas.

O seu plano de conjunto, isto é, os fins a que visava Ferrer com a sua Escola eram de tríplice objetivo: escolar, familiar e social. Percebendo perfeitamente que a Escola não se pode isolar da vida social, que é antecedida e seguida pela vida familiar, concebeu a ideia de atrair as famílias ao conhecimento das modernas concepções sociais, morais e religiosas, instituindo cursos de higiene e outros assuntos, para que as famílias com suas ideias errôneas e antiquadas não fossem um empecilho, mas sim um incentivo à obra educativa que se propunha realizar.

[94]. N. da R. – Por lapso, deixamos de inserir no passado número de *A Plebe* a este magnífico artigo, pelo que pedimos desculpas ao seu autor e nosso prezadíssimo amigo.

[95]. RIGA, Pinho de. *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo, SP, Ano 02, n. 01, p. 2, 13.10.1918.

A biblioteca que publicou, espalhou jorros de luz em todos os cérebros que tiveram a dita de ler os livros que a constituíam e assimilá-los e compreendê-los.

Claro que os espíritos superficiais não compreenderam, talvez, obra tão meritória e de tão eficientes resultados para a libertação dos cérebros infantis que frequentaram sua escola. Mas que ela era realmente útil, bem orientada e de resultados comprovados, atesta-o o encarniçamento com que os jesuítas de sotaina, e sem sotaina, atacaram a Escola Moderna e o espírito que a dirigia, não trepidando nem recuando, – que bandidos! – em pedir a cabeça do seu fundador como castigo de suas opiniões racionalistas, de suas concepções educativas e da sua dedicação pelos filhos do povo. É isto prova que Ferrer foi um precursor verdadeiro, que pôs o dedo na chaga e logo aplicou o cautério. E como prêmio de tantos merecimentos, foi varado pelas descargas dum pelotão de inconscientes soldados, e morreu bradando: “Viva a Escola Moderna!”.

84

Ferrer e a humanidade nova. 1909 / 13 de outubro / 1921⁹⁶

• • • • •

O ASSASSÍNIO DE FERRER É UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA VIVA. CONTEMPRAMOS, no cenário da Terra, a inevitável transição da humanidade sofredora para a humanidade redimida. É o movimento mais profundo, mais essencialmente humano de toda a luta contra a natureza; porque se até agora o homem tem reformado os meios de produção e agido pelo sentimento, doravante anseia por se reformar a si mesmo e o faz pela inteligência.

A tragédia de Montjuich expõe o fenômeno à luz meridiana. Irisa-o de cambiantes tão intensas que a mais toldada das visões nela enxerga as perspectivas todas do problema da emancipação.

Ferrer é um símbolo. Sua vida foi um prenúncio. Sua morte, uma definição.

Recordando-as vemos a humanidade velha, encarquilhada e trôpega, amortalhada nos preconceitos, chumbada ao regime de casta, onde se consagra a dualidade extrema de explorados e exploradores; padres, legistas, patrões, juízes de um lado, e do outro a deserdada classe dos famintos, proletários sem direitos, triturados no trabalho, sufocados na ignorância, empedernidos na crendice e no crime.

Meditando-as, porém, vemos garrida, pela ação restauradora da Escola Moderna, a nova humanidade, a humanidade porvindoura, alindada por si mesma, pelo esforço da cultura intelectual em que se a razão eleva,

[96]. OITICICA, José. *Revista Liberal*. Porto Alegre, RS, Ano 01, n. 06, outubro de 1921.

se enobrece o entendimento, e o mundo se revela como existe: energias em transformação na perpetuidade da substância indecomponível. E essas duas humanidades se defrontam no suplício de Ferrer.

O que nele há de belo não é sobretudo a heroicidade do seu fim, é a digladição dos dois ideais humanos com a certeza da vitória da razão sobre a fé, da liberdade sobre a escravidão.

Ferrer gritando ao morrer: *Viva a Escola Moderna!* é o triunfo das gerações cevadas com a seiva libertária, batizadas para sempre com o sangue do mártir, cobiçosas de paz, de amor, dessa entresonhada concórdia; prometida pelos sonhadores passados e negada, vilipendiada pelos parasitas de qualquer sorte: reis, capitalistas, papas e marechais.

A ação de Francisco Ferrer, depois das naturais vacilações, foi e não podia deixar de ser educativa. Assumiu, por isso, uma feição inconfundível que a extrema das ações dos demais propagandistas revolucionários.

É que ela batiza os dois estádios da evolução humana, com uma significação precisa e exatíssima desse movimento.

A ação libertária se havia concentrado na luta contra o capital. Era demasiadamente econômica. De todo o problema humano, cogitava tão somente a questão operária, embora os chefes da cruzada assinalassem a deficiência intelectual da massa e os inconvenientes dela.

Pensavam, porém, que, livre o trabalhador da tirania do capital, poderia então cuidar da sua cultura e melhorar o cérebro. Ferrer, republicano, assim parece haver suposto e a sua atitude era evidentemente a falsa dos socialistas.

As refregas lhe ensinaram, felizmente, melhor rumo. Compreendeu a ineficácia das leis e do governo nas reformas sociais, a mistificação das suas promessas, o logro perpétuo em que ministros e parlamentares vão mantendo o povo eleitor e submisso.

Atinou com a mola principal, mercê da qual os homens de cima exploram descansadamente o labor dos homens de baixo. Essa mola é a ignorância.

A escravização dos braços só se faz pela escravização da inteligência. A escravidão da inteligência se efetua pela educação do Estado e da Igreja. Essa educação consiste no infiltramento de preconceitos e regras tendentes todas a firmar no ânimo das turbas a obediência passiva aos mandões.

Exige a Igreja o respeito aos dogmas; exige o Estado o respeito às leis.

Dogmas e leis revertem a favor dos seus promulgadores e mantenedores em prejuízo dos dirigidos: trabalhadores e crentes.

Como resolver, portanto, o grande problema? Destruindo os preconceitos, aclarando a inteligência da multidão obscurecida, apontando-lhe os erros, os desatinos, as imoralidades das doutrinas que lhe dão, substituindo-as pela verdade científica assentada exclusivamente na razão observadora.

A missão da Escola Moderna é esta: esfoliar o cérebro do povo, elevar, como disse Ferrer, o nível da mentalidade humana, pela disseminação dos conhecimentos bons, banindo de vez a atabafante aluvião de lendas, cultos, superstições, milagres, com que se aterrorizam hoje as consciências para dominá-las.

Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo o mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de ódio cujo embate balanceou o trono malsinado, esse vozear de protesto, esse alarido de meia humanidade indignada representa o homem futuro, o Hércules que nasce, que retesa os músculos, que investe afoitamente contra a hidra-autoridade.

Nós contemplamos serenamente no nosso posto de combate, do cantinho onde metralhamos também as forças da rotina, o desenrolar do grande drama.

Na sucessão interessantíssima dos quadros, esse da morte de Ferrer nos elucida o entrecho com uma energia sugestiva tão violenta que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose deslumbrante do racionalismo libertário.

85

*13 de outubro*⁹⁷

• • • • •

NA ESPANHA, COMO EM TODA PARTE, O IDEAL DE EMANCIPAÇÃO humana tem merecido sempre a mais terrível e implacável perseguição da parte dos poderes constituídos para a defesa e segurança dos iníquos privilégios das castas parasitárias e capitalistas.

E essa perseguição ao que é novo, ao que é belo, ao que é sublime e justo se tem verificado em todos os tempos, através dos séculos, como se pode facilmente evidenciar em face da história da civilização, em cujas páginas aparecem, aureolados de glória, os nomes de tantos heróis que, mesmo a despeito do ódio e das perseguições movidas pelos espíritos retrógrados da sua época, não se esmoreceram na luta nem se retrata-ram diante dos tiranos, trabalhando heroicamente para o alevantamento moral e intelectual da humanidade por meio da propaganda das novas doutrinas que lhe abriram novos horizontes ao ideal de bem-estar e felicidade, que constitui a nossa suprema aspiração.

Sócrates, o grande filósofo, é condenado à morte por pregar uma doutrina contrária aos interesses das castas parasitárias de seu tempo; Jonh Huss, Savonarola e Giordano Bruno merecem a mais terrível condenação da casta sacerdotal a que pertencem e pagaram com suas vidas a temerária ousadia de revelar algumas verdades ao povo; Tolstoi, o grande apóstolo do ideal do bem, do amor e da justiça não escapa às fúrias reacionárias da matilha ululante nem deixa de sofrer as consequências de seus atos de abnegada dedicação à causa da humanidade – porque para a tirania governamental de todos os tempos e de todas as nações não há,

[97]. PENTEADO, João. **A Plebe**. São Paulo, SP, Ano 05, n. 125, p. 1, 15.10.1921.

nem pode haver, maior delito do que abrir os olhos ao povo, pregando-lhe uma doutrina cujo espírito fortemente alicerçado no ideal de liberdade e de justiça venha contrariar os interesses das castas dominadoras e trazer, como consequência, o enfraquecimento do seu poder e da sua autoritária pretensão de dominar as consciências das massas trabalhadoras.

E por isso, mais do que por outro motivo, Ferrer mereceu a condenação das castas parasitárias da Espanha clérigo-monárquica, que não só viam na sua pessoa a grande força propulsora do ensino racionalista e um lutador inteligentemente compenetrado do valor e virtude do ideal revolucionário que agita as massas trabalhadoras em todas as nações civilizadas, mas também viam claramente em toda a extensão de seus atos de propaganda evangelizadora um espírito audaz e empreendedor que facilmente sugestionava as massas proletárias de seu país, apontando-lhes a rota a seguir para a consecução do ideal de bem-estar e de liberdade, e atraía, ao redor de si, para com ele colaborar, os homens de gênio e de coração, tanto da Espanha como de outras nações, os quais com verdadeiro brilhantismo prestaram valioso concurso para a obra da Escola Moderna, já concorrendo com a sua colaboração para a revista da propaganda racionalista – *Boletim da Escola Moderna*, editada na sede da Constituição, em Barcelona, já se prestando a traduzir as obras de divulgação científica com que Ferrer procurou contrapor os nefastos efeitos das superstições e preconceitos políticos e religiosos que tanto infelicitam as massas proletárias.

Os reacionários, pois, temiam-no e odiavam-no, porque viam sempre em Ferrer um inimigo, que ameaçava de morte as instituições burocráticas e a supremacia de todos aqueles que religiosa e politicamente pretendem viver boa vida à custa da miséria e do obscurantismo das classes produtoras.

Daí a razão de usarem de todos os ardis a fim de o eliminarem, embora para isso fosse preciso o emprego dos mais torpes e vergonhosos processos jesuiticamente empregados por Maura e Lacierva.

O caso da greve geral revolucionária que dominou a cidade de Barcelona serviu de pretexto para prisão, julgamento e sumária execução de Francisco Ferrer, que assim pagou com o sacrifício da própria vida o seu muito amor à causa do bem-estar e da liberdade de todas as vítimas da exploração burguesa e capitalista.

Mas enganaram-se as hienas e os chacais sanguissedentos que, na Espanha, representam o Estado e a Religião porque, ao matarem Ferrer, tornaram-no ainda maior, imortalizaram-no e deram mais vida e mais força àqueles mesmos ideais de amor e de justiça por ele defendidos, provocando o protesto dos livres-pensadores de todas as nações contra o despotismo que o vitimara.

E nós hoje, prestando homenagem à memória do grande precursor da revolução social, não podemos deixar de lembrar também o sacrifício de outras vítimas não menos heroicas que tombaram com Ferrer na tradicional e fatidicamente célebre fortaleza de Montjuich.

86

*Francisco Ferrer*⁹⁸

• • • • •

13 de outubro de 1909 – 13 de outubro de 1921

SE QUISÉSSEMOS UM EXEMPLO DE QUANTO VALE O ESFORÇO, A CONSTÂNCIA, a pertinácia dum indivíduo para a consecução e realização das mais levantadas ideias, dos mais nobres e grandiosos projetos, dos mais justos e moralizadores objetivos, iríamos sem dúvida procurar a figura heroica e máscula de Francisco Ferrer, o fundador, orientador, o arquiteto genial dessa maravilha educativa que se chamou ESCOLA MODERNA.

Figura saída das mais fundas camadas populares, tendo exercido os mais rudes e humildes misteres, conseguiu, à força de boa vontade, de estudo, de observação permanente, de meditação e leitura constantes, adquirir tal visão dos acontecimentos, tal perspicácia na apreciação dos homens e da política, tal apreciação e conhecimento dos fenômenos sociais, econômicos, morais, religiosos e intelectuais, que bem depressa renegou todo esse conjunto de regras e normas e embustes de que vive esta sociedade burguesa, podre, corrupta e exploradora, que se julga privilegiada dos deuses, na sua obra de embrutecimento e de extorsão de toda a humanidade em seu proveito único e exclusivo; e estudou um meio que conseguisse furtar a parte mais sã, numerosa e desamparada, isto é, todo o conjunto de trabalhadores, de produtores, à soberania dessa minoria de parasitas que se inculca dona, senhora e proprietária de tudo e de todos,

[98]. (Não assinado). **A Alvorada**. Petrópolis, RJ, Ano 01, n. 14, p. 1-2, 16.10.1921.

baseada na sua audácia, prepotência e desavergonhice, assentando ao mesmo tempo na covardia, na ignorância, na apatia e na poltronice dos eternamente esbulhados e dos ininterruptamente vilipendiados.

E desse estudo profundo e laborioso, surgiu o magnífico plano da sua magnífica Escola. Mas a realização desse plano exigia despesas enormes! Nem assim desanimou. E ocasião se ofereceu de pessoa benemérita, interessada na sua obra pelo calor e pelo entusiasmo com que ele a defendia, lhe proporciona os fundos necessários a tal cometimento.

De posse dos meios indispensáveis, meteu ombros à empresa superior de fundar em Barcelona uma escola modelar, original, simplesmente racional e científica, onde as crianças a ela confiadas recebessem uma educação livre, completamente despida de preconceitos, de superstições, de dogmas e desconchavos de qualquer espécie, dando-se somente atenção ao fato verificado, deduzido, experimentado, observado, analisado e realizado pelo próprio aluno, como é fácil realizar num laboratório de química ou de física.

E o sucesso foi promissor. Não demorou muito que as principais cidades de Espanha tivessem uma ou mais escolas, onde se adotavam os métodos, os programas, os livros usados e publicados pela Escola Moderna de Barcelona, tudo sob as vistas, a inspeção e a superintendência do inolvidável educador Francisco Ferrer.

Mas a Espanha, como ninguém ignora, é o clássico país dos mosteiros, das touradas, da inquisição, dos queimadeiros, dos autos de fé, da fradalhada, da beatada, da padralhada. E, diante da perspectiva de ficarem à fome e às moscas, proporcionando-se uma educação à infância que a furtasse e libertasse de todos os parasitismos existentes, toda esta tropilha de piratas, toda esta cambada de flibusteiros, toda esta chusma de abutres de casaca e de batina se moveu num impulso único, satânico, tenebroso e, num berro estentório e esganiçado, ulularam como nos bons tempos da santa Inquisição: – Morte ao herege! Fogueira ao incrédulo! Masmorra ao maçom! Bala ao anarquista!

E os chefes da quadrilha reacionária e monárquica, Maura o Fatídico, Maura o Sinistro e Becerra del Toro, a Besta Fera, mais que depressa entregaram às balas assassinas dum inconsciente pelotão de soldados essa figura honrada e austera que, por muito amar a humanidade angustiada e sofredora, mereceu a cólera, a ira e os rancores da corja negra

que vive das trevas, dos logros, dos enganos, das mentiras, das torpezas, da ignorância e da miséria em que vegeta a pobre humanidade.

E foi assim que, na madrugada de 13 de outubro de 1909, dentro do maldito, do negro, do abominável castelo de Montjuich, em Barcelona, perdeu a vida o grande paladino, o nobre apóstolo, o pedagogo exímio e o mais nobre e desinteressado amigo da infância, gritando como último apelo e reivindicação: “– Viva a Escola Moderna!”.

Estava consumado o grande crime. A reação esfregou as mãos de contente. A figura mais suave e generosa da geração moderna, só comparável a Sócrates na Antiguidade, tinha, à maneira deste, sido acusado de corrupto da juventude e, como ele, tinha bebido o copo da cicuta, mascarado na fórmula moderna dum fuzilamento.

Honra à sua memória.

Glorifiquemos a sua obra.

Propaguemos os seus métodos, os seus escopos, os seus desejos.

Disseminemos e espalhemos por todo o orbe os seus exemplos, as suas doutrinas, os seus sábios conselhos, os seus ensinamentos.

Combatamos e desprezemos os seus algozes, os seus detratores, os seus adversários e caluniadores.

Gritemos do fundo de nossos peitos.

– Viva Francisco Ferrer!

– Viva a Escola Moderna!



FRANCISCO FERRER TEVE UMA VIDA COMPLETAMENTE DEDICADA AO bem da humanidade e, principalmente, dedicada à educação da infância na Espanha. Possuidor de vastos conhecimentos, não lhe foi difícil chegar à conclusão de que o ensino e a educação ministrados à infância, eivados de erros e moldados em primitivos, deficientes e antirracionais métodos, longe de preparar indivíduos aptos para enfrentar a vida com a consciência de seus atos em plena faculdade de raciocínio, investigando, deduzindo e concluindo, torna-os um verdadeiro autômato movido pelos preconceitos absurdos.

Daí, naturalmente, concluiu Ferrer a necessidade de basear-se o ensino da infância não no método impositivo, autoritário e quase sempre sectário, matando a faculdade de raciocínio, a única que distingue o homem na espécie animal.

Dedicou-se à pedagogia, que nele encontrou um decidido propulsor, estabelecendo o método chamado racionalista, que empregou com vantagem na Escola Moderna, que fundou e dirigiu em Barcelona.

Ferrer, para a execução e sistematização de sua obra, teve auxiliares de valor indiscutível, tais como C. A. Laisant, J. F. Eislander, Ernesto Haeckel, William Haeford, Giuseppe Sergi, H. Boord Von Eysinga e senhorita Henriette Meyer, com os quais fundou na Europa a Liga Internacional para a Educação da Infância, com sede em Paris.

Apesar, porém, da utilidade da sua iniciativa e das vantagens do método racionalista, a perseguição do clero espanhol o fez sucumbir fuzi-

[99]. (Não assinado). *O Sindicalista*. Porto Alegre, RS, Ano 07, n. 06, outubro de 1925.

lado, nos fossos de Montjuich, a 13 de outubro de 1909, como implicado nos acontecimentos da “semana sangrenta” de Barcelona.

Apesar do protesto mundial que essa condenação despertou, a sentença foi executada. É que a Espanha reacionária via que a obra de Ferrer espargia muita luz, onde ela desejava só existissem trevas.

Mais tarde, foi demonstrada plenamente a não participação de Ferrer nos acontecimentos a que aludimos, como aliás o souberam sempre aqueles que o acusaram.

Absorvido inteiramente pelos trabalhos da Escola Moderna; empenhando-se em difundir-la o quanto possível, Ferrer não tinha outras preocupações senão o engrandecimento da obra a que dedicara todas as suas energias, tanto que, só na Espanha, no curto espaço de três anos, devido à sua tenaz propaganda, foram fundadas 173 escolas, obedecendo ao mesmo método de ensino da Escola Moderna.

A Escola Moderna publicava mensalmente o *Boletín de la Escuela Moderna*, revista superiormente redigida por ilustres educacionistas e editou grande número de livros de instrução para a mocidade. A pedido de Ferrer, o conhecido escritor Jean Grave, diretor do *Temps Nouveaux*, de Paris, escreveu o interessante livro de leitura *Terra Livre*, para a Escola Moderna. A grande obra do extraordinário geógrafo e escritor anarquista Eliseu Reclus, *O Homem e a Terra*, foi igualmente editada por sua iniciativa.

Comemorando a passagem de mais um aniversário do fuzilamento de Francisco Ferrer, a S. Pró-Ensino Racionalista”, efetuou, a 13 do corrente, no Salão Ruy Barbosa, uma sessão solene em que falaram vários oradores, associando-se a essa comemoração a Federação Operária, desta capital.

88

*A obra de Francisco Ferrer*¹⁰⁰

• • • • •

QUERO APENAS TRAZER À MEMÓRIA DE FERRER A CERTEZA DE QUE suas últimas disposições testamentárias, legadas a todos nós, de consciências livres e, em particular, aos professores, têm sido escrupulosamente cumpridas por mim na carreira do magistério.

São suas últimas vontades: “Desejo que não façam, em ocasião alguma, qualquer que seja o pretexto, manifestação de caráter político ou religioso, perante meus restos mortais, pois considero que o tempo gasto com os mortos pode ser empregado melhor aperfeiçoando a condição dos vivos. Desejo que meus amigos falem pouco, ou melhor, não falem de mim, porque são criados ídolos quando se exaltam os homens, o que constitui um grande mal para o futuro da humanidade. Que os atos tão somente sejam analisados por uma crítica severa, a fim de que os imitem quando concorrem para o bem comum e os desprezem para que não se repitam, quando prejudiciais”.

Que admirável energia! Não o abateu a sentença iníqua. Seu espírito empreendedor, horas antes de cair sob as balas assassinas, estava inteiro preocupado com a sua obra – a escola livre; a criança salva de ridículas superstições que a tornam covarde, sem iniciativa própria, sempre vigiada e ameaçada por um deus algoz, nova modalidade de papão com que a atemorizam nos primeiros anos de vida.

Quero, como Ferrer, admiradora que sou de sua obra, a escola livre de todas as crendices e preconceitos arcaicos, inexpressivos da religião, substituídos, com vantagem, pela compreensão exata do que nos cumpre

[100]. CUNHA, Isabel. *A Lanterna*. São Paulo, SP, Ano 11, n. 363, p. 1, 12.10.1933.

fazer como partículas que somos de um todo, cuja harmonia depende do aperfeiçoamento de cada um.

Muito mais do que as nossas homenagens, o valor de Ferrer é atestado pelo furor com que os retrógrados, os parasitas sociais – clero e realeza – o perseguiram e procuraram aniquilar sua obra. Néscios, supunham destruir o ideal matando o idealista, deslembados da lição da História que nos mostra o poderio da Igreja Romana despontando com os primeiros cristãos que se deixaram matar pelo seu credo.

Mais do que nunca, é preciso defender a escola contra a investida destes aventureiros que veem na criança, escrava dos dogmas, a presa fácil que lhes assegurará a perpetuidade do parasitismo. Bem sabem, os “santos missionários”, a plasticidade do cérebro infantil e o quanto lhe custará, chegada a virilidade, libertar-se das superstições e de todas as parvoíces que lhe impingiram ditatorialmente. Todos nós, emancipados de hoje, passamos pela angústia do período de transição, em que o raciocínio puro, em luta com os primeiros ensinamentos, reivindica o direito de viver por si, expurgando as inúteis e contraditórias teorias religiosas. Através da mulher inculta e indolente, o clero romano, manejando com os encantos femininos para prender o homem, tem vivido imune na sua vida de rapinagem.

Através da criança, procura garantir-se no futuro.

Santa moral!

A polícia persegue certa casta de indivíduos, por viverem à custa da miserabilidade feminina; e, no entanto, o padre fica impune. Em que um difere do outro? Ambos não exploram habilmente a inexperiência feminina para auferir lucros que lhes garantam viver na ociosidade?

Apenas diferem os campos de ação.

O primeiro, sempre sob vigilância policial, atua num meio que a sociedade já desclassificou, embora seja uma resultante da sua própria organização; o segundo, o mais nocivo, o padre, tem liberdade de ação. Franqueiam-lhe as portas dos lares e, na intimidade do confessionário, numa atmosfera de incenso e penumbra, exerce sobre as donzelas e as esposas um poder discricionário.

Santa moral!

Leão XIII, a raposa mais fina que já passou pelo Vaticano, disse: “A escola é o campo de batalha onde se decide se a geração futura ficará ou não católica; é para nós, católicos, questão de vida ou de morte”.

Sim, a escola é o campo de batalha. Tomemos, pois, posição de combate.

Nós, os professores laicos, os esperaremos; não armados de instrumentos de morte para os aniquilar fisicamente; porém com o raciocínio puro, dissecando aos olhos da criança sua ação demolidora da felicidade; apresentando-os sob seu verdadeiro aspecto – ridículos fantoches, agentes exploradores duma empresa há muito falida – a Igreja.

Seja nosso lema, a senha entre todos nós, suas últimas palavras – “Viva a Escola Moderna!”.



Alocução do camarada José Oiticica na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 1932, na sessão comemorativa do fuzilamento de Ferrer.

COMPANHEIROS

Estamos uma vez mais reunidos para lembrar o infame feito do fuzilamento de Ferrer, ocorrido há 23 anos, numa quinta-feira, 13 de outubro de 1909.

Relembramos o feito e havemos de lembrá-lo sempre, e o lembrarão todos os anticlericais da terra enquanto nesta perdurar a instituição nefanda que Voltaire crismou com o título de infame: a Igreja Católica Apostólica e Romana. O epíteto caustificante, ela o tem merecido porque, na sua infamada história, não passa um só ano sem o registro infamoso de uma infâmia nova.

O assassinio de Ferrer, entre esses lances da pouca-vergonha e selvageria humana, mais se distingue ainda, porque nele o requinte da burla e a dose da maldade assumiram proporções tais que lograram provocar, em toda a terra, formidáveis protestos e gritos de indignação.

Já o ano passado vos dei aqui uma ideia vaga do que foi esse clamor mundial contra o governo espanhol e contra a igreja torpe, assassinos aparceirados de um inocente.

Se de novo tomo a palavra e vos leio estas poucas laudas comemorativas, é que desejo, mais uma vez, unir à voz universal de anátema o meu grito de morte à negragada instituição capitaneada hoje, *in nomine*,

[101]. OITICICA, José. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo, SP, Ano 01, n. 44, p. 1, 14.10.1933.

pelo pseudossucessor de Cristo, Bento XI, e na realidade, pelo geral dos jesuítas, o polaco.

É que Ferrer é um símbolo. Simboliza a crescente vaga de revolta contra a tirania e o parasitismo, duas mãos gêmeas do mesmo monstro a cevar-se no labor alheio.

Ferrer é um setor na frente revolucionária que, na primeira Internacional, tomou consciência de si mesmo. Sim, porque, antes dessa Internacional, os assomos de revolta rompiam de vários pontos, mas convergiam desorientados para miras falsas, visavam, ludibriados, trincheiras fingidas, não focavam, por hábil disfarce do inimigo, o quartel mestre a destruir.

A primeira Internacional teve este grande mérito: desmascarou de uma vez o adversário e apontou, um por um, seus aliados naturais e históricos: a nobreza, o clero, os políticos de toda cor, os falsos pastores socialistas e republicanos.

O setor de Ferrer foi a escola. Descoberto o inimigo, o exército inerme dos pés raspados entrou a excogitar que meios lhe azariam mais fácil desmantelamento do secular castelo capitalista.

Dos vários meios, um prevaleceu na corrente anárquica: união dos trabalhadores braçais ou intelectuais e, conseqüente a ela, greve geral expropriativa. Dar ao trabalhador, primeiro, a consciência do seu direito, mostrando-lhe que é roubo a propriedade particular; depois levá-lo à negação da propriedade, socializando a terra e os instrumentos de lavoura.

Entretanto, surgia outro preliminar problema: como unir os trabalhadores, como dar-lhe a visão clara do problema se eles eram analfabetos, se no analfabetismo os quer manter premeditadamente o Estado capitalista? Como explodir neles uma fagulha de revolta se os cleros de várias seitas, em nome de um deus algoz, lhes pregam a passiva sujeição de azémolas e lhes ata as mãos desapropriadoras com o pavor de um futuro inferno?

Desse singelo raciocínio, tão claro à primeira vista, logicamente irretorquível, fez-se a corrente revolucionária que eu chamarei **educacionista**.

Ferrer, seu mais notável propagador, realizador e mártir, assim a condensava na seguinte carta a Henriette Meyer:

“Só me cabe lamentar a decisão que, conservando-a a sua família, lhe impede vir juntar-se a nós para desenvolver aqui o ensino racional que estamos inovando e em que depositamos nossa confiança. Para alterar o modo de ser da humanidade, não há, penso eu, mais urgente coisa que a fundação de um sistema educativo tal qual o compreendemos e que, dando frutos, irá facilitar a marcha avante, tornando muito mais possível a conquista de toda ideia generosa. Suponho, por isso, que trabalhar desde já para a abolição da pena de morte ou para a greve geral sem saber como educar nossos filhos, é começar pelo fim e perder tempo.

A tal conceito, contrapunham os anarquistas e contrapõem ainda a seguinte objeção:

“Vosso raciocínio, camaradas educacionistas, é perfeito e nada vos temos que redarguir. Apenas vos lembramos que, para a realização da vossa incomparável obra, uma preliminar se impõe. Essa preliminar é simples: que o Estado capitalista e clerical permita a vossa escola. Sim, releva antes de tudo saber se o gato consente em que lhe amarrem ao pescoço o guiso.

A isso, responderam que as leis consignadas em todas as legislações modernas asseguram aos cidadãos plena liberdade de ensino e propaganda ideológica.

Sim! Retrucavam os objetores; com uma condição, porém, que o ensino seja igual ao do Estado e que a ideologia não contrarie os altos interesses do Estado e a santa moral dos nossos pais, isto é, da Igreja Católica.

Este argumento não desconveneu e ainda não desconvence os educacionistas de todas as categorias. Mas Ferrer, lamentavelmente, espiou sua surdez aos avisos dos menos ingênuos.

Suas escolas molestavam nobres e padres. Fácilmo foi achar pretexto para fechá-las dentro da lei. Restava ao confiante apóstolo a liberdade de propaganda. Sua casa editora iria espalhar aos quatro ventos as ideias sãs, desemaranhadas de mentiras religiosas e patranhas políticas. Nenhuma lei do Estado espanhol vedava circulação a livros onde a ciência mais apurada se continha.

Mas há leis e leis. Quando algum indesejável vai, dentro da lei, incomodar o sacratíssimo sono de suas Majestades e suas Santidades, com três silogismos da hermenêutica e dois passes jesuíticos, o que estava deixa de estar e o que existia deixa de existir.

Contra todas as possibilidades possíveis, o educacionista Ferrer foi fuzilado. Essa pena máxima foi um doloroso aviso e amargurada prova de quanta razão tinham os descrentes numa revolução pela escola. Ela mais nos confirmou neste aforismo nosso: primeiro a revolução, depois a educação. Não poderemos nunca educar os nossos filhos contra o regime burguês capitalista clerical, enquanto forem os capitalistas e os cleros donos absolutos das escolas, dos presídios a Montjuich e dos pelotões de fuzilamento.

Quererá dizer isso que toda obra educativa seja inútil?

Longe de nós tal pensamento. A obra educativa é importante, mas essa obra educativa não se deve dirigir às crianças. Tem de dirigir-se aos adultos, aos trabalhadores dos campos e das fábricas e há de ser uma só, a mais urgente, a mais eficaz, a educação revolucionária. Pregar uma ideia só: a de injustiça humana fundamental, essa inqualificável posse da terra pela minoria privilegiada, muitas vezes imbecil e imoral em detrimento da maioria produtora, maltrapilha e escorchada. Depois um processo único de abater essa injustiça: a luta direta dos produtores contra os açambarcadores. Nossa propaganda, nossos discursos, nossa atividade, longe de começar por nossos filhos, devem começar pelos pelotões de fuzilamento. No dia em que a burguesia não achar trabalhadores que fuzilem Ferrers, tem de capitular. Essa a lição mais alta, mais profícua, mais evidente que tiramos do assassinio de Francisco Ferrer.

Essa lição vem confirmada pela queda fragorosa da monarquia e pelo iminente risco da República socialista espanhola. Fossemos esperar pela obra educacionista nas escolas, estaríamos ainda no **b, a, bá** da cartilha revolucionária. Ao contrário, a arregimentação dos trabalhadores em nome da ação direta, com o fim mais ou menos remoto ou mais ou menos próximo, da GREVE GERAL acelera formidavelmente o treino revolucionário dos sindicatos, que, na rua, são **povo consciente**. Essa **consciência** revolucionária contamina mui depressa os obreiros de farda e tal contaminação é a ruína célere e infalível de toda a máquina estatal.

Honremos em Ferrer um nobre mártir do mais sublime dos apostolados—a redenção econômica e mental dos homens—e estigmatizemos no seu trágico fim o Estado carniceiro de Espanha, consanguíneo dos demais Estados carneiros, e o clero católico, colateral dos demais cleros, toso hipócritas, impostores e servís.

Neste ano de 1932, lembremo-nos, lembrando o martírio de Francisco Ferrer, que os seus assassinos de 1909, muitos deles ainda vivos, já espiam em parte o grande crime e veem tremendo avolumar-se, crescer contra eles, o exército fremente, o exército vitorioso, o exército vermelho dos trabalhadores espanhóis, vitoriosamente arregimentados na sua Confederação Nacional do Trabalho, guiados pela sua incomparável Federação Anarquista Ibérica, todos ansiosos e em vésperas do definitivo ajuste de contas.

Ninguém mais no mundo poderá impedir a vingança de Francisco Ferrer.

90

Comemoração de Francisco Ferrer no “Paraíso”¹⁰²

• • • • •

A IDEIA NÃO SE PRENDE: LUMINOSA, TRIUNFANTE, PASSA A MURALHA ESPESSA DAS PRISÕES E VAI ACENDER NA MULTIDÃO DAS MASSAS A CHAMA DAS REIVINDICAÇÕES SOCIAIS

É RAMOS VINTE E CINCO: VINTE E CINCO PRESOS SOCIAIS. EMBORA divergentes em princípios e nos métodos de luta, entre todos os que nos achávamos no dia 13 de outubro entre as grades da cela nº 3 do “Paraíso”, (oh! ironia!) comemorou-se conjuntamente a passagem do 23^{o103} aniversário do fuzilamento de Ferrer.

A proposta partira dos nossos “primos” stalinianos que lá se encontravam presos. Nós, os libertários, acedemos da melhor vontade; o mesmo fizera os trotskistas presentes. A sessão teve início às quinze horas.

O camarada Hermínio abriu a sessão com um discurso substancioso e eloquente. Estudou a personalidade de Ferrer como homem de ação, como educador e como anarquista. Disse das lutas travadas pelo povo contra a guerra de Marrocos, da explosão popular contra o massacre de rifenhos e de espanhóis em holocausto aos plutocratas bourbônicos, e

[102]. (Não assinado). **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo, SP, Ano 02, n. 45, p. 4, 21.10.1933.

[103]. **Nota do Org.**: Francisco Ferrer y Guardia foi fuzilado em 13 de outubro de 1909. Portanto, na data de comemoração, fazia 24 anos de seu fuzilamento e não 23.

nos parasitas da nobreza espanhola, até coroar-se em sangue generoso nos dias da semana vermelha em Barcelona, que terminou com a tragédia de Montjuich, onde cinco camaradas foram fuzilados pelas forças reacionárias triunfantes, contra a opinião unânime do povo livre de todo o mundo.

Quando o nosso camarada discursava, notamos que não o estava fazendo só para nós, que com ele estávamos presos.

Através dos cinquenta centímetros de grade, tivemos o gosto de ver que no corredor se havia aglomerado toda a população livre do presídio: funcionários, escrivães, cozinheiros, ajudantes e soldados da guarnição estavam atentos, uns disfarçadamente, outros rodeando a nossa cela transformada em salão.

Ao terminar o discurso, ouvimos aplausos que partiam de outras celas, vivas à liberdade e outras expressões de esperança e de condenação ao regime em que vivemos. Discursou depois um “staliniano” que disse muitas coisas na dialética marxista. Misturou, muito de propósito, Escola Racional de Ferrer com Escola Leiga burguesa. Acabou oferecendo, como sempre o fazem, um prato de insinceridades, intitulado “Frente Única”. Esta não foi nem sequer “provada”.

Acabou-se a sessão com as notas vibrantes de “A Internacional” e com o hino “Filhos do Povo”, entoados por todos os presentes e com o aplauso geral de todos os recantos do presídio.

91

Em Campinas.

Comemoração de Ferrer pela

*Liga Anticlerical*¹⁰⁴

• • • • •

CONFORME NOTICIAMOS EM NOSSO ÚLTIMO NÚMERO, TEVE LUGAR, em Campinas, na sede da Liga Anticlerical, uma sessão comemorativa do fuzilamento de Francisco Ferrer, fundador da Escola Moderna.

Desta Capital, seguiram para aquela cidade, a fim de tomarem parte nessa comemoração, representando o jornal *A Lanterna*, os companheiros J. Carlos Boscolo e J. Gavronski.

Foi oradora oficial, a convite da Liga Anticlerical, d. Maria Lacerda de Moura, que leu uma belíssima conferência sobre a finalidade da obra do grande racionalista.

Falou também o camarada J. Carlos Boscolo, tendo o ato finalizado com indescritível entusiasmo, ficando patente a obra que a Liga Anticlerical de Campinas está realizando.

[104]. (Não assinado). **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo, SP, Ano 02, n. 45, p. 4, 21.10.1933.



Comemora-se hoje a data do fuzilamento do grande educador espanhol que, fundando a Escola Moderna, quis libertar a criança das garras da estupidez e da ignorância

HÁ 25 ANOS, EM MONTJUICH, TOMBAVA, NO DIA DE HOJE, FUZILADO pelas balas assassinas da autocracia espanhola, o educador Francisco Ferrer y Guardia.

O que foi essa tragédia que enegrece a história da Espanha, todos o sabem já. Francisco Ferrer, fundador da Escola Moderna, criador de uma pedagogia que abria à mente das tenras criancinhas o caminho da sabedoria, não queria consciências algemadas.

O panorama do mundo escravo aos preconceitos religiosos; a visão da estupidez, fruto da educação jesuítica; a dor de ver os sentimentos acorrentados às concepções dogmáticas, comprimiam o coração de Francisco Ferrer, onde transbordava a seiva da fraternidade humana.

E o seu sonho de ver as crianças arrancadas à submissão do jugo clerical; de ver refletir nos rostos infantis as cores da alegria e da saúde, fruto de uma educação sadia baseada na experiência e no livre exame, começou a ser para Francisco Ferrer a preocupação máxima da sua vida.

E a realização da Escola Moderna foi um fato. Não será preciso lembrar os sacrifícios que o grande educador teve que suportar, os obstáculos

[105]. PASSOS, Souza. **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo, SP, Ano 02, n. 73, p. 3, 13.10.1934.

a vencer, tendo-se em conta que o ensino da Escola Moderna se baseava na verdade científica e Francisco Ferrer vivia num país dominado pelos jesuítas.

Ia desaparecer das frentes juvenis da criança a cor emurchecida dos mosteiros; o caráter sombrio toldado pela cerração da ignorância e semeado de dúvidas e suposições absurdas; as crianças iam saber, iam conhecer as alegrias da dúvida desfeita, iam respirar a liberdade.

E isso equivalia à formação de consciências, de caracteres firmes e humanos, de valores individuais, de seres preparados para a conquista da ciência.

Isso equivalia à derrocada da mentira, da estupidez, da submissão ao dogma, do domínio do clero. Não poderia mais ser canalizado para as arcas do Vaticano o fruto das suas roubalheiras, das suas intrigas, dos seus crimes.

A Escola Moderna era um empecilho porque propagava a ciência. E era preciso asfixiar a ciência, matar a Escola Moderna, fuzilar Francisco Ferrer.

O pretexto de um movimento proletário, consequência das lutas sociais para as reivindicações dos trabalhadores, deu aos jesuítas essa oportunidade.

Francisco Ferrer não havia tomado parte, nenhuma interferência tivera como depois ficou provado. Mas que importava isso para a cleri-canalha?

Era preciso fuzilar Ferrer e o fuzilariam.

Eles são mestres da calúnia, peritos na intriga, a inocência de Francisco Ferrer não seria obstáculo aos seus desígnios. E Ferrer foi fuzilado.

Mas o sangue do mártir germinou numa pletora de anseios, e a humanidade, fazendo da morte de Ferrer uma bandeira em que já havia o sangue de outros mártires da ciência, continua a sua marcha, cada vez mais acelerada, para o futuro, em busca da realização anárquica do sonho de Francisco Ferrer y Guardia, que queria ver as crianças ao sol, ao ar, à luz, rodeadas de carinho, de amor, de vida e de saúde!

93

*Centro de Cultura Social*¹⁰⁶

• • • • •

HOJE À NOITE, DAS 20 HORAS EM DIANTE, O CAMARADA FLORENTINO de Carvalho fará uma conferência no salão da rua Quintino Bocaiuva, 80, subordinada ao tema: “A base intelectual dos partidos políticos modernos” e com o seguinte sumário:

PRIMEIRA PARTE

Sistemas contraditórios – Período de evolução – Ascendentes da humanidade – Helenismo

SEGUNDA PARTE

Declínio da civilização – Concepções religiosas – O problema da alma

TERCEIRA PARTE

Influência do cristianismo na formação das doutrinas políticas modernas – Teologia das entidades e das representações – Panteísmo – Positivismo – Concepções místicas de Schopenhauer, Darwin, Nietzsche e dos filósofos da social democracia, respectivamente

QUARTA PARTE

Prova experimental sobre a concepção ateísta.

[106]. (Não assinado). **A Plebe**. (Nova fase). São Paulo, SP, n. 76, p. 4, 24.11.1934.

.....

Plano inicial da coleção
Pensamento Social Anarquista—
Palavras Explicativas

.....

A CONCEPÇÃO DESTA COLEÇÃO SURTIU QUANDO INICIEI AS PESQUISAS em torno dos jornais, revistas e livros elaborados pelos anarquistas do início até meados do século XX no Brasil. A ideia, com esta coleção, é tornar acessível, tanto a quem estude o pensamento social produzido no Brasil como também faça pesquisas e tenha interesse no movimento operário deste período, textos valiosos guardados em arquivos, bibliotecas públicas e acervos particulares. O desconhecimento atual do pensamento social elaborado pelo mundo do trabalho sob vibração anarquista é estarrecedor. O apagamento das elaborações intelectuais do mundo do trabalho constitui ação planejada, articulada à decisão política, mais ampla, de supressão, no imaginário coletivo, da presença singular dos setores populares na configuração de nossa sociedade. O nome apropriado para entender esta medida é epistemicídio. Por isso, reeditar livros cujas edições foram poucas ou, caso mais expressivo, únicas constitui o objetivo principal desta coleção. Além da reedição de livros, procedi à montagem, em volumes temáticos, de coletâneas com artigos retirados de jornais, revistas, folhetos e demais produções impressas do movimento dos trabalhadores no Brasil. Com a palavra “inicial” no título acima, procuro indicar o caráter de continuada elaboração e organização dos volumes temáticos nesta coleção. À medida que retorno aos artigos transcritos, o conjunto desses textos me sugere o tema em torno do qual eles podem ser reunidos. Alguns já estão definidos. Outros podem surgir porque, como ainda estou caminhando nos textos, os assuntos ainda não estão esgotados, inclusive a ordem dos futuros volumes pode ser alterada. Por esta razão, exponho aqui uma relação provisória dos títulos dos volumes.

V. 1 – Lições de Pedagogia. *Maria Lacerda de Moura*
 V. 2 – Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social – *Florentino de Carvalho*
 V. 3 – Civilização, tronco de escravos – *Maria Lacerda de Moura*
 V. 4 – Educação anarquista – Conceitos – *Coletânea*
 V. 5 – Educação anarquista – Experimentos – Francisco Ferrer y Guardia – *Coletânea*
 V. 6 – Crianças e jovens na imprensa operária (1903-1935) – *Coletânea*
 V. 7 – Crianças e jovens na imprensa operária (1909-1968) – *Coletânea*
 V. * – Ferrer, o clero romano e a educação laica (e outros escritos sobre Ferrer) – *Maria Lacerda de Moura*
 V. * – A guerra civil de São Paulo: soluções imediatas para os grandes problemas sociais – *Florentino de Carvalho*
 V. * – A saúde pública analisada pelo mundo do trabalho (1901-1935) – *Coletânea*
 V. * – A saúde pública analisada pelo mundo do trabalho (1908-1968) – *Coletânea*
 V. * – Mulheres (1897-1935) – *Coletânea*
 V. * – Mulheres (1903-1967) – *Coletânea*
 V. * – Racismo e raça (1898-1968) – *Coletânea*
 V. * – Religião e anticlericalismo – *Coletânea*
 V. * – Anarquismo e sindicalismo – *Coletânea*
 V. * – Anarquismo e socialismo – *Coletânea*
 V. * – Anarquismo e anarquia – *Coletânea*
 V. * – Artes, poesia e insubmissão – *Coletânea*
 V. * – Han Ryner e o amor plural – *Maria Lacerda de Moura*
 V. * – Clero e fascismo – horda de embrutecedores / Clero e Estado – *Maria Lacerda de Moura*
 V. * – “A mulher é uma degenerada.” – *Maria Lacerda de Moura*
 V. * – A razão contra a fé – *Benjamim Mota*
 V. * – Rebeldias – *Benjamim Mota*
 V. * – Os sicários do jornalismo – *Mota Assunção*
 V. * – Guerra e militarismo – *Coletânea*
 V. * – Camponeses – *Coletânea*
 V. * – Indígenas – *Coletânea*
 V. * – Brasil visto no mundo do trabalho – *Coletânea*

V. * – Revoluções – *Coletânea*
 V. * – Relações internacionais – *Coletânea*
 V. * – Obituários – *Coletânea*

.....

Formato *16x23 cm*
Tipologia *Alegreya*
Nº de Pág. *263*

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG

